

MARLEI PISSAIA NOVELLO

**TRIBOS DE ADOLESCENTES E SUAS SIGNIFICAÇÕES
SOBRE CONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em Educação, tendo como orientadora a Prof. Dra. Graciela Ormezzano.

Passo Fundo

2007

CIP – Catalogação na Publicação

N939t Novello, Marlei Pissaia
 Tribos urbanas de adolescentes e suas significações sobre
 conhecimento / Marlei Pissaia Novello. – 2007.
 132 f. ; 30 cm.

 Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo,
 2007.
 Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Graciela Ormezzano.

 1. Adolescentes. 2. Grupos sociais. 3. Escola. 4. Conhecimento. 5.
 Sociologia educacional I. Ormezzano, Graciela, orientadora. II. Título.

CDU: 37.015.4

Catalogação: bibliotecária Ana Paula Benetti Machado – CRB10/1641

Aos professores do mestrado, pelos ensinamentos e contribuição para meu amadurecimento como profissional da educação.

Aos funcionários da FAED Bárbara, Thiago e Márcia, pela dedicação e simpatia.

Aos meus alunos do Colégio São José, pelo carinho na realização das entrevistas. Vocês são a paixão do meu trabalho.

À direção do Colégio São José e Apae, nas pessoas da irmã Gema, Adriana e Maria Aparecida, que nos momentos mais precisos souberam me compreender e apoiar.

Às minhas colegas e seus alunos, que com suas orações me incentivaram para a concretização de mais esta caminhada.

À minha mãe Olga, incansável nas orações. Obrigada pelos seus ensinamentos de fé.

Aos meus colegas do curso de mestrado, pelas horas de alegria e reflexão que passamos juntos. Foi muito bom tê-los conhecido.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao meu Deus, por me conceder a capacidade de pensar e descrever todo esse conhecimento, na perspectiva de construir um mundo melhor.

Aos meus pais Olga e Alcides, que desde o nascimento me mostraram o caminho da perseverança e da dignidade.

À minha orientadora Prof. Dra. Graciela, pelas tantas palavras de incentivo. Sem ela tudo teria sido muito mais difícil.

Aos professores examinadores que integram a banca, Dr. Juan José Mouriño Mosquera, Dr. Mauro Gaglietti e Dra. Solange Maria Longui, pelas orientações precisas para atingir o caminho correto.

Ao Antônio, meu lindo amor, meu companheiro, pelo apoio, carinho, dedicação e paciência com todas as horas suprimidas de nossa convivência, em respeito aos meus projetos profissionais.

Aos meus filhos: Andressa, pela energia, competência, serenidade e ponderação, que me tranquilizam, e Matheus, pela determinação, coragem e senso de justiça, que me impulsionam para um patamar de extrema felicidade. Vocês são meus maiores e melhores referenciais no mundo.

Enfim, a todas as pessoas envolvidas em minha trajetória o meu sincero obrigada. Não somos ninguém neste mundo sem somarmos com o outro. É o que nos faz valer a pena viver.

“Pode-se refazer a história, reescrevendo-a em ações que justifiquem o passado, vivam o presente e melhorem o futuro. O lápis está em nossas mãos.”

Autor Desconhecido

RESUMO

No período da adolescência ocorrem transformações bem visíveis no comportamento. Nessa fase, as tribos funcionam como um ritual de reconhecimento, passando a ser o aspecto marcante deste período e deixando de lado a ressignificação do conhecimento recebido na educação formal. Esta dissertação apresenta um estudo sobre o comportamento dos adolescentes pertencentes a tribos urbanas, alunos de uma escola particular de Vacaria e suas significações sobre conhecimento. A pesquisa busca compreender o significado do conhecimento para os jovens, levando em conta suas experiências pessoais, principalmente apoiadas na vivência escolar, através da relação professor-aluno. Inscritos nas culturas juvenis de seu tempo, esses jovens participam de redes grupais onde afirmam suas identidades, condição que se refere a uma escolha e a modos de vida, muito mais que a uma condição biológica. Para realização da pesquisa foram entrevistados doze jovens de idades entre quatorze e dezoito anos, de ambos os sexos, freqüentadores do ensino fundamental (anos finais), ensino médio e curso normal, buscando compreender suas trajetórias, experiências escolares, visão de sociedade e futuro. O estudo apoiou-se nos referenciais teóricos apresentados por L. S. Vigotski, J. Piaget, H. Wallon, especialmente para as questões relativas à construção do conhecimento e comportamentos da adolescência. Relativamente às tribos urbanas, a abordagem baseou-se em Michel Maffesoli. Duarte Júnior contribuiu com seus escritos para que se fundamentasse a importância do saber sensível, num mundo pensado de forma apenas inteligível. No entrecruzamento dos autores citados com outros autores complementares, das reflexões pessoais com todo material recolhido, foi possível perceber as construções realizadas pelos jovens, apoiando-se no método fenomenológico, do qual resultaram as essências: “o significado do conhecimento para os adolescentes”; “escola: convivendo com o saber sensível e o conhecimento inteligível” e “tribos: tempo de compreender”.

Palavras-chave: conhecimento, adolescente, sociedade, escola.

ABSTRACT

In the adolescence period, we find well-noticeable transformation on behaviour. In this phase, the tribes work like a ritual of recognition, which makes it the most important aspect of this period and sets aside the re-meaning of the knowledge received from the formal education. This dissertation shows a study about adolescents behaviour who belong to urban tribes, pupils from school in Vacaria and its meaning about human cognition. In the contemporary urban contexts, we see urban tribes grow, semi-structured grouping of adolescents and young people with a common identification for lifestyle, culture and leisure. The research tries to figure the meaning of the knowledge out for young people taking their personal experiences into account, mainly the ones supported on school experience by the relation teacher-pupil. Inscribed on youth cultures of their time, those young people take part in groups of people where they assert their identities, a condition refers to a choice and lifestyle, much more than a biological condition. For the realization of the research, twelve mixed pupils between fourteen to eighteen years old who study in Primary School (ending grades), Secondary School and Teaching Course were interviewed in order to figure their way, school experience, view of society and future out. The individual interviews gave form to the investigation, having a basic question: what does knowledge mean? Added of secondary questions originated from answers obtained during the meetings. The study was supported on theoretical references shown by Vigotsky (1994), Piaget (1995), Wallon (2003) especially for the questions related to construction of knowledge and behaviour in the adolescence. Relating to urban tribes Michel Maffesoli (2006) was fundamental. Duarte Júnior (2006) contributed his writings to the importance of the sensitive knowledge in a world thought in an intelligible way. In this join of the quoted authors with the complementary ones, personal reflections and all the material collected, it was possible to notice the constructions made by adolescents supported on the phenomenological method which resulted in the following essence: “the meaning of the knowledge for adolescents”; “school: living with sensitive and intelligible knowledge” and “tribes: time to understand”. When we come across some new situations (or expressions) that, at first, it is strange for us, not always we realize the importance of this *to make* and *to want* that reveals sense, which it is often, much bigger than what our eyes can see.

Key-words: knowledge – adolescent – society - school

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....	09
1 REAPRENDER A CONVIVER EM SOCIEDADE.....	19
1.1 Sociedade contemporânea.....	20
1.2 As evidências de uma sociedade afetiva.....	24
1.3 Adolescência: seu papel na sociedade.....	27
1.3.1 Desafios históricos.....	27
1.3.2 Adolescência e afetividade.....	31
1.3.3 Características da adolescência.....	32
1.3.4 A adolescência segundo Piaget.....	34
1.3.5 Conceito de adolescência segundo Vygotski.....	36
1.3.6 Adolescência na concepção de Henri Wallon.....	39
2 O JOVEM E AS TRIBOS URBANAS.....	42
2.1 Tribos urbanas e sua constituição.....	42
2.2 Tribalismo: reencantamento do mundo.....	46
2.3 Tribos urbanas – resposta à sociedade.....	48
2.4 Especificações das tribos urbanas.....	52
2.4.1 Nerds.....	53
2.4.2 Góticos.....	54
2.4.3 Patricinhas.....	55
2.4.4 Mauricinhos.....	56
2.4.5 Emos.....	57
2.4.6 UPV Brothers.....	58

3	ESSÊNCIAS FENOMENOLÓGICAS: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES	60
3.1	O significado do conhecimento para os adolescentes.....	61
3.1.1	Relações entre conhecimento, sociedade e escola.....	62
3.1.2	Relações interpessoais, futuro e projeção social.....	67
3.1.3	Conhecer para quê?.....	73
3.2	Escola: convivendo com o saber sensível e o conhecimento inteligível	79
3.2.1	Ética e estética na educação formal	80
3.2.2	O adolescente e suas crises	85
3.2.3	Algumas questões sobre ensino e aprendizagem.....	89
3.3	Tribos: tempo de compreender	93
3.3.1	Tribos, pré-conceitos e comunidade	93
3.3.2	Subjetividade: alienação <i>versus</i> integração	97
3.3.3	A busca da restauração de uma sociabilidade perdida.....	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS.....	111
	APÊNDICES	117

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O sujeito, ao pensar, ao ser capaz de projetar, de ordenar, prever e interpretar, sempre vivendo em grupos, começou a travar com o mundo ao seu redor uma relação dotada de significado, de avaliação. Os primórdios da construção do conhecimento sobre o psiquismo humano datam de época tão remota que coincidem com as primeiras manifestações dos seres humanos de tentar compreender o meio circundante, meio definido pelas coordenadas de espaço e tempo.

O homem primitivo, por não possuir noções naturalistas acerca dos acontecimentos de seu meio e de si próprio, atribuía a forças superiores e extremas o controle e a dinâmica dos eventos. Da mesma maneira que interpretava os acontecimentos do meio ambiente de uma perspectiva animista e antropomórfica, explicava o comportamento humano por meio da mística, da religião e da superstição. No primeiro período da filosofia grega, denominado “pré-socrático”, o interesse dos pensadores dirigia-se mais para a natureza ou cosmos, uma vez que procuravam a causa ou o princípio primordial do mundo. Acreditavam que esse princípio das coisas estaria no interior da própria coisa, não fora dela, a exemplo dos mitos, que dependiam da vontade dos deuses.

A partir do segundo período da filosofia grega, o interesse deslocou-se do cosmos para o homem, e os filósofos passaram a tentar compreender o mundo. Sócrates, Platão e Aristóteles voltaram-se, entre outras questões, à origem do conhecimento, à diferença entre os homens, à moral e à virtude, ao bem e ao mal, à liberdade, ao conteúdo da mente humana, às emoções, ao corpo e ao espírito, ao Estado e às classes sociais, à organização da educação, às categorias da logicidade, à consciência.

Nesse mesmo período surgem os sofistas para oferecer aos jovens, uma educação voltada para a formação do bom orador. Defendiam o espírito democrático, isto é, a

pluralidade conflituosa de opiniões e interesses enquanto seus adversários seriam partidários de uma política aristocrática, na qual somente algumas opiniões e interesses teriam o direito de valer para o restante da sociedade.

Os latinos prosseguiram nesse caminho, mas, com a queda do império romano – por ocasião das invasões bárbaras – e com o conseqüente desaparecimento dos centros culturais e políticos, profundas mudanças podem ser verificadas na construção, acumulação e divulgação do conhecimento acerca do meio ambiente e sobre as pessoas e seu comportamento.

Durante o período da Idade Média surge propriamente a filosofia cristã. Outra característica marcante desta época foi o método por ela inventado para expor as idéias filosóficas: a disputa. Apresentava-se uma tese e esta devia ser refutada ou defendida por argumentos tirados da Bíblia de Aristóteles, Platão ou de padres da igreja, isto é, o pensamento estava subordinado ao princípio da autoridade.

Por volta dos séculos XV e XVI, iniciou-se uma época crítica de grandes conflitos sociais, econômicos, políticos, religiosos e filosóficos, determinados por profundas mudanças em todos os aspectos da vida medieval, podendo-se destacar, entre outros, a valorização do saber prático e naturalista em lugar do saber contemplativo e revelado. Assim, em dois séculos, aproximadamente, mudanças radicais ocorreram na maneira de descrever o mundo, nos modos de pensar e nas relações sociais.

A divisão entre mente e matéria trouxe conseqüências importantes para a construção do conhecimento do ambiente e do sujeito. Enquanto o conhecimento do meio trilhou os caminhos abertos pela experimentação, iniciando a constituição das ciências da natureza, o conhecimento sobre a alma das pessoas ainda estava na dependência absoluta dos sistemas filosóficos. Assim, dois grandes sistemas filosóficos foram se desenvolvendo – o racionalismo e o empirismo –, os quais, por mais divergentes que fossem, visavam, ambos, a libertar as pessoas da tutela das Escrituras Sagradas e a fundamentar novas perspectivas de construção do conhecimento numa nova ordem social, que já causava a desintegração do mundo medieval.

A síntese crítica do racionalismo e do empirismo foi feita por Kant (1991). Para ele, a inteligência não se limita a receber marcas do ambiente, como uma cera mole, como diziam os empiristas, para os quais os objetos determinavam o sujeito; nem o sujeito determinava os objetos, como queriam os racionalistas. A inteligência percebe os objetos por meio do entendimento que, *a priori*, manifesta-se no momento exato da experiência. Nenhum conhecimento precede a experiência, mas todos os conhecimentos começam com

ela. Por outro lado, para Kant (1991), os sujeitos não conhecem as coisas em si ou como elas são de verdade, pois somente Deus tem capacidade para isso. Eles conhecem as coisas de acordo com a apreensão de seus sentidos e de seu intelecto, que, por natureza, são limitados.

Daí a limitação dos sujeitos em conhecer o mundo. Para haver o conhecimento, a simples experiência sensorial não basta, pois o que o homem conhece é, antes, a idéia que faz da realidade – não a realidade em si. Observa-se que essa é uma solução idealista para o problema do conhecimento. De acordo com o pensamento kantiano, conhecemos as coisas na forma como são apreendidas pelo nosso intelecto, que possui, *a priori*, entendimento, sensibilidade, noções de tempo e espaço. Já Piaget (1995), alguns séculos depois, indicaria, por meio de suas observações e experimentações sobre a construção do número, do espaço, do tempo, da causalidade, que os próprios kantianos são resultado de um processo de interação entre sujeito e o meio.

A psicologia genética permite-nos entender o processo de aprendizagem enquanto construção de conhecimento e deduzir hipóteses sobre as leis próprias do desenvolvimento. Tal abordagem responde às questões sobre “como se forma o conhecimento” e “como evolui o conhecimento” numa perspectiva construtivista, opondo-se basicamente às visões empirista e racionalista. Segundo o construtivismo piagetiano, não existe um conhecimento pré-formado, inato – aí a oposição ao inatismo –, nem o conhecimento é fruto exclusivo da acumulação de experiências – aí a oposição ao empirismo. É, pois, num contexto de interação entre sujeito e objeto que se coloca a questão do conhecimento.

Enquanto na modernidade predominava uma razão abstrata, concreta e inexorável, na pós-modernidade prevalecerá uma conjunção da razão abstrata com a razão sensível. Nesta pós-modernidade, que alguns autores preferem chamar de “contemporaneidade”, sentimentos e emoções vão ser partilhados em coletividade. E é justamente esse sentimento coletivo que leva, segundo Maffesoli, a uma ética estética, a qual se constitui em emoções partilhadas e vivenciadas em comum, de maneira que a ética seria uma moral sem restrições, sem fronteiras, limites ou barreiras. Quanto à estética, deve-se compreendê-la como um “vibrar em comum, experimentar coletivamente tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, sentir-se daqui e em casa neste mundo” (MAFFESOLI, 2006, p. 8).

É possível, entretanto, viver coletivamente numa sociedade fragmentada? Conforme Maffesoli, na pós-modernidade as pessoas estabelecem identificações com certos grupos sociais, capazes de os reconhecer como pertencentes a determinadas tribos

formadas, além de permitir que sejam reconhecidos por agentes externos. Nessas identificações, os sujeitos pós-modernos apropriam-se de espaços, construindo seus territórios de socialidades e as suas relações de poder, dissolvidas nos arranjos sociais.

Assim, a “socialidade em seus vários aspectos, ao lado de sua inscrição temporal, possui igualmente uma dimensão espacial que não se pode negar a importância” (MAFFESOLI, 2004, p. 79). Existe um realce quanto à experiência do cotidiano, pois se entende que é nele que se encontram os elementos subjetivos-materiais essenciais para a análise social.

Os “pequenos nada” que parecem sem finalidade é que escondem ricos significados, deixados escapar de forma despercebida, fazendo pensar que as certezas, às vezes, são relativas e que se deve ser audacioso nos pensamentos. Foi a minha experiência como professora de jovens adolescentes, observadora desse contraste entre a importância que a sociedade dá ao conhecimento formal e o desinteresse do aluno em relação a ele, que me motivou a realizar a presente proposta de estudo. Nas últimas décadas, temos assistido a uma sociedade que se mostra perplexa diante das transformações sociais. É a era da riqueza em possibilidades. E, tal como os educadores, os jovens também parecem estar “imobilizados” com tanta informação.

Evidentemente, tudo isso propõe reflexões: de um lado, o jovem sente-se pressionado por uma sociedade que vê a razão produtivista e a racionalização moderna como a única forma de sobrevivência; de outro, percebe o surgimento de um princípio unificador do saber, do conhecimento em torno do ser humano, valorizando seu dia-a-dia, seu aspecto pessoal. A necessidade de auto-afirmação, a falta de perspectivas futuras e a descrença no que se refere às instituições sociais e ao poder público podem desmotivar os adolescentes a buscarem o conhecimento como forma de ascensão social, levando-os, às vezes, a caminhos pertencentes ao mundo ilícito.

Na ânsia de buscar o equilíbrio entre as duas posições dessa macrosociedade, assistimos ao surgimento das tribos urbanas, cada qual com suas características. O tribal surge como uma forma de compensação diante de uma sociedade que apresenta laços frágeis de coesão social. As tribos estão aí e não se pode mais negá-las. A ênfase dada ao estudo do tema tem suporte baseado nos relatos de muitos colegas educadores que trabalham com adolescentes e que revelam existir uma mudança radical no tipo de relação estabelecida entre o aluno e o conhecimento formal nos últimos tempos.

Segundo esses professores os alunos buscam na escola apenas mais um local de encontro com os amigos e, não uma instituição preocupada em fornecer um conhecimento associado a sua formação pessoal.

Em primeiro lugar, a mudança ocorreu na postura contrária a tudo que seja preestabelecido. Se as lideranças têm apresentado um comportamento frágil, desorganizado, carente de virtudes e valores, com um discurso nada convincente de propostas concretas, o que exigir dos jovens em formação identitária, que cada vez estão menos inseridos num espaço e lugar concretos?

Em segundo lugar, a escola parece ter deixado, por inúmeras situações, de corresponder às expectativas dos adolescentes. É preciso considerar o espaço-escola do ponto de vista do processo social. Não há mais espaço para pensar que as normas de regulamentação virão instituídas pelo Estado, pela Igreja, pela família ou por qualquer outra instituição. Essas formas tradicionais estão perdendo importância. Cabe, então, voltar os olhos para a aparição de novas formas de solidariedade: as tribos urbanas. Por meio do discurso desses adolescentes é possível delinear alguns traços subjetivos estruturais que se revelam importantes para tornar possível a compreensão do conceito de conhecimento, possibilitando oferecer subsídios para a atuação do professor no ensino formal.

Desse modo, nossa opção em pesquisar o significado do conhecimento para as tribos urbanas de adolescentes surgiu na perspectiva de refletir sobre a forma como o conhecimento está sendo construído pelos jovens inseridos numa sociedade preocupada com a razão, “descartando” a socialidade contemporânea, cujas bases estão estruturadas em características como o sentimento e a experiência partilhados. Nesse sentido, o grande desafio é entender por que os adolescentes, com tantas vantagens e opções, demonstram desinteresse pelo ensino formal. Embora conectados mundialmente via redes de computador, recebendo uma gama infinita de informações, os seres humanos cada vez mais sentem a necessidade de se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum, que tenham identificação, enfim, há um retorno à busca de características que lhes forneçam uma espécie de identidade, de se fazerem reconhecer diante dos outros.

A escola particular pesquisada tem uma história de 104 anos de existência. Desde 1901, as famílias da cidade desejavam educar, a princípio, suas filhas, através de uma educação religiosa. Assim, após contatos, um grupo de seis irmãs chegou à cidade para fundar a escola, que, desde sua fundação até hoje, tem procurado desempenhar sua missão de vivência de valores perenes, concebendo o educando como transformador da história. Atualmente, a escola possui aproximadamente mil alunos, oferecendo os seguintes cursos:

Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal e Técnico de Enfermagem. Além dos cursos regulares, oferece cursos de Computação, Pré-Vestibular e Escola de Música.

O projeto político-pedagógico dessa instituição fundamenta-se em seis objetivos essenciais, que, ao longo do ano, são enfatizados nas atividades desenvolvidas pela comunidade escolar. São eles: proporcionar ao educando situações de auto-aprendizagem, de observação, de criatividade, de reflexão, de julgamento e decisões para uma ação transformadora; oferecer condições para que o educando adquira consciência dos valores necessários para assumir a responsabilidade de transformação da comunidade em que está inserido; integrar-se às atividades internas e comunitárias, participando de acontecimentos que oportunizem cultura, lazer e conhecimento; lutar a favor dos direitos e deveres do ser humano, vivenciando-os de forma consciente e coerente; promover situações em que todos os envolvidos no processo sintam-se sujeitos e agentes, podendo analisar, compreender e transformar a realidade; viabilizar uma programação que possibilite a atualização e a capacitação do corpo docente (MALLMANN; CAIERON; VERZA, 1996, p. 417).

A composição do corpo discente da escola é formada por crianças e jovens de quatro a dezoito anos, pertencentes às classes média e alta, basicamente, apesar de a escola oferecer um grande número de bolsas de estudo às crianças carentes que procuram instituição.

As instalações da escola são de boa qualidade, já que as irmãs primam pela conservação, organização e capricho para com a escola. Nos horários de intervalo os alunos dispõem de um amplo pátio arborizado, com mesas para lanche, cantina, som ambiente; os quinze minutos de lazer são aproveitados para conversas informais com seus amigos (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA INSTITUIÇÃO). Foi nesse espaço que despertou o interesse em investigar a construção do conhecimento pelos adolescentes pertencentes às tribos urbanas. Na escola elas se espalham pelos pátios, cada qual com suas características, simbologias, linguagens.

A felicidade estampada em seus rostos quando dialogam com seus pares intrigava-me, pois na sala de aula pareciam mudar de identidade. Às vezes, críticos, outras apáticos; às vezes, interessados, outras desinteressados; às vezes, disciplinados, outras indisciplinados, agressivos. Por que tamanha mudança? Seremos nós, educadores, os provocadores desse processo “estranho” de comportamento? Será que a escola está realmente cumprindo seu projeto de formação de pessoas, dentro de uma filosofia de

formação integral da criança e do jovem? O aluno está realmente construindo conhecimento?

É ponto pacífico que a ampliação do universo social pela inserção em novos grupos é uma característica da adolescência, o que propicia a esses jovens novas alternativas socio-afetivas. Nos contextos urbanos observamos a emergência, de maneira veloz, de tribos urbanas, agrupamentos semi-estruturados de adolescentes e jovens com identificação comum quanto a estilos de vida, cultura, entre outros. As tribos funcionam como um ritual de reconhecimento, cujo principal objetivo é simplesmente estar junto, sem projeto de futuro, organizando tão-somente o presente.

Quanto ao critério de seleção dos participantes, foi levado em conta, a partir de observações realizadas, o fato de os próprios adolescentes identificarem-se como pertencentes a tribos urbanas. A escolha de uma escola cujo nível socioeconômico é médio-elevado deu-se justamente por considerarmos que esses jovens possuem maiores facilidades para usufruir da tecnologia, dos melhores cursos e universidades, porém, contraditoriamente, muitos deixam de aproveitar as oportunidades que lhes são oferecidas, adotando projetos de vida não condizentes com aquilo que a sociedade atual cultua: TER acima do SER. Também um fator preponderante para a opção pela escola é o fato de ser professora há um longo período na instituição, tendo criado um vínculo de confiança com os alunos, o que pode favorecer o diálogo.

No convívio diário com esses adolescentes, observamos que durante o intervalo das aulas pequenos grupos formavam-se ao longo do pátio, cada um com suas características próprias, comportamentos identificáveis, acessórios e pinturas (meninas), distinguindo-se dos demais jovens, que, aparentemente, fazem parte do anonimato dos recreios escolares. Aos poucos, por meio de observações e contatos informais, fomos identificando membros de tribos urbanas (dentro e fora da escola) e descrevendo características que distinguiam um grupo do outro.

Assim, caracterizamos seis tribos entre os alunos da escola: os EMOS, as Patricinhas, os Mauricinhos, os UPV Brothers (Uns Piás Véios), os Nerds e os Góticos. O critério de seleção foi o pertencimento a alguma das tribos urbanas referidas. Cabe salientar que em nenhum momento houve discriminação ou preconceito em relação aos grupos, já que cada tribo desenvolve mecanismos internos e externos de preservação dos seus símbolos, marcando diferença social em relação às demais.

Esses adolescentes apresentam conceitos diferenciados a respeito do que é conhecer. A partir dessa questão básica, a pesquisa, de cunho fenomenológico, baseou-se na coleta de informações junto a alunos na faixa etária entre 14 e 18 anos, cursando o Ensino Fundamental (anos finais), o Ensino Médio e o Curso Normal da escola referida.

Compõem esse universo doze sujeitos, de ambos os sexos, de modo que as seis tribos urbanas sejam representadas por dois alunos, indicados pelos seus membros e/ou por aceitação do convite da pesquisadora. Assim, a observação da realidade escolar para perceber as tribos e seus integrantes e a entrevista fenomenológica são os instrumentos a serem utilizados na concretização deste projeto.

Com base na leitura, análise e fichamento dos textos que tratam da problemática que norteia a pesquisa, a proposta de investigação explicitada envolveu uma abordagem qualitativa de cunho fenomenológico. Aspectos considerados relevantes, como as informações dos adolescentes, exigiram compreensão, flexibilidade e sensibilidade, que fizeram parte como elementos participantes do processo.

O caráter fenomenológico citado no decorrer do processo de investigação do tema definiu-se por ser o caminho mais sensível para captar aspectos que os seres humanos possam evidenciar e por sua visão totalizadora do fenômeno. Essa metodologia permite descrever e compreender o que os jovens adolescentes pensam sobre conhecimento e suas implicações para sua vida pessoal.

O que é notório para uma pesquisa fenomenológica é a busca do real e o significado que tem essa realidade para as pessoas. Carvalho afirma que “o método fenomenológico tem, portanto, o objetivo que transcende as particularidades empíricas de que se investe o fenômeno enquanto aparência. Em outras palavras, tem por objetivo a ‘vivência’ e não o fato psíquico ou o ‘estado’ de consciência atual através do qual o fenômeno se dá”. (1987, p.15)

A visão totalizadora da fenomenologia auxilia na interpretação holística do fenômeno. Segundo Ormezzano e Torres (2003), “em uma primeira leitura do depoimento, ao pesquisador colocará entre parênteses os preconceitos e julgamentos prévios e permanecerá fiel às informações. Após ter dado um sentido holístico à entrevista, lerá novamente, tantas vezes quantas forem necessárias, com atitude mais reflexiva como preparo posterior para a compreensão”.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos a entrevista fenomenológica, gravada com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcrita e analisada. A entrevista norteou-se por uma pergunta-chave: “O que significa conhecimento para você?” As interpretações foram analisadas à luz da fenomenologia, que tem em Ormezzano e Torres (2003) seus passos, assim explicitados: a) o sentido do todo, onde o pesquisador dá a máxima atenção ao desenvolvimento da linguagem para ter a visão do todo, ou seja, obter a essência; b) as unidades do significado, isto é, a percepção é fundamental nessa

fase, pois se discriminam as unidades de significado que surgiram em consequência da análise durante a releitura das entrevistas; c) a transformação das unidades significativas em linguagem educacional, ou seja, a sensibilidade e compreensão são primordiais para captar o núcleo fundamental da mensagem, para que se possa compreender o outro, perceber o significado e, assim, expressar de forma mais clara, o fenômeno explicitado pelo sujeito; d) síntese das estruturas de significado, ou seja, a realização de uma síntese de todas as falas dos entrevistados, na qual um novo olhar é dado ao material coletado, havendo uma fusão das percepções entre entrevistado e entrevistador para clarear os aspectos significativos do todo; e) dimensões fenomenológicas é a etapa final desse processo, na qual procuramos analisar o significado das dimensões fenomenológicas que mais afloram durante as investigações.

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a março de 2007. Dos doze jovens que participaram da pesquisa, seis são meninos e seis, meninas, todos estudantes de uma escola particular, numa faixa etária entre 14 a 18 anos, residentes em Vacaria. Os nomes dos participantes foram preservados no anonimato; para isso, utilizamos apenas números como pseudônimos.

É um grupo heterogêneo no que se refere ao conhecimento, pois há variação de idade e nível de escolaridade. Um dos aspectos que se consideraram positivos na objetivação das entrevistas foi a espontaneidade que os jovens demonstraram. Talvez o fato de pertencerem às tribos e de poderem assumir, não de forma arbitrária (no seu conceito), o seu papel, tenha levado a que se sentissem à vontade no momento em que dialogávamos. No Quadro 1 visualizamos da melhor forma algumas características dos entrevistados, como “nome suposto”, idade (anos), nível de escolaridade e tribos.

Nome suposto	Idade (anos)	Nível de escolaridade	Tribo
1	14	8ª série do Ensino Fundamental	Mauricinho
2	15	1ª série do Curso Normal	Gótica
3	15	1ª série do Ensino Médio	Gótica
4	16	1ª série do Ensino Médio	Emo
5	16	2ª série do Ensino Médio	Patricinha
6	16	3ª série do Ensino Médio	UPV Brother's
7	16	3ª série do Curso Normal	Patricinha
8	17	2ª série do Ensino Médio	Mauricinho
9	17	3ª série do Ensino Médio	Nerd
10	17	3ª série do Ensino Médio	UPV Brother's
11	17	3ª série do Curso Normal	Emo
12	18	3ª série do Ensino Médio	Nerd

Procurando dar conta desses desafios, estruturamos o texto em três capítulos, seguidos das considerações finais. No primeiro deles, “Reaprender a conviver em sociedade”, fazemos uma retrospectiva do conceito de sociedade, salientando a

necessidade de aprender a conviver nela, privilegiando a construção da própria pessoa, das suas relações com os grupos, com nações e entre indivíduos. Enfatizamos também a adolescência em todo seu processo de transformação e auto-afirmação, destacando estudiosos como Piaget (1995), Vygotsky (1994) e Wallon (2003), Maffesoli (2006), Duarte Júnior (2006), essenciais para fundamentar a proposta de pesquisa em evidência.

No segundo capítulo, “O jovem e as tribos urbanas”, discutimos a formação das tribos urbanas, uma realidade incontestável, levando em conta as transformações nos modos de sociabilidade nas cidades. Nomeamos as tribos urbanas identificadas no espaço escolhido para a pesquisa e refletimos sobre o papel da escola na construção do conhecimento junto aos jovens nesse mundo sufocado pelo imediatismo das informações.

No terceiro capítulo, “Essências fenomenológicas: perspectivas e possibilidades”, apresentamos os achados da investigação, separando-os em três essências e suas dimensões, elaboradas pela compreensão das entrevistas realizadas. Apontamos para as perspectivas e possibilidades de uma educação focada não só no conhecimento inteligível, mas num saber sensível, sem descartar a importância da tecnologia para o desenvolvimento da humanidade. Ao refletir sobre essa possibilidade de educação, destacamos a necessidade de repensar e ressignificar a concepção de educador, redimensionando seu papel na convivência diária com os adolescentes.

Nas considerações finais retomamos as principais idéias discutidas ao longo dos capítulos, reafirmando a necessidade de se refletir sobre o aspecto gregário, fundamental na vida dos jovens; firmado numa educação do sensível, tornando os seres mais humanos e felizes. Entendemos que isso é possível na medida em que as políticas educacionais incluam em seus cursos de formação de educadores conhecimentos que os instrumentalizem para lidar com grupos de jovens e seu conhecimento.

1 REAPRENDER A CONVIVER EM SOCIEDADE

Durante milhares de anos, as pessoas têm se preocupado em refletir sobre grupos e sociedades em que vivem, procurando compreendê-los. As primeiras tentativas baseavam-se mais na imaginação, na fantasia, na especulação do que na investigação científica dos fatos.

Assim, para os greco-romanos, Zeus/Júpiter era um deus justiceiro e bom, que mantinha a ordem no mundo moral e físico. Durante a Idade Média, e até o início da Idade Moderna, as tentativas de explicação da sociedade foram muito influenciadas pela filosofia e pela religião, as quais propunham normas para melhorar a sociedade de acordo com seus princípios. Essas primeiras tentativas de estudo sistemático sobre a sociedade humana, segundo Oliveira (1997), começaram com os filósofos gregos.

Na Idade Média, como acontecia na Antiguidade, os filósofos continuaram a descrever a sociedade em que viviam e a propor normas para que o sujeito vivesse numa sociedade ideal. Foi com o Renascimento, todavia, que surgiu a marca de uma profunda revolução antropocêntrica: instaurou-se uma polêmica contra o pensamento medieval (essencialmente teocêntrico), preparando o caminho para o pensamento moderno, para o qual a natureza física e o homem tornam-se o tema central. É o fenômeno social sendo visto de uma perspectiva mais realista.

Já no século XVIII, com *A nova ciência*, de Giambattista Vico, a humanidade alcançou um grande avanço, na visão de uma sociedade mais realista. É dele a frase “o mundo social é, com toda certeza, obra do homem”, considerada como portadora de um conceito revolucionário para a época. Mais tarde, com Jean-Jacques Rousseau (1978), tornou-se reconhecida a influência da sociedade sobre o indivíduo. Rousseau (1978) dizia ser conveniente dar à criança a possibilidade de um desenvolvimento livre e espontâneo, já

que o ser humano nasce bom, porém a sociedade o perverte. Contudo, foi no século XIX, por meio dos estudos de Émile Durkheim, que a investigação dos fenômenos das sociedades foi vista do prisma da cientificidade. É importante lembrar que a ele coube a primeira pesquisa tipicamente sociológica, a qual enfatizava a importância de se pensar no ser humano, que havia se tornado “profundamente individualista, o que contribuía para aumentar a instabilidade da ordem social e causava a infelicidade dos homens” (DURKHEIM, 1973, p. 10).

Assim, sem entrar nos fundamentos econômicos da sociedade e sua estratificação social, estava lançado um olhar sobre ela e, de forma abrangente, como denota Oliveira, chegava-se à seguinte definição: “Sociedade é a reunião de indivíduos para um determinado fim: todo grupo ou agregado social que vive submetido às mesmas leis e cujas instituições fundamentais são determinadas por padrões culturais comuns” (1997, p. 202).

Tal retrospectiva do conceito de sociedade tem relevante importância porque, sabe-se, nada é finito e puramente racional. Muitas vezes, insiste-se em conceitos preestabelecidos, sem questionar até que ponto podem ser vividos de maneira que a pessoa possa ser feliz. Mosquera e Stobäus (2006) salientam a necessidade de aprender a conviver e dizem que o objetivo de aprender a conviver faz parte, pelo menos de forma implícita, de todo e qualquer processo educativo. Acrescentam que, historicamente, é ao sistema educativo, juntamente com a família, que se confia o ensino, de modo que haja a aprendizagem das normas de convivência, elementares para se viver em sociedade.

Reforçando a idéia, chamam a atenção para que se acabe com os pesos ideológicos que caracterizam grande parte do pensamento educativo do século XX. Nem a escola é responsável por todos os males que afligem a sociedade, nem constitui a tábua de salvação, que possa livrar a humanidade de todos eles, conforme Mosquera e Stobäus (2006). Por outro lado, também não podemos esquecer que os diversos âmbitos de socialização podem (e de fato o fazem) entrar em conflito.

1.1 Sociedade contemporânea

No início do século XX, Max Weber caracterizava a chegada da modernidade como um processo crescente de “racionalização intelectualista”, intimamente ligado ao progresso científico, que leva ao “desencantamento do mundo” (1968, p. 30). Continuando,

caracterizou a modernidade cultural, mostrando que a razão substancial expressa em imagens de mundo religiosas e metafísicas divide-se em três momentos, os quais apenas formalmente (mediante a forma de fundamentação argumentativa) ainda podem ser mantidos juntos. Uma vez que as imagens de mundo se desagregam e os problemas legados se cindem entre os pontos de vista específicos da verdade, da justiça normativa, da autenticidade ou do belo, podendo ser tratados, respectivamente, como questão de conhecimento, como questão de justiça e como questão de gosto, ocorre nos tempos modernos uma diferenciação de esferas de valor: ciência, moral e arte.

Dizemos atualmente que estamos em crise ética, civilizatória, entre outras; também, que a modernidade estaria fechando seu ciclo e o ser humano estaria caminhando para um futuro glorioso, ou, quem sabe, para a derrota total. Para Galeffi:

vivemos no mundo globalizado em que a mais-valia se deixa anteciper e representar no universo imagético do marketing. De maneira ostensiva, nossa aldeia global encontra-se inflacionada pelo poder persuasivo das imagens veiculadas. Tudo está mediatizado como presentificação de entidades virtuais a serviço de fluxos e refluxos do capital. (2007, p. 97)

Algumas das características dessa crise têm sido o predomínio dos processos de exclusão sobre os de inclusão, do capital sobre o trabalho, da propriedade sobre os direitos sociais.

Vale lembrar que a opção por certo tipo de razão ou conhecimento científico, ou seja, a pretensão de se constituir como único modo legítimo e verdadeiro da leitura do mundo, desencadeou, de um lado, o fantástico desenvolvimento tecnológico e, de outro, a humilhação da vida, com a degradação do ser humano. Quanto mais a razão se fecha a um modelo absoluto, maiores são o empobrecimento do pensamento, a domesticação da vida e a intolerância à diferença.

Para o modelo social centrado na idolatria ao trabalho converge todo o processo de formação humana. A alegação da dignificação da pessoa pelo trabalho tornou-se muito vantajosa para o aumento da produção, porém insignificante para o desenvolvimento equilibrado, harmônico e integral do ser humano (COSTA, 1998). É verdade que essa sociedade é aquela que não esconde suas divisões, mas procura trabalhá-las pelas instituições e pelas leis. Todavia, no capitalismo são inúmeros os obstáculos à democracia,

pois o conflito dos interesses é posto pela exploração de uma classe social por outra, mesmo que a ideologia afirme que todos são iguais e livres.

Nos países onde o capitalismo é avançado, ocorreram conquistas significativas para os trabalhadores no que diz respeito a direitos sobre o bem-estar social. Em oposição, nos países de Terceiro Mundo, como o Brasil, houve um preço a pagar: a exploração mais violenta do trabalho pelo capital.

A situação do direito de igualdade e de liberdade está frágil nos dias atuais, pois o modo de produção capitalista passa por uma mudança profunda para resolver a recessão mundial:

Essa mudança, conhecida com o nome de neoliberalismo, implicou o abandono da política do Estado do Bem-Estar Social (políticas de garantias dos direitos sociais) e o retorno à idéia liberal de autocontrole da economia pelo mercado capitalista, afastando a interferência do Estado no planejamento econômico. (CHAUI, 2002, p.227)

Além disso, o desenvolvimento espantoso das novas tecnologias eletrônicas trouxe a velocidade da comunicação e da informação e a automação da produção e distribuição dos produtos. Essas mudanças vêm causando desemprego e exclusão social, política e cultural de grandes massas da população.

E aqui cabe uma pergunta bastante interessante, formulada há 67 anos pelo sociólogo alemão Nobert Elias:

Que tipo de sociedade é esta que compomos em conjunto, mas que não foi pretendida nem planejada, tal como agora se apresenta, por nenhum de nós, tampouco por todos, que funciona quando muitos desejam e fazem individualmente certas coisas, mas cuja estrutura independe das intenções de qualquer pessoa em particular? (1987, p. 93)

É com o mesmo grau de perplexidade que assistimos a um mercado global, com inovações tecnológicas, produzir uma economia anárquica, gerando enormes conflitos geopolíticos, destruindo e criando novas modalidades de capitalismo. É a globalização negligenciando necessidades básicas como segurança econômica e identidade social. A respeito adverte Elias:

Somos impelidos pelo curso da História como passageiros de um trem desgovernado. Recorremos a fantasias protetoras que reduzem a capacidade de controlarmos nosso destino. Essas concepções mágicas e míticas sempre dificultam e, às vezes, impossibilitam comportamentos realistas e adequados. O uso da magia sugere às pessoas um fantasioso controle de processos que elas mal são capazes de compreender, quanto mais influenciar. (1987, p. 93)

Inserida nesse processo, a escola empresta sua parcela de contribuição à manutenção de tal modelo, excluindo outras possibilidades de desenvolvimento dos jovens que não a cognição, dado que a formação educacional que leva a termo dá-se unicamente nessa perspectiva utilitarista, convertendo-se, assim, como instituição, num dos principais mecanismos pelos quais a sociedade hegemônica garante o seu *status quo*. Desse modo, a escola vem impondo aos jovens o mundo “sério”, das obrigações e deveres, pondo fim ao tempo de alegria, do prazer, da espontaneidade que as relações interpessoais e a subjetividade desencadeiam dentro do espaço escolar.

Por outro lado, não podemos abordar os dados observados nas dimensões políticas e econômicas sem considerar também o conjunto dos elementos naturais que condicionam a ação das pessoas e dos atores sociais e políticos.

Ainda que os países estejam imersos num complexo de relações (é o que ocorre com a globalização), suas opções históricas e o sentido principal do rumo dos acontecimentos nunca deixam de passar pelo filtro do sistema de valores civilizatórios. Portanto, por mais que as sociedades estejam condicionadas a fatores externos, não podem ser declaradas como inocentes em suas atuações.

É evidente, então, que o sucesso e o fracasso de uma sociedade dependerão da sua adequação à realidade dos valores, instituições e práticas, convocados a atuar nos momentos decisivos de sua história, segundo a necessidade e vontades individuais e setoriais. O professor Hector Ricardo dos Reis comenta:

Nas últimas duas décadas do século XX todos os estados, povos e indivíduos do planeta tornaram-se progressivamente parte de um mundo global. Da mesma forma que aconteceu em outros momentos de grandes mudanças históricas, as relações entre as diversas partes do todo sofreram profundas alterações com a chegada da nova ordem global. A globalização foi extraordinariamente acelerada pelo fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética e marcada, simultaneamente, pela intensificação da globalização econômica e pela erosão da governabilidade global. (2002, p. 4)

Assim, é importante que se inicie uma discussão, em profundidade, sobre o dilema das condições humanas derivado de todo esse processo de aceleração a que se assiste mundialmente, no qual nem todos estão sendo favorecidos. Sobretudo os sistemas educacionais precisam conhecer os dilemas da condição humana na sociedade contemporânea. Em face do impacto de toda a globalização, muitos professores excluídos do processo “tentam” produzir conhecimentos sem ao menos conhecê-los, ocasionando um confronto de relações dentro da sala de aula.

Partindo dessa visão, ao mesmo tempo fenomenológica e formista, Maffesoli (2006) descreve o que vai marcar a atmosfera das sociedades ocidentais contemporâneas: a socialidade. Esta marcaria os agrupamentos urbanos contemporâneos, colocando ênfase na “tragédia do presente”, no instante vivido além de projeções futuristas ou morais, nas relações banais do cotidiano, nos momentos institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia. Maffesoli (2006) procura, então, “olhar a vida como ela é” e complementa que a socialidade é um “conjunto de práticas cotidianas” que escapam ao controle social rígido.

Reconhecer a validade de uma educação do sensível não é menosprezar a razão. Os extremos são perigosos. O importante é chegar a um equilíbrio, no qual a socialidade, os sentimentos e a razão possam conviver em harmonia, oferecendo ao ser humano condições para se viver numa sociedade também afetiva.

1.2 As evidências de uma sociedade afetiva

Muitos foram os conceitos investigados, pesquisados e a respeito dos quais se refletiu para se chegar a uma unanimidade a respeito de sociedade – ou, de forma mais ampla, sociedade moderna. É fato que, quando são somadas idéias e opiniões, muitas são as linhas de pensamento abordadas: algumas mais racionais, pragmáticas, do saber-fazer; outras, porém, em primeiro lugar, privilegiando a construção da própria pessoa, das relações entre sujeitos, grupos e nações.

Transpor o obstáculo da deslumbrante diversidade de situações que o mundo oferece, conseguir consenso de idéias e ideais para todos, obter conclusões que forneçam o prazer a todos que manuseiam os escritos e não escritos do conhecimento, enfim, isso tudo se tornou uma tarefa, sem dúvida, quase impossível. É verdade que “impossível” é uma palavra que implica um significado. Segundo Aurélio, é o de “tornar impossível ou

irrealizável. Fazer perder as forças ou a aptidão para. Privar de fazer algo. Impraticável” (2001, p. 376). Todavia, parafraseando o poeta, o futuro a Deus pertence. O impossível, pelo que assistimos – levando em conta as notáveis descobertas e os progressos científicos –, é uma palavra cada vez mais próxima do possível.

Por outro lado, perguntamos: existe espaço para a afetividade, em especial para os sentimentos, nesse notável mundo que privilegia a razão, desprovida de sentimentos que, outrora se acreditava, eram ocasionadores das vulnerabilidades que conduziam às situações desastrosas? Para Mosquera e Stobäus (2006), existe uma crença fortemente enraizada em nossa cultura, que persiste por séculos, constituidora de aspectos claramente distintos do ser humano: aparentemente, pensa-se com o cérebro e ama-se com o coração.

A razão tem sido considerada como aquilo que conduz a pessoa ao porto seguro da verdade, enquanto o universo das emoções se supõe impregnado de armadilhas que o conduzem facilmente ao erro. Os autores relatam que na história da filosofia e da ciência existia uma separação entre afetividade e ciência, idéias aceitas no passado e que continuam hoje a existir subliminarmente. Entretanto, se o século passado foi, para a psicologia, o estudo separado da inteligência, o século XXI será, sem dúvida, o de seu estudo conjunto, pois, conforme Sawaia, “o homem se afirma no mundo objetivo, não só no ato de pensar, mas com todos os sentidos, até com os sentidos mentais (vontade, amor e emoção)”. (1987, p. 23)

Quando em contato com o meio físico e social, recebemos estímulos por meio dos órgãos dos sentidos, os quais chegam ao mundo interno e lá recebem significações. Essa tonalidade afetiva que as coisas ganham no mundo interno de cada ser humano caracteriza os chamados “afetos”. O termo “afeto”, portanto, é utilizado para se fazer referência à vida afetiva em geral. E todas as reações são importantes descargas de tensão do organismo emocionado, pois “as emoções são momentos de tensão em um organismo, e as reações orgânicas são descargas emocionais”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1993, p. 193)

Não obstante, as reações emocionais em nível do organismo são aprendidas, ou seja, o sujeito pode responder de diversas formas a uma situação, mas a cultura escolhe a forma adequada para se realizar isso. Durante a socialização, o ser humano aprende quais formas de expressão das emoções são aceitas ou não pelo grupo a que pertence. Ao nascer, a criança entra num cenário de cuja construção não participou.

Esse cenário é o mundo social, a realidade objetiva, que se constitui segundo um modo de organização econômica, política, jurídica da sociedade; uma cultura; instituições, como a família, a igreja, a escola, os partidos políticos – tudo isso produto da construção

humana, de homens que antecederam a criança que agora se introduz nas relações sociais. Para Bock, Furtado e Teixeira, “a história de vida do indivíduo é a história de pertencer a inúmeros grupos sociais. É através dos grupos que as determinações sociais mais amplas agem sobre o indivíduo”. (1993, p. 202)

O processo de institucionalização da sociedade é uma forma de garantir sua reprodução, e a sociedade apresenta-se como realidade objetiva por meio de suas instituições. Esse processo ocorre porque um elemento interfere no outro e existem níveis diversos na realidade social. Um primeiro nível é o da instituição; outro é o das organizações; um terceiro, o dos grupos. A forma como interagem e se determinam define a dinâmica entre eles e compõe a realidade social.

Como dizem Bock, Furtado e Teixeira, “o nível do grupo é o nível da base, da vida cotidiana. Sua unidade é a sala de aula, uma seção de uma fábrica, a enfermaria de um hospital, a casa das pessoas” (1993, p. 204-205). O nível da organização é o nível da fábrica, da universidade, do hospital, de maneira geral, do estabelecimento que congrega grupos e que organiza, por meio de normas, a mediação entre a base (as pessoas em geral) e a ordem social, caracterizando-se pela ordem burocrática.

O nível institucional é o da norma, das regras estabelecidas; é o nível que menos se vê, mas o que está mais presente em nossas vidas. As normas de comportamento são institucionalizadas; por isso, sabemos que roupa vestir para cada ocasião. E quando nos sentimos deslocados, ou vestidos inadequadamente para a situação, notamos a presença de uma norma que está institucionalizada. Em última instância, a institucionalização é a presença invisível da sociedade no cotidiano das pessoas.

Evidentemente, existem os que não concordam com as normas estabelecidas e, de forma mais ou menos organizada, propõem-se a romper com elas. Mesmo assim, isso significa reconhecer a existência de normas e, ao mesmo tempo, que elas não são eternas e podem ser modificadas pela ação das pessoas. Sempre que surge um movimento que representa a ruptura institucional, a tendência da sociedade é de capturar esse movimento e institucionalizá-lo (para que haja “ordem”).

O movimento das tribos urbanas de adolescentes representa o aparecimento de “explosões violentas e súbitas, efêmeras, que lembram às nossas sociedades demasiadamente racionalizadas que há espaço para o pagão, lúdico, desordenado da existência” (MAFFESOLI, 2006, p. 11). Segundo o autor, as tribos urbanas salientam a urgência de uma sociedade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos. O processo tribal tem contaminado o conjunto das instituições sociais. E é em função dos gostos

sexuais, das solidariedades de escolas, das relações de amizade, das preferências filosóficas ou religiosas que vão se constituindo as redes de influência, a camaradagem e outras formas de ajuda mútua que constituem o tecido social.

1.3 Adolescência: seu papel na sociedade

Propor uma discussão sobre adolescentes exige a recuperação de aspectos históricos de quem foi e é esse sujeito que “assusta” o mundo adulto com sua forma de ser, mas que, ao mesmo tempo, é cultuado pela sociedade, por meio da mídia, da moda, da dança...

1.3.1 Desafios históricos

A palavra “adolescência” tem sua origem etimológica no latim *ad* (‘para’) + *olescere* (‘crescer’); portanto, “adolescência significaria, *strictu sensu*, ‘crescer para’. Pensar na etimologia desta palavra remete à idéia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, para algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre naquele ‘à frente’ que está colocado” (PEREIRA; PINTO, 2003). É como se a adolescência fosse uma “fase” que necessita ser transposta para se alcançar aquilo que é ideal.

Há algum tempo a adolescência tem sido vista como “o problema, um momento de crise” (RENA, 2003). A sociedade ocidental vem reproduzindo essa idéia, limitando a compreensão da adolescência, como se se resumisse à puberdade, acreditando que somente as mudanças fisiológicas “comandam” esse momento, normatizando e “naturalizando” os possíveis conflitos. A idéia que se faz é a de que os hormônios são responsáveis por todas as mudanças, principalmente as de humor, através de discursos minimizadores – do tipo “todo adolescente é assim” –, menosprezando o sujeito do desejo que confronta seu lugar no mundo.

Apesar da existência de relatos que descrevem comportamentos típicos de adolescentes nos jovens já da Antigüidade, a adolescência pode ser pensada como um fenômeno típico da modernidade. Segundo Gutierrez (2003), a mídia e os estudos

mercadológicos, no entanto, descobriram a adolescência há algum tempo. A moda dos adolescentes invade as lojas, o *funk* é patrocinado pelo mercado fonográfico, a dança de rua virou moda em academias... Enfim, o mundo atual cultua a adolescência.

Até o século XVIII, a adolescência era confundida com a infância. No latim utilizado nos colégios empregavam-se, de forma indiferenciada, as palavras *puer* e *adolescens*; em francês, utilizava-se apenas a palavra *enfant*. Essa longa duração da infância provinha da indiferença em relação aos fenômenos biológicos. A infância não era limitada pela puberdade, mas, sim, pelo fim da dependência. A essa categoria não dependente dava-se o nome de “juventude”, o que não é sinônimo do que se entendia por adolescência, na medida em que se tratava de pessoas que, apesar da pouca idade, já exerciam funções sociais definidas.

A idéia de adolescência começou a ser pré-configurada no século XVIII por meio de duas personagens: na literatura, o Querubim e, no âmbito social, o Conscrito. Gutierrez (2003) descreve as duas personagens, caracterizando Querubim com aspecto efeminado, resultante da transição da criança em adulto, que traduzia, na verdade, o tempo do amor nascente. Entretanto, esse aspecto sem barba do púbere não era considerado uma característica da adolescência, pois esses jovens agiam como homens feitos, comandando e combatendo. A figura de Conscrito, por sua vez, representava o embrião social da adolescência, no caso dos meninos, pela valorização da força viril, típica do jovem, quando se tratava do recrutamento militar.

O primeiro conceito de adolescente moderno típico foi descrito por Áries:

O primeiro adolescente moderno típico foi Siegfried, de Wagner: a música de Siegfried pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói de nosso século XX, o século da adolescência. (1981, p. 46)

A “juventude”, descrita atualmente como adolescência, passou a ser um tema mencionado freqüentemente na literatura e vista com preocupação pelos moralistas e políticos, já que simbolizava a renovação de valores – com a conseqüente capacidade de impulsionar a velha sociedade já esclerosada. Após a Primeira Guerra Mundial, os combatentes da frente de batalha opuseram-se às gerações de retaguarda, a partir do que se formou uma consciência de juventude que passou a ser comum entre os ex-combatentes,

com aspectos da adolescência moderna, sendo a infância empurrada para trás e a maturidade, para a frente.

Para Gutierrez (2003), antes disso, na família medieval, o serviço doméstico confundia-se com a aprendizagem e não havia lugar para a escola nessa transmissão direta de conhecimentos de uma geração para outra. As crianças não eram mantidas em casa, mas enviadas para residir com outras famílias, com as quais aprendiam um ofício e as formas de comportamento social adequadas. Assim, não havia diferenciação entre vida privada e profissional, nem a preocupação de manter as crianças com a própria família. A transmissão de conhecimento acontecia no convívio diário, pois as crianças participavam da vida dos adultos.

No século XV anuncia-se um prenúncio de mudança, mas de forma gradual, quando a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. Essa transformação teve como objetivo maior a necessidade que a “elite suprema da Igreja” sentiu de afastar os jovens do “mundo sujo dos adultos”, mantendo-os na inocência e ensinando-os a resistir às tentações do mundo adulto. A escola passou a ser o forte elo entre a passagem da infância e a iniciação social para a vida adulta. Concomitantemente, a família também participou dessa transformação, concentrando-se mais em torno da criança.

Então, no século XVII

ocorre o retorno das crianças ao lar, as quais passam a ser elementos indispensáveis da vida cotidiana e motivo de preocupação dos adultos quanto à sua carreira, à educação e ao futuro. Essa família do século XVII, porém, não era configurada como família moderna, pois conservava uma enorme sociabilidade. (GUTIERRA, 2003, p. 28)

A família atual, ao contrário, separa-se do mundo e da sociedade, constituindo um grupo solitário de pais e filhos. Forma-se o sentimento de intimidade e valoriza-se a casa e os dados de identificação pessoal. Atualmente, ocorre uma redução drástica das atividades de relações sociais. Ariès conclui: “Somos tentados a crer que o sentimento da família e a sociabilidade não eram compatíveis, e só podiam se desenvolver à custa um do outro” (1981, p. 274). A vida familiar diferencia-se e distancia-se da vida social, e o processo adolescente começa a delimitar-se neste tempo em que o jovem terá de sair do ambiente familiar e escolar para entrar na sociedade e na vida profissional. Ele fará a travessia da família – contexto isolado – para o campo das relações sociais mais amplas.

Assim, a puberdade passa a ser elaborada pela própria subjetividade. Até então, as mudanças físicas não tinham tanta importância, pois já eram representadas pelo meio social e pelo material simbólico da comunidade. Ruffino afirma que, “na modernidade, vivemos a falta de dispositivos simbólicos sociais que regulem a passagem da infância para a idade adulta. A adolescência surge quando essa passagem torna-se problemática em função dessa perda de eficácia dos dispositivos societários” (1993, p. 39). A resposta do jovem, ao se deparar com a perda referida por Ruffino, é *adolescer*, palavra latina que significa crescer. Em outras palavras, o *adolescer* passa a ser o substituto da eficácia ritual perdida na modernidade.

O esquema comparativo abaixo retrata bem as transformações que ocorreram no comportamento dos jovens.

O que havia	O que há
Exigências sociais para tornar-se adulto, as quais não eram tão distantes do cotidiano das crianças.	A adolescência surge como fruto da modernidade, dos movimentos históricos e sociais.
Estabilidade e familiaridade do corpo social, que permitia minimizar a estranheza do impacto pubertário.	Verificam-se alterações e transformações significativas na subjetividade, em função de não ocorrerem ritos de passagem, como nas sociedades ditas primitivas.
Uma forte ligação entre a vida coletiva e a individual, por laços cerimoniais e culturais, com dispositivos rituais elaborados pela experiência histórica da própria comunidade.	

O momento é, então, de desconfiança em relação ao mundo adulto, mas também de tentativa de inscrição e de busca de algo que possa funcionar como semblante daquela “segurança” da infância. Fazendo referência a isso, Gutierrez refere que os “grupos de pares ou o melhor amigo fazem parte da dinâmica adolescente à medida que, por meio deles, os jovens vivem a semelhança e a alteridade, possibilitando processos identificatórios, essenciais para a constituição do novo grupo” (2003, p. 73). Alguns grupos se constituem sob a forma de gangues, de tribos urbanas, resultado da articulação entre a descrença típica do processo adolescente e o quadro social que comporta a ausência de ideais na modernidade.

Continuando, Gutierrez (2003) chama a atenção para os movimentos que traduzem esse processo de inscrição simbólica. Os grupos *funk*, os diários, a linguagem intraduzível dos adolescentes, as pichações, todos esses aspectos são processos simbólicos que objetivam lidar com a irrupção do real pubertário.

1.3.2 Adolescência e afetividade

A adolescência é uma produção social. Cada contexto sócio-histórico define uma pauta de expectativas e concepções sobre os adolescentes e a adolescência, nela incluindo aspectos fisiológicos, sexuais, afetivos, sociais, políticos e institucionais, de forma a orientar seus papéis em diferentes níveis socioculturais. Além disso, aspectos religiosos, a posição na família, a inserção de classe e o significado relativo de cada um desses processos interferem na compilação exata entre o término da infância e a entrada na vida adulta, qualificando a duração da adolescência.

O indivíduo, segundo a socióloga argentina Claudia Jacinto (1998), nasce duas vezes: a primeira, quando sai de dentro da mãe, momento em que o nascimento é para a família e para a população; a segunda acontece na adolescência, quando a pessoa em desenvolvimento nasce para si mesma e para a sociedade. Neste segundo nascimento, três instituições são fundamentais para a formação do jovem: a família, a escola, o trabalho.

A família funciona como uma rede de proteção ao jovem que, social e economicamente, está integrado; do contrário, é o núcleo familiar que passa a contar com sua ajuda para a sobrevivência. Algo semelhante acontece em relação à escola: para os integrados, é o eixo estruturador de suas vidas; para os menos favorecidos, passa a ser o eixo secundário, pois o principal é a sobrevivência. O trabalho, para os jovens integrados, é projeto, orientação vocacional, vestibular, carreira a seguir; para o jovem em desvantagem, torna-se o eixo central de sua vida.

A adolescência, entretanto, é uma fase determinante, na qual o jovem avança sob dois prismas de maior importância: identidade e projeto de vida. Na formação de identidade, ele deve aceitar a si mesmo e se compreender, condições vitais para a aquisição de auto-estima, autoconceito, autoconfiança e visão desejante em face do futuro. Essas conquistas criam as condições básicas para a efetivação de um projeto de vida, ou seja, do caminho a ser percorrido entre o ser e o querer-ser na vida de cada pessoa. Quando isso não ocorre dessa forma, o resultado é conhecido e freqüente: jovens vivendo sua vida na liminaridade.

Victor Turner (1974) desenvolve o conceito da liminaridade como espaço/tempo da ambigüidade, com características que escapam à localização precisa num espaço cultural. Os adolescentes não estão aqui nem acolá; não são crianças nem adultos. Há, nessa liminaridade, uma ausência de papéis sociais definidos – apenas uma posição indefinida e

limiar, um intervalo de fronteira entre dois papéis. Nas sociedades contemporâneas, o tempo da liminaridade tende a se estender, em virtude das inúmeras exigências para o ingresso no mundo adulto. A cada geração exige-se um grau maior de instrução para o ingresso no mundo do trabalho. Para aqueles que não entraram na escola ou a abandonaram a situação é mais crítica ainda, pois o mercado de trabalho informal os espera. Assim, o jovem vive permanentemente no entrelugar.

Na contemporaneidade, em que observamos transformações diariamente e a tecnologia rapidamente avança, o tempo é acelerado. Quanto mais o sujeito estiver envolvido na teia social, mais pressionado será para que participe dos grupos sociais distintos. Porém, se estiver à margem dessa aceleração, por vários motivos, seu tempo será lento, trazendo-lhe angústias e desesperanças. Daí derivam a descrença nas instituições sociais, a necessidade de visibilidade e a valorização social, e o jovem procurará o convívio com os pares, construindo seu lugar no mundo, o que é uma característica da adolescência. Isso origina um comportamento de tribo, que funciona como ritual de reconhecimento e cujo principal objetivo é estar junto.

1.3.3 Características da adolescência

Era uma vez... Um adolescente que vai sentir-se amado e querido à medida que se sinta respeitado, ouvido e que tenha seu espaço responsável no contexto. Conforme Knobell,

hoje já sabemos distinguir, em certos casos, com clareza, se um adolescente é um adulto jovem ou se um adulto não é mais do que um adolescente velho. Em um mundo cheio de incertezas, de incongruências, de rápidas e profundas modificações sociais, é de se perguntar até que ponto se pode indicar uma tendência modal para o comportamento adolescente. (1991, p. 18)

No entanto, podemos definir, de forma generalizada, algumas características do adolescente, como de um momento de grande energia, de questionamentos, de explosão de idéias, em busca da confirmação de sua identidade e de amadurecimento. A fase da adolescência acarreta mudanças extremas, o que é vivenciado pela perda da segurança do mundo infantil, proporcionada pela família, substituída pela insegurança do mundo adulto

e impulsionada pelas cobranças do mundo moderno. Essa transição gera um esforço psicológico para ajustar-se em busca de sua identidade. De acordo com Knobel,

a idéia de si mesmo implica algo muito mais amplo em todas as etapas do desenvolvimento. É o conhecimento da individualidade biológica e social, do ser psicofísico em seu mundo circundante, que tem características especiais, em cada idade evolutiva. A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento da vida. (1991, p. 30)

As modificações fisiológicas que ocorrem na adolescência provocam modificações irreversíveis, demarcando a perda do corpo infantil. Portanto, qualquer que seja o sexo do adolescente, seu *status* econômico, o fato é que sua estrutura física interfere em sua personalidade. O desenvolvimento de um autoconceito vai se concretizando à medida que o adolescente vai mudando e se integrando às percepções que as pessoas, os grupos e as instituições têm a seu respeito, e vai assimilando os valores que constituem o ambiente social. Desse modo, vai se formando o sentimento de “pertencer” ou “não-pertencer” a tudo aquilo que o circunda, baseado nas visões perceptíveis dos grupos que contribuem para a formação de sua identidade.

Ao buscar sua identidade, o adolescente utiliza-se de situações favoráveis no momento, o que se explica no processo grupal de que ele participa, no qual todos se identificam com cada um. Nessa perspectiva, o processo grupal adquire muita importância, já que transfere a segurança que tinha na estrutura familiar para o relacionamento com o grupo, o qual é usado como uma ponte para fazer a transição necessária no mundo externo. É por meio dele que o adolescente tira suas dúvidas, troca informações, vivencia novas maneiras de ser, imita seus amigos, fazendo dissociações, projeções e identificações que são necessárias para o seu desenvolvimento. Os grupos, tribos para alguns,

são importantes contextos de desenvolvimento, sendo o estilo musical, a imagem estética e as práticas de lazer os principais elementos definidores de cada uma; que cada tribo desenvolve mecanismos internos e externos de preservação de sua estrutura semiótica, marcando sua diferença social em relação às demais. (OLIVEIRA; CAMILO e ASSUNÇÃO, 2003, p. 1)

Nesse sentido, ao pensar nas características ou na conduta do adolescente, é preciso considerar em qual meio ele está inserido. Portanto, encontrar um comportamento característico do adolescente neste mundo de hoje seria meramente fictício. Muitos foram os estudiosos que se empenharam em pesquisar o comportamento dos jovens. Destaca-se Piaget, Vygotsky e Wallon, por serem considerados essenciais para a proposta de pesquisa em evidência.

1.3.4 A adolescência segundo Piaget

A superação da necessidade de objetos concretos para a formação de conceitos é a principal aquisição na fase da adolescência, segundo a teoria de Piaget. O conceito ultrapassa o real, dispensa a mediação do concreto para fazer a relação entre o possível e o necessário. O adolescente passa a operar intelectualmente, no nível formal, pela sua capacidade de gerar todas as combinações possíveis de um mesmo sistema lógico. É a passagem do pensamento concreto para o “formal” ou “hipotético-dedutivo”. Segundo Piaget:

As operações formais fornecem ao pensamento um novo poder, que consiste em destacá-lo e libertá-lo do real, permitindo-lhe, assim, construir a seu modo as reflexões e teorias. A inteligência formal marca, então, a libertação do pensamento e não é de admirar que este use e abuse, no começo, do poder imprevisto que lhe é conferido. Esta é uma das novidades essenciais que opõe a adolescência à infância: a livre atividade da reflexão espontânea. (1995, p. 60)

É um momento de conquista de autonomia, visto que adquire a capacidade de analisar criticamente os sistemas sociais, de debater os valores de seus pais e propor mudanças, além de construir o seu próprio código moral.

Socialmente, os adolescentes unem-se em pares ou em grupos de discussões, em movimentos de juventude, e é por meio dessas relações que eles avaliam suas idéias, pensamentos e fantasias. Por outro lado, a adaptação do adolescente à sociedade está ligada ao trabalho propriamente dito. Ao empreender uma tarefa efetiva, o adolescente torna-se adulto e o reformador idealista transforma-se em realizador. Conforme Piaget:

A verdadeira adaptação à sociedade vai-se fazer automaticamente, quando o adolescente, de reformador, transforma-se em realizador. Da mesma maneira que a experiência reconcilia o pensamento formal com a realidade das coisas, o trabalho efetivo e constante, desde que empreendido em situação concreta e bem definida, cura todos os devaneios. (1995, p. 64)

O novo poder que enriquece esse jovem gera um tipo de egocentrismo, pois o adolescente passa a acreditar que tudo que faz e sente tem importância universal. Ele começa a agir como um ator que é vigiado e controlado por uma platéia imaginária. Na interpretação de Elkin, “o adolescente está continuamente construindo ou reagindo a uma audiência imaginária. É uma audiência porque o adolescente crê que será foco de atenção e é imaginária porque, em situações sociais reais, não é isso que realmente ocorre” (1972, p. 70). A audiência imaginária parece, parcialmente, ser responsável pelo constrangimento e pelo sentimento de vergonha que surge no jovem no início da adolescência. Como é crítico em relação a si mesmo, ele acredita que a audiência também o será.

A reflexão nascente leva o adolescente a construir sistemas teóricos e projetos de reformas, instrumentando-o para uma integração ao mundo adulto. O eu torna-se forte para reconstruir o universo e para incorporá-lo. Segundo Faria:

as teorias literárias, estéticas, sociais, políticas, científicas [...] constituem meios para explicar o universo físico e social. As teorias sociais e políticas são realçadas, nesta fase, devido à preocupação que os jovens têm com as crises que agitam a vida coletiva, da qual pensam compartilhar. Por isso, as teorias, ainda que limitadas, têm a função de levar a uma adaptação. Esta é subjetiva, porque não existe uma compreensão real do universo, sendo a assimilação destituída de acomodação. (1989, p. 85)

O pensamento é egocêntrico porque, à medida que o jovem pensa em meios para esclarecer, atenuar, melhorar o mundo, acredita que está contribuindo realmente para isso; ele não diferencia o eu que pensa da realidade pensada. Tanto os planos e projetos de reforma quanto as teorias não conduzem a uma integração real do adolescente no mundo adulto. Isso só acontecerá quando ele conseguir assimilar as concepções e os programas sociais a suas próprias concepções e projetos. Nesse momento terá, então, condições de participar realmente do meio coletivo e de para afirmar o eu. Inhelder e Piaget declaram que, em alguns casos, os projetos de vida

têm uma influência real no desenvolvimento ulterior do indivíduo e pode ocorrer que encontremos em seus papéis de adolescentes o esboço de idéias que efetivamente desenvolverá mais tarde. Mas em muitos outros casos, os projetos da adolescência parecem mais uma espécie de jogo superior com funções de compreensão, da participação em ambientes realmente inacessíveis, etc. Assim, o adolescente aceita orientações que o satisfazem certo tempo e são, em seguida, abandonadas. (1976, p. 256)

O decréscimo do egocentrismo no período da inteligência formal acontece quando houver uma assimilação do universo físico e social equilibrada com a acomodação. O jovem passa, então, a ter uma visão de seu poder real para lidar com idéias e valores.

1.3.5 Conceito de adolescência segundo Vygotski

No início de sua história, o sujeito é candidato à humanização, ou seja, torna-se humano ao apropriar-se da produção das pessoas. Para humanizar-se, deve desenvolver suas funções psicológicas superiores e, assim, torna-se cada vez mais livre, cada vez mais independente de suas necessidades naturais.

As funções psicológicas superiores são desenvolvidas a partir das funções psicológicas elementares, que são involuntárias e têm uma relação imediata com a realidade. Já com pouca idade, a criança começa a se comunicar com o mundo por meio de sinais e instrumentos, deixando as funções psicológicas elementares quase que exclusivamente de lado. Com o passar do tempo, a criança vai, intencionalmente, por desenvolvimento e por sua atividade, usando tanto instrumentos físicos quanto a linguagem como meios para sua ação sobre a realidade.

Com as complexas relações que trava com o mundo, aliada à complexificação de seu sistema nervoso e à apropriação dos conhecimentos humanos, a criança internaliza as estruturas que eram exclusivamente externas. Assim, “a natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais deslocadas para o interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura” (VYGOTSKI, 1995, p. 151).

Para Vygotski, o processo de internalização deveria ser chamado “processo de revolução”, tendo em vista que há um salto qualitativo de uma estrutura para outra, a superação de um ponto primordial. Em seus textos, não há explicitamente uma definição de adolescência ou adolescente; cabe, pois, construir-lhe um significado levando em conta

a relação entre desenvolvimento/aprendizagem e o conceito de zona de desenvolvimento proximal como referências.

Vygotski (1994) entende que a aprendizagem e o desenvolvimento seguem linhas diferentes e que suas inter-relações não são simétricas nem paralelas: “O processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a zona de desenvolvimento proximal”. Para o autor, a zona de desenvolvimento proximal é “a diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se como uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança” (VYGOTSKI, 1994, p. 112).

É importante explicitar que a zona de desenvolvimento proximal não é exclusiva dos primeiros anos do desenvolvimento. Nos textos vygotkianos, em geral, ela tem a criança como foco, no entanto essa proposição é válida para qualquer idade. Dessa forma, pode-se definir aprendizagem como sendo a apropriação pelo sujeito dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, desde as produções formais/acadêmicas até os hábitos cotidianos de uma sociedade; enfim, é a apropriação das ações práticas e teóricas elaboradas social e historicamente:

É somente pela aprendizagem em suas formas especificamente humanas, isto é, quando há a transmissão de indivíduo para indivíduo das ações práticas e teóricas elaboradas socialmente, que este processo, impressionante em sua complexidade e cheio de contradições dialéticas, é completado [...] a assimilação que ocorre durante o processo de aprendizagem também resulta em adaptação à atividade que não é somente resposta às características específicas da existência humana, mas uma atividade que responde à existência de ambos no mundo material e no mundo das relações humanas e também no mundo das idéias, conceitos e conhecimento em que a experiência da atividade social geral é refletida. Aprendizagem, então, é uma forma de manifestação da vida do homem: respondendo às suas necessidades e motivos vitais; ela é intencionalmente motivada e é por si mesma capaz de tornar-se um fim. Ela é, portanto, sujeito de leis internas, as leis que dirigem o desenvolvimento da vida do indivíduo. (LEONTIEV, 1978, p. 22)

Essa definição explica o conceito de zona de desenvolvimento proximal e por que é válida para todas as pessoas, independentemente da idade. Quando um conteúdo é aprendido, o sujeito memorizou as informações apropriadas, isto é, elas são significativas para ele, alterando, assim, sua compreensão da realidade. Essa alteração depende dos conteúdos de que a pessoa se apropriou; depende de como significou o conhecimento e se

esse conteúdo foi baseado em conceitos espontâneos ou científicos. Todo aprendizado ocorre em conexão com as emoções envolvidas nesse processo, assim como com os conhecimentos anteriormente apropriados pela pessoa.

Nesse ponto, a educação tem um papel fundamental. Nas palavras de Saviani: “Se a educação é mediação, isto significa que ela não se justifica por si mesma, mas tem sua razão de ser nos efeitos que se prolongam para além dela e que persistem mesmo após a cessação da ação pedagógica” (1989, p. 86). Portanto, é necessário que o educador conheça algumas teorias educacionais para não correr o risco de valorizar apenas as emoções ou recorrer somente à memorização. É relevante, portanto, o planejamento da seqüência dos conteúdos (e sua melhor forma de apropriação), valorizando os conteúdos aprendidos com sua vida cotidiana. Assim, os conhecimentos apropriados podem ser compreendidos em sua totalidade, não de forma fragmentada e desinteressadamente. Tudo isso significa a ampliação da zona de desenvolvimento proximal.

Anteriormente, comentamos que Vygotski (1994) não explicitava, de forma clara, uma definição de adolescente/adolescência. Justifica-se a assertiva porque o autor entende que a adolescência não é vista como uma fase natural do desenvolvimento, como uma etapa natural entre a vida adulta e a infância, mas como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do sujeito moderno. É um momento significado, interpretado e construído pelo ser humano. Adélia Clímaco (1991) traz em seus estudos vários fatores que caracterizam a adolescência dentro de uma abordagem sócio-histórica: foi criada pelo homem; construída como fato social e como significado, a adolescência torna-se uma possibilidade para os jovens (e para os não-jovens), uma forma de identidade social; a sociedade moderna, com suas revoluções industriais, gerou grandes modificações na forma de vida; o trabalho, com a tecnologia, diversificou-se e passou a exigir um tempo prolongado de formação, adquirida na escola, reuniu num mesmo espaço os jovens e afastou-os do trabalho; o desemprego crônico das sociedades capitalistas trouxe a exigência de retardar o ingresso dos jovens no mercado; a ciência prolongou a vida do sujeito com seus tratamentos sofisticados.

A sociedade, então, assiste à criação de um novo grupo social com padrão coletivo de comportamento – a adolescência. A partir dessa nova situação social descrita por Clímaco, os jovens passam à margem da sociedade, pois se vêem prontos para assumir uma postura, hoje ocupada pelo adulto, mas, ao mesmo tempo, assistem ao retardamento de seu ingresso, em virtude das condições impostas pela sociedade. Essa contradição vivida pelos jovens é responsável pelo desenvolvimento das características que refletem a

nova condição social na qual se encontram: as tribos urbanas. Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica e suas possibilidades de expressão são muitas.

1.3.6 Adolescência na concepção de Henri Wallon

Segundo uma perspectiva psicogenética, a teoria de desenvolvimento de Wallon (2003) descreve o desenvolvimento da pessoa a partir da interação do potencial genético e uma grande variedade de fatores ambientais. É a interação da criança com o meio, numa relação complementar entre os fatores orgânicos e socioculturais, que fortalece o foco da teoria:

Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas pelo indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio. (WALLON, 2003, p. 21)

Sobressai-se no trecho transcrito a questão do desenvolvimento no contexto em que a pessoa está inserida – a realização do potencial herdado geneticamente dependerá das condições do meio.

Para a teoria walloniana, a adolescência é apresentada como a etapa que separa a vida adulta da criança, na qual ocorrem profundas transformações corporais, assim como psíquicas, acompanhadas por um fenômeno interessante, que é a posse da função reprodutora e sexual. A construção de sua identidade é a marca essencial dessa fase. As funções afetivas são muito intensas, chegando, muitas vezes, a assustar o adulto, pois o adolescente gesticula, fala alto, movimenta-se constantemente, demonstrando a pouca habilidade em lidar com o novo corpo.

Outra característica marcante da adolescência é a ambivalência de atitudes e sentimentos, resultado da riqueza da vida afetiva e imaginativa que traduz o desequilíbrio

interior. Desejos poderosos e vagos impelem o jovem a sair de si; ele se inquieta para encontrar o ser ideal, o complemento de sua própria pessoa, que pode ser real ou imaginário. Nesta fase, o real e o imaginário parecem ser o mesmo, isto é, a capacidade do jovem para representar mentalmente amplia-se em tamanha proporção que ele ama o desconhecido e a novidade, pois atendem melhor às suas necessidades que os dados do real. Wallon (2003) comenta que, no comportamento exterior, a ambivalência manifesta-se pelas reações de vaidade e desejo de conquista do outro; no entanto, surgem os sentimentos de timidez e vergonha.

Além disso, o adolescente busca a independência e unir-se a outros jovens com os mesmos ideais, necessidades que podem ser satisfeitas tanto por ações imaginárias como por ações reais. Contudo, para que esses projetos sejam satisfeitos, é preciso que o jovem escolha valores morais, o que implica o estabelecimento de relações com a sociedade, que podem ser adequadas ou não, conforme as orientações dos adultos e do ambiente em que vive. Os meios social e cultural passam a ser de grande importância. Os adolescentes tornam-se intolerantes em relação às regras e ao controle exercido pelos pais e necessitam identificar-se com seu grupo de amigos.

Para Wallon (2003), o processo de socialização da pessoa não se dá apenas no seu contato com o outro nas diversas etapas do desenvolvimento e da vida adulta, mas também no contato com a produção do outro. A cultura geral aproxima as pessoas na medida em que permite a identificação de uns com os outros, ao passo que a cultura específica e o conhecimento técnico afastam-nos ao individualizá-los e diferenciá-los. Dessa forma, a construção de sua personalidade está ligada a esses fatores. No grupo, o adolescente percebe-se igual a seus pares, isto é, vive algo menos pessoal, pois está mais sensível aos desejos, fantasias e influências do grupo de amigos; ao mesmo tempo, começa a atribuir-se maior autonomia na busca de seu espaço e no meio em que vive, descobrindo suas aptidões. Essa nova postura ajuda-o a determinar seu papel no grupo, permitindo que se perceba como ser humano, deixando para trás a infância e caminhando para a vida adulta.

De acordo com Wallon (2003), como a aptidão só se manifesta se encontrar ambiente favorável e objetos que lhe respondam, muitas aptidões podem se manifestar no encontro das necessidades psicológicas do sujeito com as crescentes necessidades da sociedade. Assim, o acesso à cultura é função primordial da educação formal, pois ela é o espaço de expressão das criações e aptidões, sejam manuais, sejam corporais, estéticas, intelectuais ou morais. A escola é um dos espaços ideais para oferecer condições de a

pessoa se desenvolver, intervindo no processo de maneira que as aptidões, tantas quantas possíveis, possam aflorar, proporcionando crescimento global do ser humano.

Uma reflexão extremamente relevante sobre as implicações da teoria walloniana para a educação é apresentada por Almeida:

Wallon, psicólogo e educador, legou-nos muitas outras lições. A nós, professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento. Somos componentes privilegiados do meio do nosso aluno. (2000, p. 86)

Conseqüência da presente interpretação é a responsabilidade que Wallon (2003) atribui ao professor, vendo-o como uma pessoa completa, mediador da cultura e cultivador de novas aptidões. Todavia, na medida em que o adolescente está num tempo de constituição subjetiva que coloca em xeque o mundo adulto, até então apresentado como o lugar onde a realização e a satisfação plena poderiam ser alcançadas, será que essa postura tem sido adotada em sala de aula? A tal pergunta, Wallon (2003) aponta como resposta, já há algum tempo, que a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros, mas deve ter referência nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar.

A história de cada um sugere uma reflexão do que a globalização significou e significa na vida, principalmente dos jovens. Em seu mais alto nível, a globalização acarreta o maior dos males que pode sofrer uma sociedade: “a banalização do ser humano”. E as tribos de adolescentes surgem para chamar a atenção de que é necessário repensar a história.

2 O JOVEM E AS TRIBOS URBANAS

Não é difícil perceber que, a todo o momento, o ser humano busca obter noções, informações, idéias claras sobre o que se apresenta aos seus sentidos e à sua razão, bem como utiliza seu mecanismo perceptivo e sua inteligência para ampliar os conhecimentos que já possui. Claramente, sabemos que as pessoas necessitam aprender mais e cada vez mais rapidamente.

A era do imediatismo e das facilidades está sendo instalada de maneira assustadora e o jovem, deslumbrado com tantas facilidades, vê-se perdido no momento de traçar seus objetivos de vida ou perspectivas futuras. A crescente pluralidade de tribos urbanas expõe a variedade de perspectivas sobre o mundo; assim, algumas vezes assistimos às significações específicas de cada grupo se chocando e se entrecruzando.

Essa criação de uma nova forma de realidade social deve ser reconhecida pela “importância do domínio simbólico” – que Maffesoli trouxe em suas obras –, sugerindo um retorno ao interior do sujeito, não só pensando de forma racionalista, mas voltado para a emoção, isto é, para a experimentação do domínio do sensível.

2.1 Tribos urbanas e sua constituição

A vida é um processo de conhecimento que há séculos instiga a curiosidade humana. Para Maturana:

desde o Renascimento, o conhecimento em suas diversas formas tem sido visto como a representação fiel de uma realidade independentemente do conhecedor. Ou seja, as produções artísticas e os saberes não eram considerados construções da mente humana. Com alguns intervalos de contestação (como aconteceu logo no início do século XX, por exemplo), a idéia do que o mundo é pré-dado em relação à experiência humana é hoje predominante – e isso mais por motivos filosóficos, políticos e econômicos do que propriamente por causa de descobertas científicas de laboratório. (2005, p. 7)

A contemporaneidade tem desencadeado um sentimento de êxtase “vertiginal”, visto que o ser humano assiste à mundialização: de um lado, é apenas o espectador e, de outro, aquele que incessantemente busca suas raízes e referências, seu “fazer parte”. Gadotti aponta alguns pontos muito importantes para esta reflexão:

Fala-se muito, hoje, em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e a manipulação de dados, muito mais do que a generalização da oportunidade de criar conhecimento. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional. (2004, p. 2)

Conhecer é muito importante porque permite compreender o passado, projetar o futuro, “ler o mundo e transformá-lo” (FREIRE, 2002b). Ao conhecer, o sujeito reconstrói o que conhece, ampliando sua visão de mundo e a aquisição de habilidades e competências, o que o leva continuar aprendendo. No entanto, só é possível conhecer quando desejamos, quando queremos, quando existe um envolvimento com aquilo que estamos aprendendo. E o desafio da escola é preparar a juventude para essa nova realidade: suprir o aluno do equilíbrio necessário para não temer novos rumos e situações. Disso faz parte a educação continuada, que desperta o olhar crítico sobre o que acontece no mundo e a capacidade de desenvolver múltiplas e diferentes habilidades numa época de mutação rápida e constante. Todavia, também é preciso considerar a educação do ponto de vista do processo de socialização.

Já não é possível pensar, como no passado, que as regulamentações vêm exclusiva ou fundamentalmente de instituições como o Estado, a família ou a escola. Tampouco é possível pensar que haverá uma regulamentação espontânea, baseada nos mecanismos do mercado, que assegure a coesão e a equidade necessárias para o desenvolvimento social sustentável. Assim:

numerosos indícios indicam a aparição e o risco de uma expansão rápida de uma sociedade atomizada, na qual o indivíduo isolado estaria em face de uma coletividade anônima. Estão aparecendo novas formas de solidariedade e associação: associações de bairros, tribos urbanas, gangues juvenis [...] mas a solidariedade gerada por estas novas formas de agrupamento não está associada a movimentos integradores. A desapareção das formas tradicionais de pertinência provoca a aparição de uma nova obrigação, a de cada um gerar por si mesmo sua forma de inserção social. (FOUCAULD; PIVETEAU, 1995, p. 51)

Assistimos no nosso universo urbano a uma deflagração de tribos (Góticos, Patricinhas, Mauricinhos, Nerds, UPV Brothers, EMOS), que se distinguem umas das outras principalmente pela imagem visual de seus membros. No campo das ciências sociais, o fenômeno tribos tem sido mencionado, segundo Coutinho (2007), por vários autores, como Calligaris (1998), Featherstone (1997) e Maffesoli (2006). Este último é o que mais se destaca pela importância dada ao estudo das tribos em sua análise da sociedade contemporânea. Para Maffesoli (2006), a humanidade vive um “período empático”, isto é, a indiferenciação e o perder-se em si fazem surgir um sujeito coletivo, ao qual denomina de “neotribalismo”. Observando as tribos de uma ótica otimista, o autor também as define como uma “comunidade emocional” ou “nebulosa afetiva”, em oposição à organização existente nas sociedades modernas.

Do latim *tribus*, a palavra “tribo” é definida como “cada um dos agrupamentos em que estavam divididos alguns povos da Antiguidade” (AURÉLIO, 2001, p. 686). A contemporaneidade, porém, reinventou esse conceito ao criar as tribos urbanas. A expressão define um grupo que partilha um estilo de vida, traduzido em roupas, festas, músicas, estilo, enfim, preferências e referências comuns. Essas novas tribos têm organização, normas, leis, códigos e adeptos nos centros urbanos.

Num aparente paradoxo, as tribos uniformizam ao mesmo tempo em que diferenciam; pertencer a uma tribo é ser, simultaneamente, diferente de alguns e igual a outros. Esse fenômeno tem a ver com a necessidade de identificação com um grupo nos cenários urbanos, onde cada vez mais impera a impessoalidade. Assim, nas tribos o que conta é o fato de estar junto, que promove o sentir junto – o que é buscado no engajamento a esses grupos – uma experiência estética. Maffesoli retrata a estética como sendo “a faculdade comum de sentir, de experimentar”, ou, ainda, de “experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido”. (1996, p. 163)

A transitoriedade e o imediatismo congregam-se num certo “louvor” ao presente vivido pela tribo, não existindo projetos futuros ou preocupações com o destino tribal. É o próprio movimento do consumo que determina o futuro das tribos, isto é, seu prosseguimento tem a ver com a estética e a mídia, que têm um papel praticamente decisivo na formação e na desagregação das tribos.

Segundo Coutinho (2007), a relação das tribos com a sociedade de consumo é bastante complexa. Os *punks*, por exemplo, ao mesmo tempo em que veiculam uma mensagem contestatória ao próprio consumo, diferenciam-se de outras tribos, como a *new wave*, por repudiar o valor dado por outros às roupas de etiquetas caras no mercado da moda; também se utilizam do recurso da imagem visual e das vestimentas para comunicar suas posições. É a isso que talvez Baudrillard (1995) se refira quando afirma que, na cultura do consumo, os bens materiais não são apenas utilidades, mas têm um valor simbólico, um valor de signo, no caso, signo de diferenciação entre as tribos.

É certo que, na sociedade contemporânea, há uma exaltação das diferenças, a qual se torna explícita por meio das tribos. Ainda se reportando a Coutinho (2007), há uma promessa de singularização que, no entanto, jamais é alcançada do modo como foi prometida. Portanto, a lógica do consumo está articulada, necessariamente, à desigualdade. A partir disso, constata-se que ser diferente de alguns sendo igual a outros é a máxima do individualismo contemporâneo, o que remete a Calligaris, que faz uma análise dessa função paradoxal que o consumo ocupa na contemporaneidade:

existe uma certa sabedoria nesta perspectiva: uma espécie de aceitação (resignada?) da função de consumo como produtor ao mesmo tempo de coesão e de diferenciação social. Em suma, foi-se a idéia de mudar o mundo transformando as relações produtivas. Parece mais abordável e eficiente nesta altura modificar o consumo. O problema, em breve, é que fica bem complicado propor e inventar modelos de consumo que sejam equitativos. Acontece que o consumo se tornou tão importante justamente por ser o artifício encarregado de produzir e instituir diferenças. (FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de set. 1998)

Levando em conta as transformações nos modos de sociabilidade nas cidades, o que hoje se denomina “tribos”, Maffesoli acredita que se caminhe em direção a uma nova ética: a ética da estética. Para resumir em uma expressão essa tendência, pode-se falar do que Bakewell chamava de “força coletiva invisível, que é a origem, segundo ele, das explosões

de revoltas pontuais nas histórias humanas, mas que se pode ver, igualmente, em ação, na distensão calma de uma vida sem qualidade” (1995, p. 54).

Por isso, o estilo estético tende a favorecer um estar-junto que não busca um objetivo a ser atingido, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir os bens desse mundo, em cultivar aquilo que Foucault chama de “cuidado de si” ou “o uso dos prazeres”, em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns. Nas palavras de Maffesoli:

É a volta do ideal comunitário, em detrimento do ideal societário. Uma pulsão comunitária é encontrada no que chamei de tribalismo pós-moderno, cujos efeitos se fazem sentir tanto nas efervescências juvenis, quanto na multiplicação das agregações que foram elaboradas a partir dos gostos sexuais, culturais, religiosos ou até mesmo políticos. (1995, p. 54)

Nesse sentido, podemos resumir em poucas palavras o que representa o estilo estético: por um lado, enfatiza o sensível e o prazer imediato para si; por outro, serve de suporte a diversas formas de socialidade - é o estar junto. A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas, ainda, e principalmente, no âmbito familiar da vida cotidiana. Segundo Duarte Junior, “desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade”. (2006, p. 14)

2.2 Tribalismo: reencantamento do mundo

Como professora, diversas vezes busquei respostas a certos comportamentos que o jovem apresentava no convívio escolar. Cabe chamar atenção à instituição escola porque é nela que exerço meu desempenho profissional e também é onde encontro a efervescência de sonhos dos adolescentes a caminho de uma sociedade mais justa. Mas essa arcaica expressão “sociedade mais justa” leva à reflexão acerca da maneira como podemos chegar

a isso e também em alternativas de realmente tirá-la do papel, observando o cenário brasileiro, onde as disparidades econômicas e sociais são muito grandes.

Em resposta à crise de referências simbólicas e institucionais claras e diante dessa dureza da realidade social, os adolescentes e jovens urbanos contemporâneos parecem buscar o sentido de si mesmos numa imagem idealizada e ilusória do outro. Afinal, eles desejam fugir da morte da identidade pessoal, promovida pela sociedade moderna e seus aparatos e, ao mesmo tempo, celebrar a vida, a liberdade, a felicidade, a sua construção (ou reconstrução). Para isso, Maffesoli aponta “grandes forças que conhecem um eterno retorno no interior de histórias diversas; são matrizes constantes que se articulam a momentos históricos específicos. Criam, assim, nessa articulação, singularidades a verificar/constituir teoricamente” (2006, p. XI). As forças de que fala o autor estão centradas nas tribos urbanas.

Segundo Maffesoli, “depois da dominação do ‘princípio do logos’, o de uma razão mecânica e previsível, o de uma razão instrumental e estritamente utilitária, assiste-se ao retorno do ‘princípio de eros’. Eterno combate de Apolo e Dioniso” (2006, p. 6). Nesse sentido, o tribalismo é um fenômeno cultural. O sujeito já não se sente esperançoso quanto aos dispositivos tradicionais de organização e estruturação social, expressando-se num movimento de ação sob uma constante transferência do engajamento a leis institucionais, que obedeciam aos padrões tradicionais, para o pertencimento a um instigante tribalismo.

Pertencer a essas tribos, para o sujeito, passa a ser mais importante do que pertencer a uma classe social ou a um segmento importante da sociedade. Ele assume o cotidiano da cidade como palco de experimentação do domínio do sensível. Sua reunião, traçada em cima dos mesmos objetivos, não em torno de alguma coisa racional e moderna, mas de elementos como relacionamento, emoção, paixão por alguém ou algo, converte-se na proximidade de descobrir o reencantamento do mundo.

O fato é que as considerações referidas ao longo dos capítulos devem ser objeto de reflexão também por uma das mais importantes instituições que os jovens adolescentes frequentam diariamente: a escola. Se a marca do tribalismo é o “destino comunitário”, comunidades de destino, é certo que a comunidade escolar, acostumada com a mecânica da sociedade, deve repensar seu conceito. Essa efervescência, que para alguns é sinônimo de atração, mas, para outros, é a volta da barbárie, está presente no cotidiano de nossas vidas.

Se os jovens pertencentes às tribos urbanas contemporâneas parecem não estar preocupados com um objetivo a ser atingido, seja um projeto econômico, político ou social, preferindo o prazer de estar junto, entrar na intensidade do momento, entrar no gozo

deste mundo tal como é, chegou a hora de repensar o nosso processo de ensino-aprendizagem em todos os aspectos. As tribos estão aí e não há como fechar os olhos a essa nova constituição social. A socialidade que se esboça impulsiona ao desafio intelectual.

2.3 Tribos urbanas – resposta à sociedade

Vivemos numa época em que o declínio das tradições, a acelerada pluralização de valores e referenciais de identificação, sustentada por uma poderosa indústria de consumo e da mídia, têm obrigado as pessoas a rever conceitos e a pensar sobre o novo modo de constituição das subjetividades. Os educadores da contemporaneidade não podem mais fechar os olhos às manifestações dos jovens, que, pela sua “imagem”, apresentam novos sintomas, dando a entender que a “moral sexual civilizada”, descrita por Freud, tem seus dias contados.

Uma maneira pela qual este novo mundo “civilizatório” ser pode ser visto é pelo estudo de diversos grupos ou “tribos urbanas” que fazem parte do cenário das grandes cidades contemporâneas. A problemática das tribos urbanas e a constituição das identidades vêm levantando questões relativas ao tipo de sociedade que se tem – ou se quer ter – e que, em princípio, define-se como “sociedade moderna”.

Inspirado em Karl Marx, Berman argumenta que “ser moderno é fazer parte de um universo no qual [...] tudo o que é sólido desmancha no ar” (1986, p. 15). Para ele, o processo de modernização abrangeu o mundo inteiro e, concomitantemente, desencadeou-se uma fragmentação individual, a tal ponto de as pessoas perderam a capacidade de atribuir sentido à vida e às atividades, passando a buscar, de forma incessante, sentido para suas vidas. As raízes, tanto da sociedade quanto dos sujeitos, foram se deteriorando, e os medos instalando-se, bem como as incertezas, as inseguranças, entre outros.

Alguns autores argumentam que vivemos um momento de transição, ou, até mesmo, de constituição de uma forma de organização social. Destaca-se a opinião de Lyotard (1986), que indica a pós-modernidade como fim da fé na possibilidade de um conhecimento histórico e de um desenvolvimento humano planejado. A descrença de que o homem é um ser social inserido numa realidade que o prende a um passado, o qual permite projetar um futuro previsível, seria, para Lyotard, o declínio da posição central ocupada

pelo conhecimento científico e a vitória da multiplicação de formas heterogêneas de conhecimento. Dentro dessa concepção, a modernidade exprime uma realidade e uma temporalidade fragmentadas.

Apoiado nessa idéia, Balandier (1997) argumenta que a modernidade acentua o que é imediato, atual, e chama a atenção para os fenômenos que se inscrevem no instante e no presente. O ser humano recusa o que é construído, pois a preferência é pela criação fragmentada, precária. A concepção de modernidade de Balandier (1997) faz contato com a noção de pós-modernidade visualizada por Michel Maffesoli (2006), segundo o qual esta institui um novo paradigma estético e aponta o fim de uma lógica individualista típica da modernidade, de um Eu fechado sobre si mesmo. Estar-se-ia, assim, caminhando em direção à *persona* e à multiplicidade de papéis e máscaras, com o que a pessoa só existiria em termos do papel ou máscara usada em dado momento e situação. Tem-se em Maffesoli uma afirmação do apogeu das massas e do declínio do proletariado enquanto sujeito histórico: “Assistimos tendencialmente à substituição de um social racionalizado por uma socialidade com dominante empática” (2006, p.17).

As inseguranças dos sujeitos, típicas de uma sociedade pós-industrial, denunciam, segundo Balandier (1997), os efeitos das mudanças profissionais bruscas, impulsionadas pelos efeitos da tecnologia e da informática, além da imprecisão dos papéis sociais, o que resulta na fragmentação das relações com o outro e na multiplicação de máscaras ou aparências das quais se reveste as pessoas numa sociedade de comunicação que imprime sua marca por meio de novos signos e símbolos. É aí, com grande ênfase, que se destacam as tribos. Balandier (1997) argumenta que o termo “tribo” é freqüentemente usado para se referir a diversas formas de associações – clubes, comunidades, redes – resultantes do processo social de fragmentação e do concomitante processo de reagrupamento associativo e tribal.

Nesse cenário descrito como típico da pós-modernidade encontramos pontos de contato com o pensamento de Maffesoli, quando aponta que as tribos exprimem a “socialidade fundante” da atualidade, na qual ocorre:

o vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento de micro-grupos que chamarei de tribos. Claro está que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nela se cristalizam são instáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra [...] ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. O adepto do *jogging*, o punk, o look retrô, os “gente-bem”, os animadores públicos nos convidam a um incessante *travelling* [...], a efervescência do neo-tribalismo que, sob as diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (2006, p.132)

Esse neotribalismo seria um exemplo das formas contemporâneas de sociabilidade desenvolvidas por grupos de jovens neste início de milênio. O neotribalismo juvenil corresponderia a uma espécie de resposta a uma sociedade fragmentada, fria, individualista, competitiva e burocrática. A vivência no interior das tribos abriria aos jovens a possibilidade de um encanto afetivo passional, criação de um canal simbólico de expressão da identidade. Segundo Maffesoli:

as tribos das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia dispendida para a constituição do grupo como tal. Dessa maneira, elaborar novos modos de viver é uma criação pura à qual devemos estar atentos. [...] Assim, a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade de massas. (2006, p.164-165)

Nessa nova ética, o que conta não são os projetos racionais futuros, mas, sim, a experiência estético-afetiva do presente. Portanto, o argumento principal utilizado por Maffesoli (2006) e por Featherstone (1997) para fundamentar a ética da estética parece consistir no declínio de uma orientação mais racional baseada num projeto de vida, em favor de um estado de coisas em que intensidades e afetos momentâneos são os fatores determinantes no modo como o sujeito se situa no mundo.

Maffesoli dá ênfase à vivência, pois, assim, os elementos subjetivos integrantes dos fenômenos sociais podem ser reconhecidos. Essa subjetividade não é privilégio de um indivíduo isolado, mas pertence a uma pessoa que se situa numa rede de inter-relações. Acentua, ainda, que, “antes que qualquer racionalização, existe uma vivência comum, que pode tomar formas diversas, mas que, nem por isso, exprime menos o extraordinário querer-viver que constitui toda sociabilidade” (2005, p. 175). Assim, “tribo é uma forma

social que é a rede: conjunto inorganizado e, no entanto, sólido, invisível”, servindo como esqueleto sustentador da tessitura social. Essa forma é regida pela lei da simpatia, da proxemia do ser-estar junto à toa. É tornar-se diferente e, ao mesmo tempo, igual.

O fenômeno das tribos pode não ser de um todo observado no universo jovem, porém é nesse universo que mais se perpetua, constituindo a realização da idéia do “ser jovem” como sendo sinônimo da adequação num universo, ou numa tribo que tenha o reflexo do moderno e do arrojado. E é essa idéia – ou esse ideal – que é vendida maciçamente na sociedade de consumo, na qual se vive o “mito da novidade”, o qual transforma tanto o jovem quanto a sua idéia acerca de sua auto-imagem em produtos próprios do mercado de consumo.

Os fenômenos das tribos urbanas são mais do que uma simples transformação na organização dos sujeitos: apresentam-se como uma mudança real na estruturação das constituições de subjetividades e complexidades de toda uma sociedade pós-moderna, o que exige novas maneiras de pensar e repensar tais atores sociais enquanto sujeitos contemporâneos. Para tanto, é necessário considerar o sensível em todas as suas manifestações. Maffesoli aborda muito bem isso quando afirma:

Não podemos, com efeito, limitar-nos à via recta, balizada pelo racionalismo moderno; o que é preciso, pelo contrário, é construir uma razão mais rica. Para compreender os fenômenos sociais, em ação nos dias de hoje, é necessário mudar de perspectiva: não mais criticar, explicar, mas compreender, admitir. É preciso apresentar fenomenologicamente o que acontece. (2004, p. 19)

A sociedade está acostumada a ver jovens “normais” nas comunidades e/ou cidades, cujas extravagâncias nos quesitos moda, cabelo, acessórios não parecem ser motivo de preocupação. Às vezes, no máximo, causam espanto ou desencadeiam um comportamento de gozação. Porém, por enquanto, essa atitude é característica das cidades pequenas. Cedo ou tarde, esse fenômeno da juventude chegará até nós e, principalmente, até nossas escolas, com grande força e organização. É importante que se conheçam as razões de tal fenômeno (ou comportamento), para que se saiba como agir diante dele.

2.4 Especificações das tribos urbanas

De um modo geral, as tribos têm características marcantes que as diferenciam umas das outras e do restante das pessoas. O critério para denominá-las geralmente é um atributo, que tanto pode ser um estilo musical (EMO) como o excessivo consumismo de informações da mídia e de outros canais que lhes forneçam conhecimento (Nerds, UPV Brothers), ou o jeito de se vestir (mauricinhos/patricinhas). Até os que buscam a solidão, o sombrio (góticos) podem ser considerados uma tribo. Como a linguagem é um dos principais sinalizadores das tribos, suas expressões e termos sequer são entendidos por quem está de fora. Outros sinalizadores são os elementos visuais, que, dependendo da forma como são usados, ou se os tem, indicam a que tribo se pertence, como é o caso de roupas de marcas, indicando a tribo das patricinhas ou mauricinhos.

Dessa forma, os sentimentos de identidade e de pertencer socialmente apóiam-se cada vez mais na materialidade dos objetos externos, e as pessoas cada vez mais são remetidas ao objetivo da cultura do consumismo. Não conseguindo mais se impor diante da potência da impessoalidade, o individualismo, conforme Maffesoli,

será um perder-se, em um sujeito coletivo, que não permite existir, senão no espírito do outro, não se tratando mais da história que construo, contratualmente associado aos outros indivíduos racionais, mas um mito do qual participo. Podem existir heróis, santos, figuras emblemáticas, mas eles são, de certa maneira, tipos-ideais, formas vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros, servindo todos como receptáculos da expressão do nós. (2006, p. 123)

Em razão do declínio das tradições e da acelerada “pluralização de grupos primários, a chamada dessocialização causada pela cultura de massa resulta na constituição de um novo enfoque às subjetividades, designando novas noções de hábitos e valores nos quais as tribos urbanas encenam um novo cenário” (CARDOZA, 2003, p. 2).

As tribos não são mais simples transformações que as pessoas estão realizando na sociedade, o que exige um pensar e repensar esses atores sociais enquanto sujeitos contemporâneos. O compartilhamento de códigos e as práticas sociais contribuem para definir a imagem social de cada tribo.

2.4.1 Nerds

Os *Nerds* possuem um real significado, tanto que as pessoas os definem como anti-sociais; demasiadamente interessados na tecnologia, são colecionadores de RPGs e HQs. Podem não ir muito bem na escola, uma vez que muitos se consideram autônomos o suficiente na aprendizagem, a ponto de não se preocuparem com a organização de cadernos ou com o dever de casa. Figuram como sinônimo de *Nerds* os CDFs, porém estes se dedicam exageradamente aos estudos. No Brasil, existe uma diferença básica entre *Nerds* e CDFs: os primeiros demonstram um grande interesse pelas ciências e pela computação; os segundos são jovens do ensino médio que têm a escola como ponto central de suas vidas, nem sempre motivados pelo desejo de aprender, mas, sim, de agradar seus pais e professores (TRIBOS URBANAS, 2007).

Apesar de serem uma tribo urbana, é difícil reconhecê-los no dia-a-dia, pois, ao contrário de outras tribos, não têm um estilo facilmente reconhecível à primeira vista; tampouco gostam dos mesmos tipos de música e nem todos freqüentam os mesmos lugares. Embora não seja comum ver turminhas de *Nerds* nas ruas, costumam ter amigos em comum e se reunir com freqüência, tanto via internet quanto na vida real. No dia-a-dia relacionam-se com todo tipo de pessoa e podem se encaixar em qualquer tipo de grupo de amigos.

A primeira utilização documentada da palavra *Nerd* aconteceu, segundo o dicionário Merriam-Webstr, para designar uma criatura no livro *If I ran the zoo* (1950), do psicólogo Seuss (Theodor Geisel). Teoricamente, definiria uma pessoa socialmente inepta, ou alguém dedicado de maneira quase escrava às atividades intelectuais ou acadêmicas. No entanto, em 1984 surgiu uma definição com Lewis Skolnick (Robert Carradine), o personagem principal do filme *A vingança dos nerds*, o qual define os *Nerds* como pessoas que não têm vergonha de se assumir como são, não se interessando com o que as outras pensam delas (MACHENZIE, 2007).

São caracterizados como garotos excessivamente magros ou gordos, com roupas fora da moda, camisetas, às vezes, xadrez, muito fechadas e calças mais curtas do que deveriam. As garotas geralmente usam calças comportadas, meias à mostra e sapatos bem tradicionais. É bem típico ver essas pessoas usando óculos, levando calculadoras ou *laptop*. São caracterizados como não populares e tampouco extrovertidos.

O entrevistado 9 comenta que as tribos são boas e que “me intitulo *nerd* porque sou esforçado, estudioso, dedicado e por isso passo por inteligente. Nossas conversas são sobre computadores, descobertas científicas, carros, violências, drogas, enfim, o que está em evidência no momento”.

2.4.2 Góticos

O goticismo constituiu-se como uma visão romântica, surrealista e medieval do mundo e da vida. Essa maneira de perceber as coisas conduz a um jeito de ser, que pode exteriorizar-se na estética pessoal. Esse romantismo não está associado, necessariamente, à afetividade dirigida a uma pessoa e, sim, a um sentimento de extrema intimidade com a natureza e no encanto com suas características mais belas e terríveis. O bem-estar íntimo que a pessoa gótica apresenta pode traduzir-se em gosto pela solidão e em momentos de introspecção.

Para entender a perspectiva do medieval, somos remetidos à origem do termo “gótico”, encontrando, então, a história de um dos povos mais peculiares da Idade Média. Os godos eram considerados bárbaros segundo o pensamento romano-cristão, e figuraram entre os últimos povos a serem convertidos. Assim, os godos criaram uma percepção muito particular sobre o cristianismo, encarando-o provavelmente no interior como apenas mais uma maneira de ver o mundo. A dualidade entre o bem e o mal encantava os godos, que produziram imensa literatura poética e dramática a respeito dos mistérios ligados aos problemas filosóficos suscitados pelas contradições e contrastes dessa nova percepção. Posteriormente, no século XVI o termo “gótico” passou a figurar como sinônimo simplesmente de medieval ou até mesmo de bárbaro. Quem procurar conhecer melhor a história dos godos poderá perceber os elementos ora do drama, ora do romantismo, ora da melancolia e, mesmo, do sentimento que caracterizava esse povo.

Voltando à concepção moderna, o gótico observa com uma grande dose de encanto pessoal o mistério, especialmente o ligado a questões fundamentais sobre nossa existência e o mundo. Como exemplo, observar o céu estrelado é testemunhar uma grandiosidade que maravilha a um espírito sensível. Certamente, algo assim não foi privilégio único da Idade Média, no entanto aos povos medievais a ignorância em muitos campos e a fertilidade da imaginação facilitava essa visão poética, que, sabemos, exteriorizou-se numa busca

geralmente acompanhada por descrições fabulosas de um mundo povoado por seres estranhos, anjos e demônios, magia, castelos e momentos épicos. É esse “romantismo medieval” que caracteriza a pessoa gótica (LEAL, 2007).

Os góticos vestem-se de preto, usam maquiagem escura, preferem uma literatura que se aproxime do mórbido e geralmente são pessoas interessadas por arte e cultura. É possível encontrá-los à noite, com mais frequência. “Enquanto a maioria dos movimentos socioculturais (ou tribos urbanas) utilizam a exposição, socialização e o consumismo, o movimento gótico se opõe. Eles preferem a solidão, evitam se expor e não são adeptos do consumismo massificado” (ALENCAR, 2007).

Segundo a entrevistada 2, “a tribo dos góticos à qual pertencço é muito massa. Você se sente familiarizada com as pessoas que são parecidas com seu estilo. Nesse grupo você tem um compartilhamento”.

Apesar de os góticos caracterizarem o individualismo, abrigam diversas manifestações que sejam comuns a sua filosofia de vida.

2.4.3 Patricinhas

“Patricinha” (diminutivo do nome Patrícia), também denominada “Paty”, é uma gíria brasileira que designa uma mulher, normalmente adolescente de alta renda, que tem preocupação excessiva em se vestir de acordo com a moda.

Geralmente os membros desta tribo andam em grupo, com outras jovens que compartilhem os mesmos valores. No Brasil, o equivalente a “patricinha” na idade adulta costuma ser associado a *socialite*, ou, no sentido pejorativo, “perua”, referindo uma mulher casada que não trabalha e vive uma vida luxuosa, sustentada pelo marido. (TRIBOS URBANAS, 2007)

Na escola, observa-se a extrema preocupação das integrantes desta tribo em “combinar” as cores das roupas que vestem com os acessórios utilizados como adorno. Em sala de aula, há pouca preocupação com a aquisição de conhecimento, pois o interesse maior está na produção de uma imagem que desperte a atenção dos outros. A entrevistada 5 afirma que “os jovens ricos concluem seus estudos porque os pais os obrigam e não por

vontade própria, ou para progredir socialmente. Os jovens não querem conhecer coisas da escola e sim, sobre diversão, moda, namorados; conhecimento, não”.

Sem ao menos uma peça de roupa etiquetada por uma grife de moda elas não saem de casa, nem mesmo para ir até o supermercado. O que as caracteriza principalmente é o conservadorismo visual, tanto que nenhum fio de cabelo pode ser diferente do que é ditado pela moda. Têm medo de serem excluídas por, sem querer, usarem uma marca “errada”. A julgar pela aparência, uma patricinha é absolutamente igual à outra, assim como seus pares mauricinhos.

Pertencente à tribo das patricinhas, a entrevistada 7 gosta de adquirir conhecimento. Sente que foi pressionada a realizar o curso normal porque os pais queriam uma boa formação. Hoje lamenta essa situação, mas “não foi em todo ruim”.

A obsessão pela uniformidade provoca um inconfundível traço preconceituoso. Não raro abandonam antigas amizades e deixam de freqüentar certos lugares por acreditarem não serem à sua altura. O furor consumista é o principal fator de união do grupo. Gastar absurdos no shopping é regra para elas, mas a loja deve exibir um imponente nome na fachada.

Aparentemente, tudo é lindo, chique, perfumado e fútil no mundo das “Patys”, como também são chamadas, mas nem sempre é assim. Como nem todas as meninas são modelos de beleza ou têm pais milionários, elas acabam vítimas de sua própria tirania.

2.4.4 Mauricinhos

“Mauricinho” é também uma gíria brasileira, originada no prenome “Maurício”, e descreve um jovem bem posicionado financeiramente (isto é, pode ser rico, mas não precisa necessariamente ser). Veste-se de um modo exageradamente arrumado, usa roupas combinadas e seu objetivo é chamar a atenção em lugares como festas, recreio da escola, casas noturnas... Quando se atribui a característica de mauricinho a algum ser ou objeto, isso equivale a dizer que ele tem uma boa aparência (TRIBOS URBANAS, 2007).

Geralmente, na escola, a tribo dos “Mauricinhos” é reconhecida pelo extremo cuidado que eles têm com o cabelo, as unhas e a combinação das roupas. Como é exigido o uso do uniforme, os mauricinhos tentam burlar essa norma, colocando sobre o moletom da escola outro agasalho que estampe a marca que está sendo usada. Parece, como diriam os

sociólogos, que a satisfação está em “demarcar” a área em que estão atuando, isto é, o espaço escolar.

Para o entrevistado 8 o espaço escolar é essencial para que se desenvolva a integração social. “Gosto de navegar por horas na internet, mas leio apenas o que me interessa. Converso no MSN e Orkut e dificilmente procuro o conhecimento literário. Acho que estudar é coisa de CDF. Não vejo utilidade, para a minha vida pessoal, de matérias como português e matemática. É só reflexão e estudo”.

Em suas conversas informais, geralmente falam de passeios de motos, carros, garotas, festas e bebidas. Sua postura corporal é de eterno balanço, trocando a posição das pernas constantemente. Nesse vai-e-vem, o intuito é chamar a atenção das garotas, geralmente as patricinhas, para um encontro. O visual é a marca registrada da tribo.

2.4.5 Emos

A expressão “emos” é uma abreviação do inglês *emotional hardcore*, simbolizando um gênero de música. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de Washington DC que compunham num lirismo mais emotivo que o normal (TRIBOS URBANAS, 2007).

Existem várias lendas que tentam explicar a origem do termo. A realidade é que o nome foi criado por publicações alternativas, como o fanzine *Maximum Rock'n'Roll* e a revista de *skate Thrasher*, para descrever a nova geração de bandas de “*hardcore* emocional” que aparecia em meados da década de 1980. O gênero musical, e mais especificamente as letras das músicas, é introspectivo, “fossa” como costumam dizer os jovens na gíria. Muitas bandas sempre fizeram uso de berros e gritos durante as apresentações, acrescentando influências do *rock* alternativo da época.

Hoje em dia, a nova tendência EMO é abandonar o *punk* distorcido em favor de calmos violões. Na cultura alternativa, diz-se que alguém é ou está EMO quando demonstra muita sensibilidade. No Brasil, o gênero estabeleceu-se sob forte influência norte-americana em meados de 2003, na cidade de São Paulo mais precisamente, espalhando-se para outras capitais do Sul e do Sudeste. O gênero EMO caracteriza-se pela música e também pelo comportamento emotivo e tolerante; sua moda consiste num visual composto por trajes pretos e franja do cabelo caída sobre os olhos.

Apesar das peculiaridades, os EMOS apresentam o traço comum a todo adolescente: andar em grupo. A escolha pode ser casual. A tolerância é o traço de comportamento que distingue os EMOS de outros jovens. Eles invadiram as ruas dos centros urbanos do nosso país. Em São Paulo, reúnem-se na saída das escolas, em lojas de artigos de *rock*, em shows. Por praticarem a livre-expressão dos sentimentos, choram de forma compulsiva nas apresentações de seus ídolos. O maior veículo de disseminação da cultura EMO é a internet, onde circulam a música, os bate-papos e as modinhas. Esse sentimento afetivo cultuado por esta tribo conduz a se refletir sobre o quanto o mundo está carente da cultura da afetividade. A entrevistada 4 comentou, num dos diálogos da entrevista, que “a gente se abraça porque é disso que mais precisamos nesta fase da vida, e não recebemos isso dos outros”.

Algumas características fundamentais apresentadas nas tribos EMOS: ser emotivo; dar demonstrações explícitas de carinho; criticar pessoas violentas; não curtir drogas. Sua linguagem é específica, como: “Oi linda!”, “Que meeeigo!” ou “Que fóóófis!”. É fácil identificar um EMO, mesmo quando nunca se tenha convivido com ele, pois sua marca está no cabelo, com franja usada sobre os olhos somente de um lado do rosto. O visual é a própria contradição da adolescência. Ao mesmo tempo em que demonstram rebeldia, que aparece na cor negra, eles têm o desejo de se manter na dependência infantil, razão das expressões no diminutivo e infantilizadas (ANTUNES, 2007).

Na nossa cultura diz-se que alguém é ou está emo quando demonstra muita sensibilidade (TRIBOS URBANAS, 2007).

2.4.6 UPV Brothers

Esta tribo foi criada na cidade de Vacaria pelos próprios entrevistados. Por isso, utilizo suas falas como fonte. Estes jovens são os “marinheiros da internet”, absorvendo a cultura digital com mais facilidade que os adultos, que ainda possuem a cultura do papel. Constantemente, esses adolescentes vêm no computador o romance que deu certo em suas vidas; questionam diariamente seus professores sobre o método de ensino aplicado, julgando-os arcaicos, já que não possuem a metodologia e a linguagem eletrônica.

Na verdade, esta tribo encontra o prazer de estar junto isoladamente, isto é, a internet domina suas vidas, suprimindo suas necessidades como ser, permitindo-lhes a

pesquisa em qualquer campo de informação. Geralmente, são jovens introspectivos, inteligentes e preocupados com a constante atualização nessa área cibernética.

Na escola, costuma-se requisitar esses alunos no momento de pesquisa em grupo. Já que seu espaço é dominado pelo computador, possuem um vasto conhecimento tanto no que se refere ao operacional, como na obtenção de informações. O aluno entrevistado 10 desta tribo demonstra ter uma consciência muito grande sobre a realidade a sua volta. Pensa no amanhã como uma forma de aproveitar as oportunidades do hoje; irrita-se com as “bagunças” em aula, cobrando dos colegas uma postura mais madura em relação à aquisição do conhecimento; acredita na tribo como uma forma de trazer mais felicidade às pessoas, pela troca constante de idéias, comportamentos e, até, eliminação de preconceitos.

Para o entrevistado 6, o conhecer é muito importante. Ele sabe que alguns adolescentes estão desinteressados, mas não aponta as reais razões deste comportamento. Comenta que “conhecer, para mim, é como respirar. Sem o ar não sobrevivemos; sem estudar, nesse mundo competitivo, também não”.

Essa rápida conceituação das tribos urbanas mostra a importância de revermos paradigmas existentes que parecem ainda persistir na organização da sociedade. Mesmo pertencendo a uma tribo, é necessário, ainda, para não sucumbir, que o sujeito utilize várias máscaras para atuar num teatro mundial. De acordo com Maffesoli (2006), o mundo reencanta-se pela valorização da comunicação, que é a correspondência, a analogia e a socialidade.

3 ESSÊNCIAS FENOMENOLÓGICAS: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

A vida gregária é uma das características fundamentais a ser respeitada e considerada na compreensão do desenvolvimento do adolescente. O convívio com a “turma”, a paixão pelos amigos e o cotidiano com os pares são vitais em sua existência. A identificação com os pares é necessária para que o adolescente recupere a confiança em si mesmo, a qual está “desestruturada” em razão de tantas transformações que vive nessa fase.

Em face dessa estranheza, o adolescente busca constantemente alguém que possa compreendê-lo como tal. A intimidade com os amigos e a confiança depositada neles exercem forte influência em sua vida, superando, por vezes, a confiança nos pais e educadores. E por causa dessa característica de busca, a escola deve preparar-se para oferecer aos jovens espaço de organização, colocando-os a favor do processo de socialização e de aprendizagem na sala de aula. Mais do que educar para o aspecto cognitivo, é necessário inseri-los num processo de engajamento social.

Esses canais de que necessitam para a expressão de seus sentimentos, de suas inquietudes, de sua reflexão crítica e, sobretudo, de sua criatividade e sensibilidade são marcas de um conhecimento embasado no humano, no sensível. São cenários que despontam para a descoberta de um conhecimento fundado em valores, tão carentes em nossa sociedade.

A análise fenomenológica deste estudo apontou dimensões que deram origem a essências fenomenológicas que serão descritas neste capítulo. Cada uma das essências constituiu-se das seguintes dimensões:

a) o significado do conhecimento para os adolescentes

- relações entre conhecimento, sociedade e escola;
- relações interpessoais, futuro e projeção social;
- conhecer para quê?

b) escola: convivendo com o saber sensível e o conhecimento inteligível

- ética e estética na educação formal;
- o adolescente e suas crises;
- algumas questões sobre ensino e aprendizagem.

c) tribos: tempo de compreender

- tribos, pré-conceitos e comunidade;
- subjetividade: alienação *versus* integração;
- a busca da restauração de uma sociabilidade perdida.

3.1 O significado do conhecimento para os adolescentes

Compreender as relações que o jovem estabelece com o conhecimento é afirmar que ele se encontra imerso num espaço propiciador de aprendizagem e que essas relações definem e são definidoras de sua vida cotidiana: nas situações familiares, sociais e de trabalho. É ressaltar que o saber desses sujeitos encontra-se focalizado não apenas em conhecimentos ditos do senso comum, mas em saberes adquiridos nos diversos espaços vivenciados durante a sua trajetória, tanto escolar quanto na sociedade.

Essa essência foi construída pela preocupação que os jovens demonstram com o conhecimento e o que a sociedade exige deles, para que projetem um futuro promissor e, ao mesmo tempo, surgem questionamentos comuns dessa fase: saber para que já que muitas pessoas estudam e não estão inseridas no mercado de trabalho? Assim, esta essência está compreendida pelas seguintes dimensões: relações entre conhecimento, sociedade e escola; relações interpessoais, futuro e projeção social; conhecer para quê?

3.1.1 Relações entre conhecimento, sociedade e escola

Nas últimas décadas, ocorreu um incremento nos estudos sobre conhecimento. Tem-se buscado aprender o modo como as pessoas pensam, interpretam e percebem o mundo. Naturalmente, o ensino fornece conhecimento, fornece saberes. Contudo, apesar desse papel essencial que exerce, nunca é ensinado, de fato, o conhecimento, o que não pode se constituir num alibi para o imobilismo.

As novas tecnologias da informação criaram “novos espaços”, nos quais pessoas estudam e acessam aprendizagens, através da disponibilidade nas redes de computadores interligados, satisfazendo sua necessidade de conhecer. Hoje vale tudo para aprender:

Isso vai além da “reciclagem” e da atualização de conhecimentos e muito mais além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As conseqüências para a escola, para o professor e para a educação, em geral, são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância. (GADOTTI, 2004, p.2)

A sociedade contemporânea está marcada pela questão do conhecimento e, com isso, desencadeiam-se novas formas de organização social, econômica e política. Vive-se na era do conhecimento, exigindo-se cada vez mais das pessoas nesta área. Costuma-se dizer que se vive na sociedade do conhecimento, sobretudo pela sua informatização rápida e eficiente, aproximando pessoas a distâncias inimagináveis. Pode ser que de fato isso ocorra, porém muitos ainda se encontram excluídos de todo esse processo. Esse processo de exclusão vem se estendendo desde meados do século XIX, quando a educação passou a ser vista como um direito que não podia ser negado a nenhum membro da sociedade. Os grupos dominantes acabaram concordando que a exclusão traria mais instabilidade, na medida em que criaria eternos descontentes (COSTA, 1998).

Pela fala dos entrevistados foi possível perceber as reflexões que os adolescentes fazem a respeito do conhecimento, sociedade e escola. A entrevistada 4 comentou que o conhecimento abrange muito a sabedoria das pessoas, que deveriam se esforçar para consegui-la. E argumenta:

A gente sabe que para ascender na vida vamos precisar do conhecimento. Qualquer jovem sabe disso, mas ele não pensa nisso. O problema é que é dada muita liberdade para nós. Quem dá são as famílias. Por exemplo: se o jovem é preso por uso de drogas, os pais vão lá, pagam fiança e estão livres. Essa liberdade e impunidade que acontece no país hoje, é que deixa o jovem sem responsabilidades e preocupações.

Isso tudo tem reflexos no interior das salas de aula, onde o jovem busca respostas para suas mais diversas inquietações. Para o entrevistado 10 é muito importante estudar, porque no mundo do trabalho os “patrões não querem mais pessoas que só saibam o essencial. Querem pessoas especializadas e que consigam desenvolver um bom relacionamento no emprego”. O adolescente conta que desde pequeno escuta histórias de seu pai, reforçando a idéia de que esforço e respeito são essenciais para conviver em sociedade: respeito quando sabemos tratá-las; esforço quando somos responsáveis por aquilo que nos propomos fazer. Então, conclui que conhecimento não é só aquilo que se adquire nos livros, mas também aquilo que se adquire convivendo com outras pessoas. É vivendo as mínimas coisas que se constrói mais cultura, tendo os hábitos e costumes da sociedade que vivemos.

A revelação desses jovens mostrou a preocupação de se tornarem, futuramente, profissionais competentes, humanos e construtores de cultura.

É válido comentar a importância de começarmos a repensar o papel de educadores comprometidos com o conhecimento e também com os aspectos humano, afetivo e social do nosso aluno. É certo que o animal humano difere dos outros animais. Comparados a outros seres, somos um animal frágil, com pouca força física e resistência ao clima e a agressões. Não resistimos muito sem água e comida, assim como necessitamos de cuidados por longo tempo em nossa infância. Por exigências do meio e questões de sobrevivência, adotamos comportamentos que nos proporcionem segurança em todos os sentidos. Dessa forma, ao ambiente humano por nós constituído e idealizado chamamos de “cultura”.

Cultura, desse prisma, vem a ser a ação transformadora consciente (trabalho) que tem como finalidade alterar a realidade, de modo a moldá-la às nossas carências e inventar um ambiente humano. Podemos sintetizar essas idéias recorrendo ao pensamento de Cortella:

A cultura é, por conseguinte, coetânea do processo de hominização, não tem data de nascimento definida nem forma distintiva inicial. A criação da cultura e a criação do homem são na verdade, duas faces de um só mesmo processo, que passa principalmente orgânico na primeira fase a principal social na segunda, sem, contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente. A realização biológica do ser em curso de hominização determina as possibilidades de criação cultural que lhe são dadas em tal fase, mas estas, ao se realizarem, contribuem para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das qualidades orgânicas, até o momento em que impelem o animal a transformar o modo de existência tornando-o um ser portador, a princípio inconsciente e depois consciente, de si mesmo. (1999, p. 43)

Certamente, o mais importante bem de produção é o próprio humano (produtor cultural) e, com ele e nele, a cultura. No entanto, como a cultura não é produzida de forma hereditária, cada geração necessita recriá-la, superá-la, não apenas consumir a já existente. Desse ponto de vista, o bem de produção imprescindível para nossa existência é o conhecimento, já que sua função é entender, averiguar e interpretar a realidade; é a ferramenta que nos guia para nela intervir. Ao seu lado está a educação (em suas múltiplas formas), “que é o veículo que transporta o conhecimento, para ser produzido e reproduzido” (CORTELLA, 1999, p.45).

Entretanto, só com conhecimento o nosso mundo não se torna humano e ideal para viver. É necessário uma condição harmoniosa, que estabeleça uma ordem e de modo que tudo se localize e se encontre em seu lugar apropriado; para isso, criam-se os valores. Os valores e conhecimentos não têm existência autônoma: dependem de humanos que os elaborem, atribuindo-lhes significados e dando-lhes suporte de manifestação. Assim, só ganharão sentido em relação a um determinado grupo social, situado no tempo e no espaço. No entanto, embora sejam externados a partir das pessoas, sua construção é coletiva e são difundidos, por imposição ou convencimento, por meio das instituições sociais, como família, igreja, mercado profissional, mídia, escola...

Reforçando esta idéia, o entrevistado 10 comenta que há colegas que vão para a escola só para “bagunçar” e “brincar”. Em sua opinião, o professor deveria conquistar esses alunos, transformando seu método, gerando, então, aulas mais produtivas, diferentes e interessantes, conduzindo a que eles consigam interagir com o restante da turma. Ao contrário, nessa relação não existe construção de conhecimento. Acrescenta:

Também sei que existe na sociedade um preconceito a respeito dos jovens. Ele é marcado por sua rebeldia, teimosia e por ter desinteresse em relação ao conhecimento da escola. Sei também que o professor está aí para explicar e que a escola oferece oportunidades para adquirir novos conhecimentos. Só que, dependendo da ocasião, o assunto de escola é deixado de lado nos papos da turma. Também sei que tem muitas coisas que, além desse conhecimento formal, os jovens contribuem para uma sociedade mais justa e feliz. Pelo menos eu me vejo assim.

As tribos urbanas são exemplo disso, comenta o entrevistado 10. Elas são legais porque quem inicia na tribo começa a conhecer sua filosofia e acaba perdendo o preconceito de que são pessoas marginalizadas, afinal, cada um tem sua forma de se expressar. Continua seu pensamento acrescentando que as tribos surgiram para mostrar à sociedade que todos são iguais mesmo pensando de maneira diferente. Comenta que não é porque gostam de música, de navegar na internet ou se vestem de forma diferente que deixam de se preocupar com o conhecimento. Estão, sim, preocupados com essa sociedade cada vez mais preconceituosa e que, às vezes, se comporta de maneira hipócrita.

É por isso que principalmente quem trabalha com processos pedagógicos precisa de uma atenção à compreensão recíproca da visão de alteridade. Aquilo que afirma François Laplantine serve-nos muito para uma reflexão:

Presos a uma única cultura, somos não apenas cegos às dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. A experiência da alteridade leva-nos a VER aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor de nossos comportamentos (gestos, mímicas, postura, reações afetivas) não têm realmente nada de “natural”. (1988, p. 21)

Portanto, se a escola contribui para a construção do conhecimento, o entrevistado 12 afirma que “a principal formação vem da própria pessoa, no sentido de que não pode ficar alienado pelos meios de comunicação e pela própria escola”. Conta que há momentos em que pára para pensar nisso, pois entra na escola, aprende tudo aquilo que inclui valores do professor, do conteúdo, às vezes, da internet e vai para casa, onde liga a televisão e ocorre o mesmo processo. E ninguém questiona o certo e o errado, se é que há. O aluno tem consciência de que muitos colegas entregam os trabalhos sem saber o conteúdo daquilo que produziram.

O entrevistado 12 comenta que a falha desse processo está na motivação do aluno. O professor poderia expor o assunto, mas, ao mesmo tempo, despertar a curiosidade para que o aluno pesquisasse mais sobre o que está sendo produzido. E acrescenta:

Eu acho muito importante o conhecimento na formação da pessoa, principalmente para viver em sociedade. Mas este deve estar associado ao resto das coisas, não pode ser uma cultura inútil, senão vira alienação. É o que está acontecendo nas escolas, porque ao contrário, o povo brasileiro não viveria em total alienação, aceitando tudo de forma natural, enquanto assistimos outros povos lutando por uma vida melhor.

Apesar de se estar no século XXI, assiste-se a uma parcela significativa de escolas (educadores) identificadas com uma construção do conhecimento acabado, finito. Por não vislumbrarem o aspecto processual do passado, não associam que, hoje, educação é relativizar o peso dos conhecimentos científicos, não como forma de desqualificá-los, mas, paralelamente, de trabalhá-los dentro de uma idéia de transformação da realidade, na qual a razão e os sentimentos tenham o mesmo significado, o mesmo peso.

Há, inicialmente, uma concepção da relação entre escola e sociedade que é muito presente entre os educadores no Brasil e no dia-a-dia pedagógico: o otimismo ingênuo. O otimismo ingênuo atribui à escola uma missão salvadora; logo, o educador seria um missionário vocacional. Na relação com a sociedade, a compreensão é de que a educação seria a mola impulsionadora do progresso, sendo neutra, isto é, desligada de classes sociais específicas e servindo a todos indistintamente.

Em meados da década de 1970, as escolas brasileiras passaram a assistir à inversão da concepção anterior e passou-se ao “pessimismo ingênuo” (CORTELLA, 1999, p. 133). Nessa concepção, a escola não teria autonomia, sendo determinada pela classe dominante da sociedade, a qual detém o poder político e econômico. O pessimismo passa a ocorrer porque a escola adota uma posição discriminatória e perde sua capacidade como ferramenta para a conquista da justiça social.

Na década de 1980 surgiu nova concepção, que buscou resgatar o otimismo da primeira e o pessimismo da segunda, à qual se chamou de “otimismo crítico”. Nela o educador é alguém que tem uma postura político-pedagógica, isto é, uma autonomia relativa; não é tão livre, mas também não é dominada inteiramente. Por isso, é importante pensar nossa prática nessa contradição. Para os que discordam da forma como nossa

sociedade se organiza, é válido construir coletivamente os espaços afetivos de inovação. É assim que:

a transmutação dos valores engendra um outro estilo social, isto é, uma outra relação com a alteridade: outrem não é mais uma abstração com a qual devo me unir para construir uma sociedade futura não menos abstrata, o outro é aquele que toco, e com o qual faço alguma coisa que toca a mim. Este estilo tátil do qual se mostrou o que ele devia ao barroco, é que é causa e efeito da organicidade de que acabo de falar. E seria muito inspirado, para compreender a socialidade atual, ou mesmo para agir sobre ela, estar atento a esse ambiente emocional, determinar os contornos de uma atividade afetiva que, não tem nem finalidade, nem emprego particular, não denota menos do que uma criação social das mais originais. (MAFFESOLI, 1995, p. 48)

A transformação da realidade dar-se-á com grande diálogo no espaço educativo, onde as vivências, as discussões, as reflexões abrem possibilidade de educação na constante construção de um planejamento participativo. Deve existir, então, uma escola que prepare o educando para a sociedade do conhecimento, pois a educação é um processo histórico, conservador, inovador, social, permanente, consciente, político, mudando a pessoa humana e realizando a transformação social.

Nesse sentido, a entrevistada 2 comenta que escola, adolescente e sociedade “deveriam estar juntos”. O aluno gosta de ir para a escola, acrescenta. Pode-se ver que, “por mais bagunceiro que seja, não falta aula. Então, a escola deveria rever sua metodologia, explorando essa energia que os alunos têm, não oferecendo as coisas prontas com quadro e giz”.

É possível constatar a importância da escola na figura do professor como elemento fundamental para o enriquecimento do conhecimento adquirido durante a vida, de todos os segmentos da sociedade, através da herança genética e das relações intra e interpessoais.

3.1.2 Relações interpessoais, futuro e projeção social

Na vida social de hoje, os jovens são questionados de diversas maneiras para encontrar respostas, principalmente a questões inerentes à sua idade, como: O que ser? O que não ser? Ou, ainda, ser à maneira de quem? Para eles, às dificuldades de formação de

identidade somam-se essas questões, que se revestem de significado ético e político, além de permeadas pelas transformações que os rodeiam.

A revolução tecnológica transforma o mundo do trabalho. Surgem novas e vantajosas profissões, para as quais os pais não estão mais aptos a orientar os filhos, além de se dar às antigas profissões uma outra dimensão: uma cooperação internacional, por exemplo, já é possível por meio da internet, sem que as pessoas envolvidas se levantem de suas cadeiras. Decisões importantes podem ser tomadas dentro de um avião, em pleno vôo. Assim, quem não levar isso em conta de agora em diante não conseguirá sobreviver e acompanhar as necessidades do mercado de trabalho.

É necessário entender que todas essas transformações interferem na maneira como nos relacionamos com a realidade.

É oportuno o comentário da entrevistada 7 ao dizer que conhecer é desvendar mistérios e abrir as portas para o sucesso. Acrescenta que “tem gente que tem medo de buscar o novo. Acredito que seja por medo de enfrentar as dificuldades que possam surgir no caminho. O novo sempre nos assusta e, por vezes, nos faz perder a fé deixando de acreditar que somos capazes”. Por outro lado, afirma que sem esforço ninguém chega a lugar nenhum: ou “abrimos os olhos para um mundo de oportunidades cada vez mais escassas ou será impossível ascender e se tornar um cidadão com potencial”.

Olhar o futuro buscando projeção social parece bastante angustiante, pois exige-se do jovem uma escolha que venha ao encontro da formação de sua identidade e não se oponha a ela; é preciso que o jovem se questione de forma mais aprofundada a respeito dos elementos mais significativos de sua vida. Assim, ele poderá projetar um estilo de vida no qual não só a profissão estará em jogo, mas também sua vida íntima, familiar e social.

Do nascimento até a morte nossa vida é um permanente exercício de sociabilidade. Somos, por natureza psicológica, seres sociais, mais exatamente, seres grupais, pois estamos em contínua interação com o outro. Daí sermos um ser de relações, de diálogo, de participação e de comunicação. Portanto, um ser social que se traduz no cotidiano, através da vida em grupo e, por meio dessa convivência, passa a concretizar a sua existência, produzindo-se, recriando-se nas suas relações com o outro. Para Vygotsky:

o homem possui natureza social que nasce em um ambiente carregado de valores culturais: na ausência do outro o homem não se faz homem. Desta maneira, a convivência social é fundamental para transformar o homem de ser biológico a ser humano social, e a aprendizagem que desencadeia dessas relações sociais ajuda a construir os conhecimentos que darão suporte ao desenvolvimento mental. (1991, p. 29)

Na vida, na família, nas escolas, nos grupos de trabalho ou lazer, nas empresas, as ações isoladas tornam mais difícil o alcance dos objetivos. E no momento em que se prega que o grande diferencial competitivo serão as pessoas, os relacionamentos, a afetividade, a parceria e o companheirismo, nas escolas ainda são incentivados veementemente a competitividade e o talento individual. Ninguém é bom ou excelente sozinho; há sempre alguém, um referencial, um suporte, uma estrutura, que incentiva e impulsiona para a realização.

A questão da comunicação entre as pessoas é hoje um aspecto que ganha destaque por sua relevância na qualidade de vida. É necessário que possamos estabelecer relações empáticas com o outro, colocando-nos verdadeiramente no lugar daqueles com os quais convivemos, entendendo-os e percebendo seus sentimentos, intenções e mensagens não verbalizadas.

Para que possamos, de fato, estabelecer boas relações interpessoais, é muito importante que respeitemos as pessoas com as quais estamos convivendo e que passemos a escutar o outro antes de defender nossos próprios pontos de vista. Isso é importante ser observado, segundo o entrevistado 6, quando o assunto entre os professores é a indisciplina dentro das salas de aula. Argumenta que, do seu ponto de vista, o domínio da turma tem de ser conquistado pelo professor. A maioria dos alunos deseja o conhecimento; para isso, basta criar relações agradáveis no ambiente escolar.

A entrevistada 3 diz não saber a fórmula para que o professor conquiste seus alunos, mas o que a motiva estar ligada ao assunto que está sendo discutido é quando o método utilizado é interessante e o professor interage com os alunos preocupando-se com sua realidade.

Da mesma forma, a entrevistada 4 salienta que a escola contribui para a formação do conhecimento apenas proporcionando a direção para o alcance dos objetivos. O caminho é conquistado pelo próprio jovem. Argumenta que “o adolescente não quer nada com nada. Sei disso. Acho que a falha está nele e nos professores que deveriam motivá-lo mais para participar”.

Há um universo de comunicação entre as pessoas a ser explorado.

O adolescente é o verdadeiro fenômeno do século XXI e tornou-se um protagonista à espera de uma oportunidade para ingressar no mundo adulto. O tempo que precede essa fase é difícil e no seu decorrer se manifestam comportamentos novos, que podem chegar até à violência. Por isso, o adolescente tornou-se o foco principal dos adultos – pais, professores, psicólogos. Quando um grupo de jovens sai à rua em grandes manifestações, seus desgostos podem se transformar em rebeldia e conflitos.

Por outro lado, a sociedade venera os jovens, tentando conquistá-los, criando modismos e esteriótipos, incentivando o surgimento de rituais de iniciação, como as sociedades tribais. Cada grupo procura marcar sua presença da maneira que lhe for conveniente: alguns por meio de esportes radicais, outros andando estritamente na moda; há, ainda, os que buscam navegar na internet exaustivamente e os que se preocupam e estudam projetando um futuro melhor.

Não podemos esquecer que a adolescência representa uma mudança no papel social do jovem e que esperamos dele capacidade para tomar suas próprias decisões. Esta é a fase da rejeição dos modelos paternos, para que ele possa amadurecer em todos os aspectos. Aos bandos, o barulho dos jovens é, para os adultos, insuportável. É que, quando estão entre amigos, o envolvimento emocional é forte, cheio de solidariedade e cumplicidade; suas atitudes em grupo geram maior visibilidade de seus desejos e reivindicações. Ali eles se sentem compreendidos na medida em que encontram outras pessoas com os mesmos problemas, com os quais se identificam, expressando, com confiança, seus medos, desejos, angústias. Essa intimidade com os amigos supera, às vezes, a influência dos próprios pais e educadores.

O grupo de amigos, na adolescência, influencia muito na formação da personalidade. Quando se reúnem em grupos ou tribos, isso se dá, por afinidades. A entrevistada 3 salienta que estar junto significa ser parecido e que, “às vezes, as atitudes das amigas não têm todo o meu aval, não aprovo tudo que fazem, mas quero estar junto e até faço coisas que sozinha, não faria”.

A construção do eu, na teoria de Wallon (2003), depende essencialmente do outro, seja para ser referência, seja para ser negado, principalmente a partir do instante em que a criança começa a viver a crise de oposição, quando a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si próprio. Isso se dá aos três anos de idade, momento de saber que “eu” sou.

O adolescente fica muito preocupado com o efeito que produz nos outros e quer ser aceito. Mas ele mesmo não reconhece suas transformações, pois, assim como agrada, já contesta, perdendo a harmonia, ou seja, em alguns momentos é uma pessoa agradável; em outros, insuportável. O certo é que ele precisa de espaço para se manifestar; tentando ser diferente, ele vai ficando parecido, espelhando-se uns nos outros. Não há diferença, são todos iguais.

Nesta etapa, a escolha da profissão torna-se uma “arma” nas mãos do adolescente, que a usa para confrontar, em muitos casos, as idéias e opiniões dos familiares. Segundo Lehman:

a escolha profissional é um processo difícil e longo, pois tem a ver com nossa identidade, que, na adolescência ainda não está constituída. Sendo assim, é claro também que vai envolver uma série de experimentações provisórias e não-definitivas. Não há nada de mau, portanto, em mudarmos de opinião, em exercitarmos nossa imaginação para sabermos que tipo de ação, de papel e de vida queremos para nós. (1999, p. 48)

Para escolher verdadeiramente, percorrendo o caminho de dentro para fora, o adolescente mexe com valores, com sua história e a de sua família e com sua perspectiva de futuro. Buscando articular as relações interpessoais com projeção social e futuro, foi possível identificar nas entrevistas realizadas o descaso de grande parte dos jovens em relação ao futuro. Isso se deve à extrema facilidade com que esses jovens adquirem e saciam seus desejos, enfrentando poucas dificuldades para obter o que querem.

Os jovens sabem que, para ascender na vida, precisam do conhecimento. É notório que apenas com o diploma de ensino médio ou nível superior não vão conseguir um espaço no mercado de trabalho. A exigência de constante especialização deveria ser a meta principal, mas, ao contrário, eles dizem não pensar muito no futuro. Apesar desse aparente desinteresse (ressaltando a não-afirmação de que todos possuem esse pensamento), é inegável que os jovens atribuem à educação uma importância muito grande.

Entre os entrevistados do nosso estudo foi unânime a opinião quanto ao papel da escola na formação da identidade do aluno. Eles demonstraram grande avidez por novas informações e uma agilidade invejável diante das novas tecnologias, mergulhando de “coração” no universo da internet (no mundo, os brasileiros estão entre os que passam mais tempo diante do computador).

A questão da entrada no mercado de trabalho é outro tópico que gera ansiedade. Para os entrevistados de poder aquisitivo mais alto, a preocupação é menor, em razão de adotarem uma postura de “falsa-independência”, isto é, eles têm, mas dependem da família. Para estes, a maior dificuldade é concluir os estudos por falta de motivação, visto que todos o fazem, mas não para progredir socialmente.

O entrevistado 8 desabafa em seu depoimento: “Acho que isso de ficar falando de estudo é coisa de CDF. Estudo quando preciso para a prova. Associo o gosto de estudar à matéria e ao professor. Gosto de educação física. É dinâmica, movimento. Detesto português e matemática. É só reflexão e estudo. Não vejo a utilidade dessas matérias na minha vida pessoal”.

Ao contrário, os menos abastados possuem uma obsessão pela independência econômica e pessoal, procurando todas as oportunidades que surgem para a inserção no mercado de trabalho.

Os jovens reconhecem que a escola contribui para a formação do conhecimento, porém ela apenas aponta a direção. O caminho é escolhido por eles. “Sem esforço ninguém chega a lugar algum. Com adolescente não é diferente. Ascender na vida, para mim significa ser independente e crescer tanto financeiramente como intelectualmente. A escola ajudou muito, mas o essencial eu devo conquistar” afirma a entrevistada 7.

Com isso, é possível constatar a divergência em relação à projeção social e à preocupação com o futuro. Para a entrevistada 3, o importante para que se projete um futuro de sucessos é traçar objetivos claros e ir em busca da sua realização. O adolescente consegue isso, afirma, adotando modelos positivos, como nossos pais, alguns professores e através da maturidade. Reafirma sua posição, questionando qual seria a escolha para um adolescente de quinze anos: Estudar no final de semana ou sair para dançar? Será que toda preocupação do mundo adulto acelerando as decisões dos jovens não é prematura?

É certo que o conhecimento é obtido ao longo da vida, na interação com as pessoas, na família, amigos e escola. Então, ele é responsável pelo sucesso pessoal e profissional dos sujeitos. O saber sem sentido é vazio. O depoimento da entrevistada 3 vem reforçar o que o texto descreve acima: “Conhecer é tudo para nossa vida. É a nossa felicidade e esta também se estende, conhecendo a reação das pessoas. O conhecimento só ‘o será’ quando soubermos aproveitá-los”.

Complementando os comentários dos entrevistados, apesar do aparente desinteresse pela projeção social e pelo futuro, os freqüentadores da terceira série do ensino médio e curso normal desejam realizar o vestibular e cursar o ensino superior. Dessa consciência

depende não só a satisfação pessoal do jovem como também o perfil do mundo de amanhã. Assim, talvez seja mais fácil responder à questão: conhecer para quê?

3.1.3 Conhecer para quê?

É preciso reportar-se há muitos anos para entender como o saber faz parte da vida. Circulando entre as pessoas, ele vai se diferenciando e criando suas próprias identidades, à medida que elas vão se relacionando e se adaptando às suas estruturas corporais e ambientais. Aprender implica desconstruir uma informação verificando as suas relações, seu contexto e significado, comparando, testando e produzindo sentido.

O conhecimento que faz sentido é concreto, contextual e histórico; é dialético, movimento que não cessa; é conhecimento construído socialmente, na ação do sujeito ao construir sua própria existência. Essa construção social se encontra também na teoria de Vygotsky (1989, p. 18), o qual afirma que o “verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. No diálogo com o outro e, posteriormente, consigo mesmo, originam-se as primeiras manifestações da reflexão lógica.

Construir conhecimento implica um movimento de auto-organização da própria cognição, isto é, mobilizada em situações de desequilíbrio, cria-se uma situação de equilíbrio. Nesse processo, “é necessário que haja a interação, pois sem ela não há espaço para a auto-organização e para a vida” (PRIGOGINE, 1996, p. 199). À medida que existe um afastamento da situação de equilíbrio, o “conhecimento” instabiliza-se, alterando a trajetória que vinha sendo seguida, adquirindo novas propriedades e retornando à trajetória da estabilidade. Nessa perspectiva, entre a ordem e a desordem, teremos caminho aberto para a criatividade e a possibilidade.

Dentro das falas de cada um dos entrevistados foi possível constatar a importância que atribuem ao conhecimento em suas vidas e de que maneira esse conhecimento passa a construir sua identidade, de forma reflexiva.

A entrevistada 4 diz que o jovem conversa pouco sobre conhecimento. Os assuntos são internet, *shopping*, roupas... Basta olhar ao redor e observar o surgimento das tribos, cada qual com sua filosofia, preocupados em divulgar aquilo que é próprio da tribo. Por exemplo: EMOS preocupam-se com os sentimentos, música, mensagem e adrenalina.

Acrescenta: “Não gosto quando meus pais dizem para largar a música e ir estudar, como se isso fosse estritamente essencial para o ser humano. Sei que é minha obrigação estudar, mas gosto de ir para a escola, quando as matérias são prazerosas”.

O conhecimento, para o entrevistado 10, é muito importante. Alguns colegas acreditam que, concluindo o curso, com o diploma em mãos, ingressarão no mercado de trabalho, mas, ao contrário, aí começa a luta para a ascensão social. A especialização contínua é o grande diferencial para o sucesso. “Vejo pelo meu pai”, comenta.

Para a entrevistada 11, o conhecer “é legal porque a gente descobre aquilo que existe e que ainda não descobriu”. Salienta que costuma satisfazer sua curiosidade na internet, pois acredita que o professor não consegue isso na sala de aula. Contudo, há um problema: “São tantas as atrações nos *sites*, que, às vezes, desvio minha atenção e, quando vejo, estou escutando música ou conversando, no MSN, com os colegas”. Continua seu depoimento dizendo que tem certeza que o mercado exige especialização e “chega lá quem se dedica. É o caminho que pretendo seguir”.

“Meu avô deixou um legado de esforço e respeito e pretendo segui-lo”, afirma o entrevistado 1. “A educação que recebi de minha família é de que eu seja uma pessoa com ética, estude e seja perseverante. Ético porque basta olhar ao nosso redor e observar como anda nosso país. É uma vergonha. Quem perde com tudo isso somos nós, que devemos valorizar o conhecimento. Depende da filosofia e da consciência de cada um”.

O entrevistado 12 considera o conhecimento um dos aspectos essenciais para a ascensão social. Mas essas experiências devem estar associadas às demais vivências que a pessoa adquire ao longo da vida, sob o risco de considerar essa cultura inútil. Relata que gosta de “buscar” o conhecimento e pretende fazer um curso superior. Não sabe ainda qual a área, mas pretende avaliar suas aptidões de modo a visualizar a vida que irá ter cursando este ou aquele curso.

Já a entrevistada 2 comenta que o jovem está “meio dividido quanto ao conhecer. Tem jovens que estão preocupados em adquirir cultura mental e profissional, mas grande parte não estão nem aí. Vão jogar *videogame* e não lêem um jornal. No computador procuram amigos e não a informação”. Salienta que muitos, inclusive essa é também sua realidade, estudam para obter nota e raramente para adquirir conhecimento ou por interesse. Seria interessante o professor despertar o seu “amor pelo conhecimento”, afirma a entrevistada.

Segundo o entrevistado 9, o conhecimento representa toda a facilidade que quer ter na vida. Para ele, “não existe facilidade de ter um bom emprego sem estudar. Isso

aconteciam no tempo de meus pais e avós”. Diz querer fazer faculdade, trabalhar e ter uma estabilidade financeira, ajudando a sua família e a que constituir futuramente.

Conhecimento significa você pesquisar algo e atualizar-se, afirma a entrevistada 7. Comparando com a época de nossos pais, o jovem hoje ganha tudo pronto e, por causa dessas facilidades, ilude-se com um mundo de informações ágeis e fáceis. O conhecimento, para nossos pais, era a maior riqueza de uma pessoa, por isso existia tanta garra para conquistá-lo. Hoje, além de estar preparado, precisamos superar quem está ao nosso lado. Comenta a entrevistada: “Parar no tempo é dar aos outros a oportunidade de que ele nos supere e nos deixe para trás”.

A entrevistada 3 diz acreditar que o jovem está interessado em conhecer, porém, às vezes, a escola não está interligada com a realidade que o aluno vive. Nesse contexto, comenta, o jovem, como forma de contestação, reúne-se em tribos para buscar um conhecimento a partir daquilo em que acreditam. Acredita que a pessoa que tem dois ou mais cursos superiores e está sem emprego é porque ainda não “se encontrou” como pessoa e não aproveitou as oportunidades que surgiram. “Quando você seguir um objetivo na vida, vai conseguir tudo o que quer. O saber sem sentido é vazio”.

A escola é um dos ambientes mais importantes que passam pela nossa vida, afirma o entrevistado 8. Ela introduz um conhecimento que nossos pais não podem nos dar e, ao mesmo tempo, desenvolve a integração social porque os alunos e professores nela conversam e convivem. Por isso, “meu pai insiste para que eu estude, pois vou herdar uma empresa dele e, sem conhecimento, com esse avanço tecnológico extraordinário, como vou administrá-la”?

Para o entrevistado 6, conhecimento vem com o tempo e experiência. Ele quer conhecer para ter um lugar melhor no futuro e não ter de passar por preconceitos que a sociedade determina a quem não tem oportunidades para estudar. Às vezes, os amigos lhe perguntam: “Para que estudar se o presidente, com a quinta série, chegou ao patamar maior da ascensão profissional?” “Não concordo com isso. De 180 milhões, um chegou e por outros meios, que não o do conhecimento. Ele não é modelo para mim”, afirma o entrevistado.

Concluindo o relato dos colegas, a entrevistada 5 conta que pretende estudar agronomia para buscar sua independência. Sabe que só vai conseguir realizar seu objetivo se estudar muito e comenta que os colegas que têm condições financeiras estudam “forçados” pelos pais, sem interesse e motivação. Para que conhecer se têm tudo o que o dinheiro pode comprar?, afirmam. Já os colegas de nível mais baixo procuram aproveitar

todas as oportunidades, para obter sucesso na vida. A entrevistada diz que, “independente da condição econômica, conhecer é crescer como pessoa, ser reconhecida, ter vida própria e mostrar opiniões diferentes”. E conclui dizendo que “o conhecimento nos torna mais humanos”.

Toda situação de aprendizagem é uma situação de desequilíbrio. Paulo Freire (2002, p. 245) diz que o educando se torna realmente educando apenas quando vai conhecendo os objetos cognoscíveis, não quando o educador vai depositando nele a descrição desses objetos. É dessa ótica que pensamos a escola, como transmissora do saber acumulado numa determinada sociedade e, também, como local de recriação e crítica do saber. A escola não deve estar voltada apenas para o intelecto, mas visando à pessoa constituída de sentimentos, emoções e ação. Desse prisma, podemos observar que as manifestações de indisciplina às normas estabelecidas, aliadas à falta de objetivos claros, têm levado os jovens a se questionarem sobre o papel do conhecimento em suas vidas.

Sabemos que ensinar é tarefa complexa e, para exercê-la, é preciso que tenhamos conhecimento e habilidade para compartilhá-lo de maneira positiva, de modo que os alunos possam aprender. Aprender significa adquirir propriedade sobre conceitos, de maneira contextualizada, estabelecendo relações e construindo autonomia, levando à busca, à aquisição e ao uso de novos conhecimentos ao longo de toda a vida.

Para os professores, acessar conteúdos num mundo onde a geração e circulação do conhecimento são intensas implica um contínuo contato com conceitos e a constante possibilidade de reflexão sobre a prática, para que possam construir e utilizar dimensões que favoreçam o aprendizado, além de saber identificar dificuldades, ajudando o aluno a superar desafios. Contudo, observamos na escola a dissociação entre o conteúdo dado e a realidade do aluno. Os sistemas educativos têm hoje uma estrutura consolidada, com uma forte ênfase nos aspectos curriculares, nos modelos por matérias e sistemas de avaliação.

A modernidade, como afirma Heller, “caracteriza-se pela insatisfação que nos move a aperfeiçoar o existente, a criar, a perceber, a distribuir e a satisfazer necessidades. Se todos estamos satisfeitos, não há movimento” (1998, p. 162). Para o senso comum, a educação tende a ser compreendida como preparação para a sociedade, para a vida adulta, para o trabalho ou para seguir adquirindo cultura, porém, antes de mais nada, como afirma Bruner, é uma forma “de viver a cultura” (1997, p. 31).

A educação prepara para participar do mundo na medida em que proporciona a cultura que compõe esse mundo e sua história, transformando-a em cultura subjetiva. A isso chamamos de “saber”.

Precisamos levar em conta as discussões e as formas de comunicação que os jovens procuram nos passar. Nem sempre as tribos, as vestes, suas linguagens e gestos, a música significam descontrole e irreverência; pode ser a forma que encontraram de fazer da sala de aula o palco essencial onde, para eles, as luzes da atenção se voltam. E as “brincas” dos professores são aplausos que recebem a cada dia. Esse fato acontece considerando a realidade do inconsciente – o que um aluno escuta é recortado, retalhado e absorvido conforme seu inconsciente determina e permite, assim como o que um educador fala está fadado a escapar de seu controle. Entendendo que as relações sociais:

efetivamente vividas, experienciadas, têm influência decisiva no processo de legitimação das regras, se queremos um indivíduo respeitoso das diferenças entre as pessoas, não bastam belos discursos a respeito desse valor; é necessário que possa experimentar, no seu cotidiano, esse respeito, ser ele mesmo respeitado no que tem de peculiar em relação aos outros. (RÓDRIGUES, 2002, p. 72)

O relato de muitos professores que atuam com adolescentes revela que há uma mudança radical no tipo de relação estabelecida pelos alunos na adolescência. Há um desinteresse pelo conteúdo formal e uma postura de desafio e questionamento em relação à palavra do professor, isso quando não o ignoram completamente; conversam demais e freqüentam a escola com a finalidade principal de encontrar seus pares e grupos.

O conteúdo relatado pelos professores sugerem-nos algumas dúvidas quanto à percepção e compreensão desse aluno na relação que acontece principalmente na sala de aula. É comum ouvir de alguns colegas: “Fora daqui é um menino tão legal, mas chega na escola vira naquilo”. Essa expressão é suficiente para entender que essas representações da realidade e a linguagem são sistemas simbólicos dos grupos, que fazem a mediação desses com o mundo. O grupo cultural é quem fornece aos jovens essas representações e esses sistemas simbólicos, pois, ao interagir com os outros, vão interiorizando as formas culturalmente construídas de instrumentos internos e externos que possibilitam as relações sociais.

São muitos os exemplos que vão nesse sentido e a vida cotidiana nos oferece muitas ilustrações disso:

que vão das formas de simples sociabilidade, elaboradas nas salas de ginástica, aos vínculos estreitos que se constituem nos grupos de esportes de risco, passando pelas amizades, pelas relações induzidas pelos clubes, viagens e circuitos de grupos, sem esquecer o sentimento de pertença, que é a causa e o efeito da maneira de trajar e de outros mimetismos corporais, gestuais e de linguagem, que são bem a marca das sociedades contemporâneas. (MAFFESOLI, 1995, p. 57)

Com isso queremos dizer que aquilo que esse adolescente representa nas relações que mantém com o outro é fruto de símbolos já construídos e apreendidos ao longo do tempo, não só na escola, mas na família, no grupo de amigos, enfim, no movimento social. Conseqüentemente, temos a nossa frente desafios de uma nova geração, sedenta de um contexto que lhe ofereça oportunidades de formação pessoal de trabalho e que tenha uma visão otimista quando visualizar o futuro. Gardner (1995) sugere que, quanto menos uma pessoa entender seus sentimentos e os sentimentos e comportamentos de outras pessoas, maior será sua tendência a interagir inadequadamente na sociedade.

O processo de autoconhecimento leva o sujeito a repensar o seu funcionamento e todas as implicações deste no seu dia-a-dia. Comportamentos que foram construídos ao longo de uma vida podem ser ressignificados, desde que a mudança seja o objetivo.

A transformação da realidade só se dará com grande diálogo no espaço educativo, onde as vivências, as discussões, as reflexões abrem a possibilidade de educação na constante construção de um planejamento participativo. Ser aluno é ser elemento dinâmico, que deve re-criar o conhecimento junto com o professor. É nessa contraposição entre experiência do professor e a experiência do aluno que o conhecimento se faz. Por isso, o diálogo em sala de aula é muito importante. Para usar uma metáfora esclarecedora a este respeito, pode-se dizer que “ a água da objetividade é boa, mas o vinho do entusiasmo não pode faltar; é a mistura dos dois que resulta na opinião certa” (MAFFESOLI, 2005, p. 183).

O adolescente está num tempo de constituição subjetiva que coloca em xeque o mundo adulto, até então apresentado como o lugar onde a realização e a satisfação plena poderiam ser alcançadas.

Não podemos “esquecer” os benefícios da razão científica, o que significaria caminhar para o retrocesso. A proposta é ampliar esse espaço usufruído pela relação do professor-aluno, de forma que possam utilizá-lo não como disputa de poder, mas como crescimento pessoal, na direção de um entendimento mais amplo da vida e do mundo. Para Maffesoli,

o projeto é ambicioso, mas realizável. Contudo, requer que se saiba superar as categorias de análise que foram elaboradas ao longo da modernidade. Não se deve negá-las, mas, em vez disso, alargá-las, conferir-lhes um campo de ação mais vasto, dar-lhes os meios de acesso a domínios que lhes eram até então vetados: por exemplo, os do não-racional ou do não-lógico. Assim, fazendo, dá-se à progressão epistemológica aquela “iluminação” que pode ser, que ainda é, apanágio do poeta, do romancista, do místico, do homem de gênio, em suas ações e seus pensamentos específicos. (2005, p.54)

São muitos os jovens que buscam a ascensão social por meio do conhecimento, pelo caminho da escola. Pelos relatos apresentados observamos como o saber, aliado a outras experiências de vida, dá sentido aos projetos dos adolescentes, apesar de alguns o valorizarem mais ou menos; de alguns temê-lo ou não; de alguns conseguirem o seu equilíbrio ou não. O que importa é oferecer oportunidades para que o jovem descubra o valor desse conhecimento para sua vida.

A vida é mais que um emaranhado de poder, de descobertas, de tecnização; é um bem, um patrimônio indubitável e essencial para a espécie humana. Talvez educar para o sentido possa ser a porta que abriremos para nossos jovens, que buscam no conhecimento sua realização. Portanto, investir numa educação do sensível significa não somente se apropriar daquilo que é humano, esquecendo a base da “razão pura”. O educar para a sensibilidade deve ser visto como uma ampliação dos conhecimentos, já que inclui sentidos e sentimentos. Dessa forma, quantas possibilidades seriam conhecidas! É preciso, para tanto, que haja uma reorientação de nossas escalas de valores. É possível existir na escola um mesmo caminho entre o saber sensível e o conhecimento inteligível.

3.2 Escola: convivendo com o saber sensível e o conhecimento inteligível

Em qualquer projeção de futuro que façamos, o conhecimento deve estar presente. Não apenas para gerar um progresso científico, que, sem dúvida, concebido de forma ordenada, conduz ao desenvolvimento, mas também amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural. Como diz Gadotti (2000), a escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a

aprendizagem agora ocupa toda a nossa vida. E porque passamos todo o tempo de nossas vidas na escola, devemos ser felizes nela. A felicidade na escola não é uma questão de opção metodológica ou ideológica, mas, sim, de obrigação essencial dela.

Assim, ao organizar uma proposta de trabalho, o professor deve ter o cuidado de não esquecer de transformar o que é mensurável, racional, em situações que valorizem a sensibilidade. Afinal, se na modernidade existe a idéia enraizada de que se deva entender como as coisas funcionam, não como elas são, basta mudar “nosso olhar”. São nossos olhares sobre o mundo que nos iluminam e nos dão a visão do diferente.

Não há ser humano puramente razão ou puramente emoção. Há, sim, um ser humano dotado de sensibilidade com vistas à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sem correr riscos de renunciar à ciência, pois as duas podem trilhar o caminho, uma não deve silenciar a outra.

Esta essência foi imergindo durante a realização das entrevistas e da freqüência de sua citação na fala dos entrevistados no que se refere à possibilidade de construir uma educação voltada para o desenvolvimento da sensibilidade, não só puramente razão. Divide-se em três dimensões, assim construídas: ética e estética na educação formal, o adolescente e suas crises e algumas questões sobre o ensino e aprendizagem.

3.2.1 Ética e estética na educação formal

A vida é dada ao ser humano como possibilidades das quais ele deve dar conta. Ele não apenas tem a vida, mas, distintamente de todo e qualquer ser orgânico e inorgânico, tem de arcar com a vida. A vida que lhe é dada só se mantém, se preserva e permanece na medida de sua própria interferência. Na medida em que explora suas potencialidades, o ser humano desenvolve habilidades, competências e uma postura ética e estética.

Antigamente, a preocupação de toda a esfera da educação era trazer os jovens para a escola. Hoje, já não se discute mais como trazê-los e, sim, como mantê-los em uma situação de aprendizagem significativa, estabelecendo vínculos de amor, prazer e satisfação por aquilo que está aprendendo.

Percebemos que os valores morais estão presentes em diversas esferas da nossa existência. Não existe vida social sem a presença de regras ou normas de conduta. Desde a infância, a pessoa encontra-se sujeita à influência do meio social por intermédio da família,

da escola, de amigos e dos meios de comunicação. Assim, adquire, aos poucos, idéias morais. Esse é o aspecto social da moral. Quando nasce, o ser humano já se defronta com normas e valores já aceitos no meio social em que vive. Todavia, a moral não se reduz apenas ao aspecto social. À medida que a pessoa desenvolve a reflexão crítica, esses valores já começam a ser questionados. Dessa forma, aceita ou nega as formas de valores recebidas, num processo chamado de “interiorização”.

A moral é imprescindível para que seja garantido o funcionamento, a estabilidade da vivência em sociedade, mas, infelizmente, a atualidade caracteriza-se por intermináveis debates e desafios éticos. Os debates ocorrem nos mais diversos setores culturais e sociais. Os desafios éticos dizem respeito às imensas circunstâncias que se criam a todo instante em nossa sociedade, caracterizada, de um lado, pela crise de valores que são fundamentais para vida humana e, de outro, pelos desafios impostos pela evolução da tecnologia, que avança rapidamente. O fato é que:

o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida. Certas conquistas típicas e definidoras a modernidade, feito a noção de homem como sujeito livre, ou a diferenciação entre as esferas da ética, da arte, da religião e da política, mostrando-se agora assoladas por uma espécie de pensamento único, que pretende valer-se da razão científica ou instrumental para abarcar todos os domínios da existência. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 70)

Reforçando essa idéia destacamos o depoimento da entrevistada 4, a qual relata que é criticada pelos pais por pertencer à tribo dos EMOS e intensificar seu gosto pela música, ao invés de priorizar os estudos, já que somente com ele atingirá a ascensão social. “Gosto das músicas porque me encontro com a melodia, ouvindo as letras. Estudar é importante, mas não estritamente essencial para o ser humano”, diz a adolescente.

Vivemos num mundo novo e admirável, onde a promessa de felicidade encontra-se estampada a cada instante que utilizamos tecnologia, que estamos vulneráveis à mídia, que mantemos diálogos com nossos amigos. Contudo, essa falsa felicidade gera incertezas, medos, violência e desespero. Parece, escrevendo assim, um pouco trágica a situação, mas, infelizmente, são sentimentos sentidos pelos jovens durante os contatos mantidos nas entrevistas.

Verdade é que, no meio desse turbilhão de situações, as expectativas dos adultos são de que tenham equilíbrio emocional, liberdade com responsabilidade, maturidade, entre outros valores. Todavia, às vezes, esquecemos que a adolescência é marcada pelas incertezas na formação da identidade e os exemplos são seguidos com muito afoito. A entrevistada 4 comenta que as famílias dão muita liberdade aos filhos. “Se o jovem é preso, as famílias pagam fiança e já está livre. Essa impunidade que acontece no país, hoje, é que deixa o jovem sem preocupações sobre suas responsabilidades”.

A compreensão atual do processo de globalização aponta uma nova espécie de violência: a dominação política e os limites do poder político. Os altos investimentos de tecnologia e capital após a II Guerra Mundial, que atinge metas de modernização nas décadas de 1960 e 1970, eram vistos pelas pessoas como o caminho para se alcançar a democracia e a liberdade. Tornou-se um sonho fomentado por um capitalismo perverso, no qual o ser humano desfruta, às vezes, do prazer da tecnologia e não percebe o quanto é escravo de suas próprias ideologias. Partindo desse pressuposto é que acreditamos que a educação deve ter uma visão global do aluno, com sentimentos e emoções, tornando relevante “a relação ‘homem-no-mundo’, ou seja, estar no mundo e na construção de seu ‘ser-no-mundo-com-os-outros’, isto é, ser capaz de se relacionar com as pessoas e com a sociedade” (FREIRE, 2001c).

Assim, o saber sensível refere-se às impressões primeiras que temos de tudo que está a nossa volta e à incorporação destas a tantas outras que já fazem parte de nossas experiências. Não se admite mais o saber do corpo separado do saber da mente. Nesse contexto, é necessário distinguir saber sensível, desvalorizado e desprezado do conhecimento inteligível verdadeiro e confiável. Para Duarte Júnior (2006), saber e conhecer são distintos: saber está mais relacionado com o sensível que se elabora a partir das experiências sensoriais transformadas em aprendizagens significativas, e conhecer refere-se ao inteligível, compreendendo o intelectual e tendo uma estrutura cientificista fundamentada em qualidades mensuráveis e objetiváveis pela razão. O corpo é abordado como ponto de partida para os saberes humanos, cuja integridade precisa ser retomada.

Atualmente, na tentativa de silenciar a sabedoria do corpo e a linguagem sensível, através de uma sociedade fragmentada, prioriza-se um corpo de consumo, de imagens idealizadas, sem identidade, sem experiências sensíveis, visto que a globalização tomou conta desse ser humano. Recebemos informações sensoriais do mundo externo, mas não as percebemos, não prestamos atenção naquilo que é sentido. Para Ormezzano:

essa subjetividade de massa se constrói na situação-limite provocada pela união de corpo-alma, numa transcendência imanente própria da religiosidade vivida na contemporaneidade. É a experiência do ser que integra ou ultrapassa os limites da corporeidade para integrar-se ao corpo comunitário, a união cósmica. E para colocar alguns exemplos do dia-a-dia: o ruído ensurdecedor das discotecas; os conglomerados dançantes atrás dos trios elétricos carnavalescos; as fusões das torcidas na copa do mundo; os mitos de Narciso da publicidade; o convívio em *spas*. A fusão mística, estética, política, é entendida como metáfora do conhecimento que permite compreender esse fenômeno em que todos se perdem individualmente e se encontram na alteridade, onde não existe estado ideal porque sempre há uma ameaça de transformação no oposto, ou seja, o não-ideal. (2007, p. 30)

Cabe lembrar que ater-se à vivência, à experiência do sensível, não é negar o saber, como costumam acreditar aqueles que apenas se preocupam com a razão. Pelo contrário, trata-se de enriquecer o saber, de mostrar que o conhecimento não carrega em si toda a essência necessária para o desenvolvimento do ser humano. É para dar conta disso que o intelectual deve saber encontrar um modo operacional que lhe permita passar do domínio da abstração ao da imaginação e do sentimento, ou, melhor ainda, aliar o inteligível ao sensível. Assim fazendo, evocamos a idéia de Maffesoli, o qual destaca que:

a função cognitiva ligada ao prazer estético é, certamente, superior à abstração do saber conceptual que, em última análise, é coisa recente, e cuja modernidade constitui o fundamento de todo o conhecimento. Sabendo integrar, de um ponto de vista epistemológico, a experiência sensível espontânea que é a marca da vida cotidiana, a progressão intelectual poderá, assim, reencontrar a interação da sensibilidade e da espiritualidade, própria, por exemplo, ao barroco, e assim alcançar, através da aparência, a profundidade das maneiras de ser e dos modos de vida pós-modernos que, de múltiplas maneiras, põem em jogo estados emocionais e “apetites” passionais que repousam, largamente, sobre a iluminação pelos sentidos. (2005, p. 196-197)

Durante a adolescência, o jovem interessa-se por problemas éticos e ideológicos, debatendo-os, fazendo opções e construindo valores sociais próprios. Os valores mais defendidos nesta fase de sua vida apóiam-se na lealdade, na coerência, na justiça social, na liberdade e na autenticidade. A entrevistada 7 comenta que os jovens têm medo de buscar o novo e, por isso, de enfrentar as dificuldades, o que acarreta a perda da fé e da confiança em si mesmo. “Essa insegurança enfrentada por muitos jovens os faz desistir de conhecer e torna parte da juventude ignorante. É preciso acreditar, sonhar e idealizar para tornar esse

mundo um lugar de conhecimento e se deve começar formando uma juventude capaz de transformá-lo nisso”, diz a entrevistada.

Os adolescentes desejam, quase sempre, uma perfeição moral. O que provoca as “grandes tempestades” é não compactuar com situações do dia-a-dia desfavoráveis aos valores morais que são pregados. As novas capacidades cognitivas de reflexão e abstração e o poder de jogar mentalmente com várias hipóteses permitem-lhes debater idéias, apreendendo a complexidade dos valores sociomorais, bem como construir uma teoria própria sobre sua realidade social. Como afirma Erikson (1976), nessa idade raramente o jovem se identifica com seus pais; ao contrário, rebela-se contra o domínio deles, seu sistema de valores e sua intromissão na vida particular dos filhos, pois o jovem tem de separar sua identidade da de seus pais.

Do ponto de vista socioafetivo, há a consolidação da identidade e o estabelecimento de uma moralidade autônoma, características que se encontram refletidas na formulação de valores e nas atividades psicossociais desenvolvidas pelo jovem. A principal nesta fase, segundo Erikson, é “o estabelecimento de relações sinceras de amizade com outras pessoas, o que requer não somente um sentimento de identidade, como também o atravessar, com êxito, as etapas anteriores do desenvolvimento” (1976, p.157).

Nesse contexto, afirma a entrevistada 3, o jovem, como forma de contestação reúne-se em tribos para seguir uma filosofia ou simplesmente por estar junto: “As tribos buscam um conhecimento a partir daquilo que elas acreditam”, reforça a entrevistada.

Portanto, a contribuição da educação estética ao campo educacional é essencial. A escola, como instituição, precisa proporcionar experiências que conduzam a pessoa em processo de educação formal a vivências que lhe permitam ter acesso a esses conteúdos, através de uma organização inter ou transdisciplinar. Essas experiências adquirem significado e completam-se no momento em que compreendemos a abrangência cultural do sentir. Para a entrevistada 4, a escola deveria oferecer espaços onde os alunos pudessem conversar, contar, opinar, dizer o que sentem. Afirma que sua organização poderia ser “como a internet, MSN ou Orkut, deveria deixar o aluno chegar mais”.

Por isso, a educação, por intermédio dos educadores, precisa ser suficientemente sensível e ética, para perceber os apelos daqueles a ela submetidos. Isso porque, quando estamos envolvidos por uma imensa alegria, desejo, emoção e motivação para aprender e para ensinar, aí, sim, conseguiremos entender o papel do jovem dentro da sociedade (ou da escola).

No final da adolescência, o jovem obtém uma “identidade realizada”. Ele será capaz, como diz Erikson (1976), de sentir uma “continuidade interna“ e “uma continuidade do que ele significa para as outras pessoas”. Desde pequeno, diz o entrevistado 10 “escuto meu pai dizendo para ter respeito e esforço. E hoje construí minha personalidade em cima disso. Considero-me responsável por aquilo que me proponho fazer”.

A adolescência é um segundo nascimento que se cumprirá progressivamente. Nesta fase, ele terá de abandonar, aos poucos, a proteção familiar como um dia abandonou a placenta; há que prosseguir, superando as crises.

3.2.2 O adolescente e suas crises

Inicialmente, torna-se necessário considerar a palavra “crise” como algo que tenha deixado de ter conotação de catástrofe. Sempre que falamos em adolescente, pensamos em crises, em aborrecimentos, do que particularmente discordo, já que todos passamos por crises, sejam existenciais, sejam sociais, e não somos conduzidos a um grande referencial para encontrar solução ao problema. O termo “crise”, hoje, está sendo aceito para designar um ponto decisivo e necessário quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direção, escolher esse ou aquele rumo.

É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido vista como fase da vida marcada por uma certa instabilidade, associada a determinados problemas sociais; contudo, o modo de interpretá-los também muda. Assim, na década de 1960 a juventude era enfrentada como etapa em que as crises de valores e de conflitos de gerações se sobressaíam como ponto crítico; na de 1970, foi o ingresso ao mercado de trabalho, tornando-se mão-de-obra ativa; já, na de 1980, a ênfase dos estudos sobre os jovens situou-se na pesquisa das gangues que surgiam, principalmente nos Estados Unidos e, posteriormente, na sociedade brasileira.

Ao buscar sua própria identidade, os adolescentes desejam ter um referencial que dê sentido ao seu existir. Por isso, tem um modo próprio de pensar, de se expressar, de se vestir, de se divertir, dentre outros. Esse jeito de ser é motivo de preocupação para a família e para a escola. Conforme o entrevistado 10, a sociedade tem preconceitos quando se refere à juventude. Ela é “marcada por sua rebeldia, teimosia e desinteresse em relação

ao conhecimento formal. As tribos surgiram para mostrar à sociedade que todos são iguais, pensando de maneira diferente”.

Para Debesse (1980), o desenvolvimento realiza-se por meio de crises sucessivas. A crise é para os jovens a maneira possível de afirmar sua identidade e constitui uma etapa do desenvolvimento normal de todas as pessoas, o que explica a multiplicidade de suas formas.

Alguns jovens tendem a evadir-se do presente e adotam condutas imagináveis cercadas de narcisismo. A oscilação entre a rebeldia e a contemplação, entre a atividade sem limites e a solidão, caracteriza a instabilidade dos jovens. A crise deve ser considerada como uma expressão dramática que prepara a plena realização do ser. Portanto, requer um modo de formação individual apropriado, isto é:

uma pedagogia de acompanhamento, um esforço de compreensão e respeito. Uma etapa de descobrimento dos valores sociais e dos valores estéticos, onde ocorre, ao mesmo tempo a intensidade do desenvolvimento intelectual dos jovens, caracterizado por uma grande sensibilidade emocional e o nascimento de novas possibilidades criadoras. (DEBESSE, 1936, sp)

Cada sociedade concebe o período de adolescência de uma maneira específica. Na nossa, os limites são determinados por lei através do Estatuto da Criança e do Adolescente – lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Esta lei considera adolescente o sujeito que tem entre doze e dezoito anos de idade.

O grande perigo da etapa de desenvolvimento que corresponde à adolescência é o da confusão e da difusão de papel, que pode ocorrer em relação à própria identidade sexual do adolescente ou em relação a sua incapacidade de fixação numa identidade ocupacional. O estado de “paixão” tem também um importante papel na definição de identidade. No estado de “paixão” há a projeção da própria imagem do ego, ainda difusa, em outra pessoa, de modo que o adolescente busca ver sua própria imagem refletida no outro de uma forma definida (ERIKSON, 1987).

De fato, hoje observamos uma crise de identidade. Quando os vemos caminhando nas ruas, é impossível dizer, sem uma investigação, quem é o rapaz e quem é a moça. Eles parecem ser tudo aquilo que a sociedade lhes diz que não sejam; são responsabilizados pelas tensões, utilizando-se termos como “luta” para fazer referência a essas relações. Com isso, deixa-se de incentivar relações de parceria social entre pais e filhos. Isso acontece

porque muitos segmentos, desejosos de ajudar as famílias a resolver essa situação, distribuem regras plausíveis, sobrecarregando de responsabilidades os pais.

As famílias, ou melhor, os adultos dessas famílias, esquecem que também possuem projetos, necessidades e possibilidades que lhes são cobrados dia-a-dia. Verdade é que existem muitas adolescências, conforme cada infância, cada fase de maturação, cada família, cada época, cada cultura, cada classe social.

O entrevistado 1 comentou que ajuda seu avô na empresa que ele possui e, sempre que estão conversando a respeito de juventude e conhecimento, entram em atrito. Isso ocorre porque o avô comenta que os jovens só querem festas e badalações e que estão perdidos. “Discordo disso. Tenho boa parte de amigos que estão bem conscientes de que não é só de festas que vamos ser alguém na vida”.

Entre os jovens entrevistados observaram-se maturações diversificadas, justamente porque, por meio das ligações infantis e da reintegração do passado, a adolescência apresenta este espaço/tempo para a reelaboração de sua identidade. Portanto:

o desenvolvimento do homem conta com a experiência histórico-social, que não coincide com a experiência gerada pela filogênese, nem com a experiência individual. As conquistas do desenvolvimento social são gradualmente acumuladas e transmitidas de geração em geração. Nesse processo, os homens, governados por leis sociais desenvolveram características mentais superiores, entre as quais a linguagem simbólica. (COUTINHO; MOREIRA, 1992, p. 70)

Essa reelaboração deverá capacitá-lo a optar por valores, a fazer sua orientação sexual, sua escolha profissional e integrar-se na sociedade. É nesse processo de crescimento do “ir e vir” que se desencadeiam as mais efusivas crises (às vezes, dá vontade de voltar a ser criança). Há o apego maior ao melhor amigo, com e contra os pais, com os outros adolescentes e com os outros adultos. “Escuto de outras pessoas críticas por pertencer à tribo das patricinhas”, diz a entrevistada 5. “A tribo significa para mim, pessoas que adotam uma forma de se mostrar ao mundo, aos pais. Não querem ser normais, querem ser diferentes, ter algo a mais para mostrar”.

Os sentimentos opostos que ocorrem na adolescência têm muito a ver com as transformações globais que ocorrem no indivíduo e que tornam esta fase mais difícil. Ao mesmo tempo em que projeta o futuro, ele gostaria de não crescer para ficar na segurança dos pais. Mas cada vez mais a sociedade de consumo faz do jovem um público-alvo de

exploração: eles são alvos efetivos de compras. Por ocorrer essa situação lhe são exigidas responsabilidades e autonomia, e ao ingressar mais tarde no mercado de trabalho ele se torna mais tempo inseguro e dependente, principalmente economicamente.

A fragilidade sentida pode estimular alienações, comportamentos associiais, regressões e várias dificuldades de relacionamento. No entanto, não podemos afirmar que a fase da adolescência é obrigatoriamente perturbada e que deva passar por turbilhões de indefinições. Muito desse mal-estar sentido tem relação com a posição, o status social que o jovem ocupa na sociedade. As interações sociais e as influências socioculturais têm grande contribuição para que esse processo de crescimento ocorra de maneira natural. A entrevistada 11 é categórica ao afirmar que “o canudo não simboliza mais status. Mesmo sem ter tantas condições financeiras, quem quer vencer, deve correr atrás dos objetivos e dos sonhos. Eu vou fazer faculdade para ter uma qualidade de vida melhor, alcançar um patamar de tranqüilidade. Mas nem todos pensam assim”.

Nas escolas, torna-se interessante pensar a adolescência, mas sem lhe dar um papel demasiadamente importante. Quando os jovens, a princípio, apresentam comportamentos inadequados às normas vigentes, os educadores logo justificam a fase da incerteza que estão passando. Indiretamente, ao adotar essa atitude, o educador está formando um pré-conceito a respeito do ser humano que está a sua frente. É bem verdade que em muitas situações desconhecemos o universo de valores, suas dimensões e características que está apresentando. Fazemos um diagnóstico pré-elaborado, tentando encontrar uma solução ao problema.

A idéia é esta: numa sociedade impulsionada pelo imediatismo, a solução deve chegar rápida, mesmo que não seja a mais correta. Contudo, não é possível educar bem sem conhecer bem o nosso jovem. É necessário propiciar a essa educação uma visão de que cada etapa do crescimento do ser humano corresponde a realidades distintas. A cada fase o aluno corresponde a um equilíbrio, a um estágio, a um nível de maturidade, que nem sempre corresponde ao nível em que os educadores estão. Para o entrevistado 9, de modo geral os jovens não estão preocupados com o futuro. Eles se preocupam com o agora, com o presente; o amanhã pertence ao amanhã. “Quando ele chegar é que vamos pensar”, afirma ele.

As crises e fracassos no processo educativo acontecerão até que esse período insuficientemente desconhecido não for compreendido, levando em conta não só a vida intelectual desse adolescente, mas sua vida emocional. A escola deve permitir-se oferecer a esse jovem uma educação dentro de um caráter criativo. Talvez seja a solução para tantas

situações de desconforto na relação professor-aluno. Como diz Duarte Júnior, “tal maneira de se colocar perante o mundo parece estar chegando aos seus limites, na proporção em que se avultam os sintomas de crise ao nosso redor” (2006, p.55). Então, segundo a entrevistada 3, “conhecimento se adquire ao longo da vida, responsável pelo nosso sucesso pessoal e profissional. Esse aparente desinteresse do jovem é só questão de imaturidade. Daqui a pouco ele vai se dar conta, vai lembrar o que o pai falou, o que o professor comentou e aí vai levar a sério. Tudo é questão de maturidade”.

3.2.3 Algumas questões sobre ensino e aprendizagem

No contexto da globalização e em face da competição dos mercados, a educação e a formação são consideradas como o melhor dos investimentos. O conjunto dos talentos humanos e a imaginação, criatividade e arrojo são atributos extremamente importantes. Para Vygotsky (1995), a importância sociocultural do processo de ensino-aprendizagem deve ser particularizada de acordo com a realidade em que o sujeito está inserido. Nessa concepção, o conhecimento adquirido por meio de um amplo processo de interação social, de aquisição de novas informações, habilidades, atitudes, valores a partir do sujeito com outras pessoas, é fator determinante para que ocorra a aprendizagem.

Apesar de reconhecer essa multiplicidade de agentes, sempre é referida a educação ao espaço restrito da escola. Esse modelo é o que predomina no Brasil: educação sinônimo de ensino, que, por sua vez, desencadeia o processo de transmissão de saberes. Isso faz com que se acredite que a prática educacional seja constituída de saberes organizados, necessários e obrigatórios para serem transmitidos aos alunos, tornando-os competentes ao ingresso no mercado de trabalho e em massa.

Em geral, assim é entendida a escola. Entretanto, essa prática educacional não vem respondendo aos anseios da população, principalmente dos jovens. Torna-se uma cultura escolar fechada nas quatro paredes. Essa incapacidade da educação escolar tem sido criticada em alguns aspectos, e parece positivo o pensamento de mudança nas esferas educacionais. Como vivem nossos alunos? O que pensam da escola? Quais suas expectativas para o futuro? Será que sabemos responder a essas questões dentro de uma coerente realidade?

A complexidade do nosso tempo exige, segundo o sociólogo Edgar Morin (2002), que reaprendamos a pensar, não reduzindo, nem simplificando nossas respostas. Assim, educar não se limita à absorção passiva de conhecimentos, mas estende-se à possibilidade de o sujeito estabelecer relações mentais na ausência das próprias coisas, de imaginar, de fazer planos e ter intenções. Para que a vivência seja significativa, fazem-se necessárias algumas mediações, sendo essencial o papel do docente, ao qual cabe a problematização do cotidiano (sua desconstrução e reconstrução) pelo diálogo com o saber científico.

Assim, o papel do professor passa a não ser mais apenas um informante, que mantém relações estritamente cognitivas com o conteúdo das disciplinas, passando a construtor de conhecimentos e incentivador dos seus alunos, problematizando o dia-a-dia para buscar seu sentido ético-social. Nessa perspectiva, a entrevistada 5 chama atenção de que o essencial para conhecer o mundo é ler, porém a escola não incentiva isso com sua metodologia. Afirma que satisfaz sua curiosidade quando considera “a aula legal, a professora motiva a buscar e faz relação do conteúdo com o dia-a-dia”.

Existe uma compreensão cultural de que educadores e educandos são aqueles que aprendem e ensinam mutuamente. Como sujeitos, parecem definir também os seus conceitos e significados.

Pode-se afirmar que o sujeito atua diante do universo, diante do meio no qual vive, realizando uma reconstrução da realidade que lhe permite antecipar os acontecimentos. Não é um simples espectador passivo, nem sua atuação é de responder ao processo de estímulo-resposta, mas se estabelece nele uma atividade cognitiva, mediadora, que implica construções que ocorrem no seu cotidiano e as avaliações desse processo. Dessa forma, o trabalho educativo deve impulsionar novos conhecimentos e novas conquistas, a partir do nível real de desenvolvimento, daquilo que o educando já sabe. Segundo Carrara (2004), o bom ensino não é aquele que incide sobre o que já se sabe ou já se é capaz de fazer, mas é aquele que faz avançar o que já se sabe, ou seja, que desafia o aluno para o que ele ainda não sabe, ou só é capaz de fazer com a ajuda de outros.

Segundo o entrevistado 10, conhecimento é leitura; é buscar novos caminhos do mundo para si, obtendo novas informações com isso. “Acredito que terei mais oportunidades de trabalho”. O fazer compartilhado entre o educador e o educando é o que mantém uma atitude ativa em relação ao conhecimento e possibilita que, ao mesmo tempo, o educando conheça o novo. O educador não pode ser ingênuo em relação à realidade em que vive e trabalha. Por isso, é necessário reconhecer e compreender que o educando necessita ser tratado adequadamente segundo sua condição econômica, cultural, afetiva,

política e religiosa. Assim, ambos conseguirão construir uma relação de desenvolvimento permanente.

Este aspecto é muito importante quando associado aos jovens adolescentes, pois é nessa fase que se obtém uma maturidade intelectual. O pensamento formal vai abrir novas perspectivas, ou seja, permite construir o “seu sistema pessoal”, como diz Piaget (1995). Nesse processo de ensino-aprendizagem é necessário compreender que a eficácia do desenvolvimento de comportamentos, hábitos, crenças e valores depende, em grande parte, do que acontece no dia-a-dia na escola.

O depoimento da entrevistada 11 nos faz refletir sobre a forma como o professor estabelece o conhecimento no processo ensino- aprendizagem ao comentar que “me preocupa, às vezes, a forma como a escola passa o conhecimento. Claro que cada professor, com sua personalidade e método, transmite o conteúdo aos alunos. A aprendizagem deve acontecer de maneira que a gente goste daquilo que está aprendendo, goste do novo”.

Uma das maiores queixas dos professores, no que se refere à aquisição de conhecimentos, é estabelecer um clima agradável na sala de aula. Tanto professores quanto alunos parecem medir forças para ver quem vence nessa “batalha”; alunos acusam professores de ineficientes por utilizarem métodos inadequados e ultrapassados, e estes, por sua vez, acusam aqueles de indisciplinados e desinteressados pelo ensino formal. O entrevistado 12 salienta que “o professor hoje, dá a matéria mas sem motivação, sem levar o aluno a ter prazer de investigar. Eu acho muito importante o conhecimento na formação da pessoa. Ele nos leva a ascensão social”.

Nessa “interminável guerra” não existem culpados ou inocentes, como observamos nas entrevistas com os jovens pertencentes às tribos urbanas. O que vemos são seres humanos com inteligências incríveis, com um poder de linguagem extraordinário, tentando se comunicar; ambos dotados de valores e atitudes. Contudo, não apenas o conhecimento inteligível deve ser valorizado, mas também o saber sensível. Uma educação embasada no fundamento sensível de nossa existência, ao qual dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo:

tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana. Contra uma especialização míope, que obriga a percepção parcial de setores da realidade, com a decorrente perda da qualidade na vida e na visão desses profissionais do muito pouco, defender uma educação abrangente, comprometida com a estesia humana, emerge como importante arma para se enfrentar a crise que acomete o nosso mundo moderno e o conhecimento por ele produzido. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 171)

A sensibilidade tem sido um dos assuntos mais discutidos atualmente, quando se tenta compreender a suposta essência humana. “A educação estética sempre foi desvalorizada e naturalizada em suas aparentes mesmices” (GALEFFI, 2007, p.100). Somos levados, assim, a pensar a sensibilidade estética como algo indefinido e instrumental, como função sensório-motora básica para a construção do conhecimento. Verdadeiro e adulto, porém inferior. Assim, o sensível é interpretado como sinal de poucos dotes para a vida atribulada e empreendedora nessa sociedade de muitos lucros, não importando se seus reflexos são positivos ou negativos nas pessoas que estão envolvidas no processo.

Nesse sentido, parece que uma das possibilidades mais promissoras de trabalho para a escola é a que tem a ver justamente com o convívio, com as relações face a face, com a possibilidade de oferecer um diálogo direto, um intercâmbio com as pessoas no qual os instrumentos técnicos sejam o que são: instrumentos, não fins em si mesmos.

A aprendizagem ocupa toda nossa vida, por isso a escola está desafiada a refletir a construção do conhecimento. Como instância de cultura maior, ela pode promover a formação de personalidades mais críticas e autônomas, se os processos educativos são conduzidos de modo a não reforçar qualquer forma de autoritarismo, seja cognitivo, seja socioafetivo.

Nessa perspectiva, Maffesoli (1995) reconhece que, à medida que a afetividade pontua e marca os fatos significantes de nossas inter-relações cotidianas, o mundo encontra sua estrutura de plausibilidade. Como diz a entrevistada 2, o “jovem gosta de ir para a escola. Pode ver que ele não falta aula por mais bagunceiro que seja”. Nessa perspectiva, o caráter estético apresenta-se como uma alternativa para ser trabalhada na educação, não apenas como uma faculdade do conhecimento, mas como um meio sem o qual o conhecimento não acontece de forma significativa.

3.3 Tribos: tempo de compreender

Desde que o homem descobriu o mundo, vem tentando compreendê-lo, porém somente o consegue quando se volta para si mesmo, para sua essência, e quando consegue perceber as razões de sua existência. Nesse sentido, leva-se em conta o fato de que o sujeito contemporâneo é movido pela condição de desamparo, e a adequação em uma tribo é também a garantia da sobrevivência e uma maneira de lidar com o próprio desamparo.

O grupo familiar tem sofrido profundas transformações nos últimos anos, o que deu abertura para que fossem repensados os papéis dos atores sociais que fazem parte dela. Assim, a família perde seus principais referenciais para formação do sujeito quanto a sua constituição de identificação e subjetividade.

Dessa maneira, essa essência emergiu diante das reflexões transcorridas após a realização das entrevistas como uma tentativa de estabelecer uma nova forma de comunicação entre adolescentes e o mundo adulto, principalmente professores da instituição pesquisada. Ela está composta por três dimensões: tribos, pré-conceitos e comunidade; subjetividade: alienação X integração e a busca da restauração de uma sociabilidade.

3.3.1 Tribos, pré-conceitos e comunidade

Na Antiguidade, cada um dos agrupamentos em que as pessoas estavam divididas era denominado de “tribo”. A sociedade contemporânea, porém, reinventou esse conceito ao criar tribos urbanas. A expressão define um grupo que compartilha um estilo de vida, traduzido em roupas, festas, músicas, esportes, ídolos, enfim, preferências e referências comuns; simboliza o diferente na medida em que o grupo adota normas, leis, códigos e adeptos organizados.

Para Magnani (1992), é sintomático usarmos um termo normalmente associado a sociedades pequenas para falar de um fenômeno associado às grandes metrópoles. Num aparente paradoxo, as tribos uniformizam ao mesmo tempo em que diferenciam. Pertencer a uma tribo, para esses jovens, é ser diferente de alguns, sendo iguais a outros. Esse

fenômeno transpõe a necessidade de auto-afirmação e de identificação com um grupo nos cenários urbanos, onde cada vez mais impera a impessoalidade.

O melhor comparativo para exemplificar o conceito elaborado por Maffesoli, que concebe os componentes da tribo como “uma comunidade emocional ou nebulosa afetiva, na medida em que permite a experiência de estar junto e de sentir junto” (2006, p.132), é a vibração da torcida pelo seu time.

A lista de tribos é interminável. É necessário apenas, passar alguns minutos em determinados setores da sociedade como praças, *shoppings*, escolas..., para vê-los, cada um com seu estilo, marcando território com base em atributos e em ideologias aceitáveis pelos sujeitos que dela fazem parte. Para o entrevistado 3, “os adolescentes pertencentes às tribos urbanas buscam o conhecimento a partir daquilo que acreditam, por exemplo, o grupo evangélico ou católico buscam o conhecimento a partir daquela comunidade”.

A linguagem é um dos principais sinalizadores de uma tribo. Nesse processo de interação humana, que produz cultura e transforma o homem em ser social, a linguagem é o sistema simbólico fundamental de mediação entre as pessoas e dessas com o mundo concreto. Assim, a linguagem, para os jovens, possui dupla importância na construção do saber, pois, além de intermediar a relação entre as pessoas (e aqui acontece conhecimento), “a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando os fatos do mundo real em conceitos cujo significado é compartilhado pelos homens que, enquanto coletividade, utilizam a mesma língua” (VYGOTSKY, 1995 p.24).

Olhando para essas tribos, tentamos analisar o que há por trás desse estilo de vida e percebemos, através da história, que muitas manifestações de repúdio e revolta para com os padrões dominantes deram-se de forma semelhante a esta.

Será que os jovens de nossa sociedade, especificamente do Colégio São José, não estão querendo chamar a atenção para algo que não está coerente, e nós, professores, insistimos em dizer que são indisciplinados? O entrevistado 10 responde a essa questão argumentando que as tribos surgiram, “pelo menos a minha, para mostrar à sociedade que todos são iguais, pensando de maneira diferente. Não é porque gostamos de outras formas de ser, que não as convencionais, quer dizer que estamos desinteressados em conhecer mais. Ao contrário, o que nos preocupa é com a sociedade preconceituosa que vivemos”.

Em 1985, Michel Maffesoli começou a utilizar o termo “tribo urbana” em seus escritos e, em 1988 escreveu o seu “*O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*”. O autor procura utilizar uma forma metafórica para justificar expressões que passam a surgir na “sociedade pós-moderna”.

Esses microgrupos que surgem em meio à “massificação dos indivíduos, através de relações sociais que cultuam o individualismo e pela unisexualização da aparência física, do uso do corpo e vestuário, acabariam, mediante sua sociabilidade, por contestar o próprio individualismo vigente no mundo contemporâneo” (FREHSE, 2007, p. 1).

Na verdade, esse culto ao individualismo surgiu quando se passou a exigir das pessoas instrução cada vez maior, trabalho como resposta a todas as necessidades pessoais, inclusive de imagem e, como marca de evolução triunfante, a cidade. Contudo, todos esses desdobramentos submeteram-no a uma burocratização, nem sempre aceitável para os jovens. Eles são os atores sociais que se apresentam no espaço urbano, circulando por ele, usufruindo de todas as possibilidades que a sociedade lhes oferece, estabelecendo padrões de troca e encontro no domínio público. Então, observando os intervalos escolares, descobrimos que a formação das tribos passou a ocorrer porque os comportamentos, as relações de poder e as emoções das pessoas mudaram, da mesma maneira que mudaram as formas de vida e de produção nesse modelo societal.

No modo de vida no Estado moderno tornou-se perceptível a transferência cada vez maior de funções relativas à proteção e ao controle do sujeito, previamente exercidos por pequenos grupos – como Igreja, feudo, entre outros, que eram consangüíneos, de localidade próxima e coesos por sua capacidade de proteção, de controle e mobilização pela sobrevivência, – “para os Estados nacionais altamente complexos e cada vez mais urbanizados” (ELIAS, 1994, p. 125). Esse fato aponta para pessoas cada vez mais isoladas, que batalham para sua sobrevivência. Seu envolvimento com família, grupo de parentesco, escola, grupos da própria localidade, antes incontestáveis, vê-se reduzido em sua estrutura social.

A exemplo disso, a entrevistada 11 afirma satisfazer sua curiosidade a respeito de conteúdos escolares na internet. O problema, segundo ela, “é que tem o lado bom e o ruim. O lado bom é que favorece o conhecimento através da convivência. Se é tímida, acessa o MSN ou Orkut e vai se comunicar, sem precisar ter ‘coragem’ para fazer isso. Mas para conhecimento formal, se pesquisa e entrega sem ao menos ler os trabalhos”.

À medida que há um abandono de certas formas de agrupamento, pelo número crescente de opções que lhes são oferecidas, os comportamentos, as necessidades e as experiências vividas mudam e os jovens passam a buscar outras formas de vida e de agrupamentos.

Apesar de as pessoas hoje dependerem muito mais de si em suas decisões, dependerão da vida coletiva, social e grupal para conviver, mesmo porque é na relação

com o outro e na participação de grupos que se tornam seres humanos passíveis de aprender e transmitir seus aprendizados às gerações futuras, o que os distingue de outras espécies não humanas. Assim, o surgimento de tribos urbanas:

nasce num processo de diferenciação/individualização do processo social. Mas essa individualização crescente e a maior diversidade de pessoas que podemos identificar na “tribo urbana” nas sociedades contemporâneas, não originam da natureza dada, no mesmo sentido dos órgãos humanos, e sim, das relações sociais. (HONORATO, 2005, p. 105)

O isolamento de sujeitos que se denomina “tribo” não significa enclausuramento de outras pessoas; significa uma diversidade de comportamentos e de relações de poder que não se pode mais negar apontam como modo de vida do século XXI.

À medida que a sociedade desenvolve cada vez mais um controle geral dos comportamentos “civilizados” (disciplina), tanto controle social como individual, tais comportamentos se apresentam de maneira cada vez mais entrelaçada e acentuada, revelando sentimentos e fortes impulsos que são cada vez mais controlados, reprimindo desejos antes livremente expressos. Nesse aspecto, a entrevistada 2 comenta que “minha família cobra muito de mim, dedicação aos estudos ao invés de escutar música. Sei que sem estudo não vou chegar a lugar nenhum. A vida está reservada aos que lêem, se esforçam e se especializam nas mais diversas áreas. A ‘implicância’ é com minhas roupas, meu modo de vestir, me pintar. Mas acho que não tem nada a ver”.

Nesse sentido, as tribos da escola encontram-se com a finalidade de se reagrupar num campo social no qual seus elementos podem produzir, inconscientemente, comportamentos contrários aos controles desenvolvidos no atual estágio em que se encontram os padrões e normas estabelecidos pela escola. O certo é que podem extravasar suas emoções sociais e individuais sem represálias.

“A tribo surgiu para mostrar algo que, muitas vezes, não são nós mesmos, mas por influência dos amigos e, também, para mostrar ao pai, mãe ou sociedade que se resolvem ser EMO é porque gostam de música melancólica; góticos para andar de preto e ouvir *rock*; patricinha para andar de rosa e assim por diante”.

Essa prática cultural apresenta sinais específicos e recíprocos ao atual estágio de civilização: diversão, repugnância à violência, desenvolvimento do conhecimento e, principalmente, desenvolvimento de fortes emoções proporcionadas pelo interesse

coletivo, diferentes daquelas proporcionadas pela escola. A tribo de adolescentes é, nesse sentido, um modo diferenciado de se comportar e portadora de signos sociais que possibilitam agrupar “semelhantes”, possibilitando vivências da vida social.

É nessa relação pessoa e sociedade que devemos buscar subsídios para desenvolver nosso trabalho como educadores. O fato é que não podemos mais negar que o ser humano passa por processos sociais dentro da escola diferenciados dos elaborados no currículo escolar.

Desse modo, é necessário “aprimorar a sensibilidade dos educandos, munindo-se do necessário espírito crítico para lhes apontar o quanto certas ‘experimentações’ mais lhes toldam a percepção e obnubilam seus sentidos do que lhes abrem novas maneiras de sentir a vida e o mundo ao seu redor. É preciso construir-se algo novo e diverso, e, para tanto o que temos, primordialmente, são duas mãos e o sentimento do mundo” (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 221).

Não pretendemos convencer ninguém, apenas apresentar uma reflexão no sentido de que educar sem sensibilidade é como aprender sem aprender.

3.3.2 Subjetividade: alienação *versus* integração

Vivemos uma época em que a poderosa indústria do consumo e da mídia toma conta do nosso ser, deixando-nos, às vezes, pensando sobre um novo modo de constituição da subjetividade. Estamos carentes de valores e de referenciais identificatórios, buscando uma integração na sociedade, sem, por isso, cair numa cadeia de alienações. É importante, nesse aspecto, abordar o papel da transferência na relação professor – aluno, considerando ter um papel fundamental no processo educativo.

Nas relações humanas, e também nas relações escolares, a transferência é considerada ponto fundamental, pois o aluno recortará as palavras e o conteúdo transmitido pelo professor a partir de suas “placas estereotípicas”, dentro do que permite o jogo da linguagem. Da mesma forma acontecerá com o professor, que recortará as palavras de seu aluno conforme suas marcas subjetivas e de acordo com as representações que possui sobre o que é um aluno e qual o lugar do professor, estabelecidas no decorrer de suas relações.

Esse aspecto da transferência retrata quanto na relação educativa a subjetividade e a dinâmica inconsciente estão presentes tanto para o aluno quanto para o professor. Um

aspecto que é necessário realçar para que ocorra aprendizagem: a transferência de expectativas e ideais, ou seja, a colocação do professor no lugar de modelo, representando a figura paterna e carregando em si o lugar de “Ideal – do – Eu”. Segundo Laplanche e Pontalis, “o ‘Ideal – do – Eu’ é uma instância da personalidade, uma subestrutura do superego, comportando a sua função de ideal; é resultante da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, com seus substitutos e ideais coletivos. O ideal – do - eu constitui um modelo ao qual o sujeito procura acomodar-se” (1998, p. 222).

Esse aspecto é fortemente retratado no depoimento do entrevistado 10 quando afirma que “desde pequeno vejo o esforço de meu pai para crescer na vida. Pretendo seguir seus ensinamentos, por isso criamos a UPV Brothers (Uns Piá Véio), pois somos jovens com cabeça de velhos”.

Nesse sentido, o desejo do saber pode se apegar à figura do professor (ou da figura paterna), suposto saber, pelo mecanismo da transferência. O processo de atribuir ao professor um lugar especial contribui com a aprendizagem, porque o aluno observa o amor, a dedicação do professor em dar suas aulas e, conseqüentemente, irá também desejar aprender. Isso outorga poder ao professor, e a forma como lidará com tudo isso marcará o tipo de educação: mais voltada para o campo da alienação ou visando à separação e, conseqüentemente, à reflexão. Logicamente, reflexão supõe integração social, ou seja, desejo que o aluno *seja*. Como assinala Marilena Chauí, “é preciso que o professor esvazie o seu lugar, para que ali o aluno possa realmente criar, por trás das máscaras de saber há um lugar vazio” (1999, p. 82). Por isso, a educação tradicional deve estar com os dias contados. O quadro-negro e o giz não podem mais ser as únicas ferramentas de trabalho do professor.

A entrevistada 11 comenta que é concluinte do terceiro ano do curso normal e que, no próximo ano, ao executar o estágio, aproveitará tudo o que aprendeu durante o período em que esteve na escola, somado ao que a família e outras pessoas lhe ensinaram: “Se não der o máximo de mim, vou ter que arcar com as conseqüências”. É importante citar o comentário do entrevistado 12 o qual relata a importância do papel do professor nessa relação de integração *versus* alienação:

Entregar um trabalho pesquisado na internet, sem ao menos lê-lo é de responsabilidade do aluno, mas ainda mais do professor. Eu acho que isso não é ensinar. O professor deveria despertar a curiosidade do aluno. Se ele tiver

motivação e curiosidade, o professor pode até dar pouca explicação que o aluno vai atrás pesquisar. Hoje em dia o professor dá aula sem prazer, tudo ‘mastigado’. Isso é cultura inútil, sem associação. Isso é alienação.

A evolução das novas tecnologias dentro da educação ainda não se fez sentir plenamente no ensino, mas já se pode observar que os jovens, principalmente os de classe média e alta, utilizam muito a internet como forma de comunicação social, instrumento de pesquisa e de trabalho.

Quando questionados, nas entrevistas realizadas, sobre o papel da internet em suas vidas, a resposta foi categórica: utilizam-na constantemente e principalmente na realização de trabalhos solicitados pelos professores, porém, “quase” com unanimidade, não lêem os trabalhos elaborados e as informações são obtidas de forma superficial. Percebemos isso pelos depoimentos dos adolescentes, com o entrevistado 1, o qual comenta que a internet é boa e ruim, dependendo da forma como é utilizada. Assim “se o aluno não ler a pesquisa quem vai perder será ele. O professor já sabe, afirma e o jeito de construir o seu conhecimento é você que escolhe”.

Já para a entrevistada 2 representa um “ótimo meio de comunicação para conversar e fazer novas amizades, mas ela pode levar à ignorância (alienação) se não utilizar determinados sites, de forma adequada”.

“A internet é o meio em que existe o maior número de informações”, salienta a entrevistada 3. “Acho que o professor deveria utilizar esse recurso tão importante, através de um trabalho orientado e bem elaborado”.

A internet simboliza “o espaço para conversar, contar, dizer o que os sentimentos e o porquê de não se interessar pelos estudos. Ela é boa porque favorece a comunicação entre as pessoas. O professor deveria dificultar a pesquisa fácil, incentivar que o aluno procure mais. Ele dá as coisas muito prontas e o jovem adora isso, mas não aprende nada” (ENTREVISTADA 4).

A entrevistada 5 disse não gostar muito de ler, por isso a internet facilita sua vida nas pesquisas. Afirma que a escola falha “no aspecto motivacional e deve repensar sobre isso, pois sem pesquisa não há um verdadeiro conhecimento”. Por sua vez, o entrevistado 6 considera a internet um recurso importante, porém preferiu não opinar a respeito, alegando não saber sobre o assunto.

Segundo a entrevistada 7, a internet é um dos “males do século. Pode ser estranho uma jovem falar isso em pleno século XXI, mas conversando com pessoas antigas, vejo o

quanto eles pesquisavam e nós, apenas damos um clique. Essa facilidade empobrece o conhecimento. A pesquisa está pronta em segundos”.

Para o avanço tecnológico a internet é ótima, salienta o entrevistado 8. “Você tem acesso a qualquer informação, a qualquer momento. Porém ela tem desempenhado também um papel de quem acomoda as pessoas, se não for bem usada. Isso para mim é alienação”.

Os tempos mudaram com a chegada da internet, afirma o entrevistado 9. “Você tem dúvidas que podem ser sanadas com os melhores professores do mundo. Essa integração que ela proporciona é que me atrai a pesquisar e ter o conhecimento sempre ‘quentinho’ na mão.

O melhor companheiro do entrevistado 10 é o computador. Portanto, diz que quem souber utilizá-lo adequadamente terá as melhores chances de ascensão social, já que a sociedade exige especialização constante e um bom relacionamento no emprego. Por sua vez, para a entrevistada 11, a internet representa a satisfação de sua curiosidade, mas reconhece que apresenta o lado bom e o ruim. O lado bom é que “favorece o conhecimento através da convivência, onde a pessoa, mesmo sendo tímida, se comunica falando ou escrevendo aquilo que, pessoalmente, não tem coragem. O lado ruim é de que vou para o computador pesquisar questões do vestibular e acabo desviando o objetivo, escutando música e não estudando nada”.

No depoimento do entrevistado 12 observamos a concepção da internet como sendo um meio de comunicação para a satisfação de seus interesses, mas, ao mesmo tempo, ele acredita que, “se não for bem explorado pelo professor, torna-se mais um elemento de alienação, como a televisão, o rádio e outros instrumentos de cultura inútil”.

Segundo Gadotti, “os sistemas educacionais não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Trabalhamos muito, ainda, com recursos tradicionais que tem pouco apelo para as crianças e jovens” (2006, p. 2-3).

Na tentativa de responder à multiplicidade de questões e desafios que se impõem na modernidade, é necessário uma concepção ampla de educação, que venha privilegiar todas as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do educando. Uma educação – conforme o Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, organizado por Delors (1999), intitulado “Educação: um tesouro a descobrir” – capaz de superar as principais tensões existentes no século XX é a principal problemática do novo século. Entre essas tensões Souza (2006) destaca do relatório: a tensão entre o local e o global, entre o universal e o singular, entre a tradição e a modernidade, entre a

competitividade e igualdade, entre soluções de curto e em longo prazo, entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação pelo homem e entre a tensão que envolve o espiritual e o material.

Na tentativa de minimizar os efeitos de tais oposições, o organizador do relatório entende que a educação deve proporcionar aos educandos condições para que formem sua cidadania, sejam capazes de preservar suas raízes culturais apesar do progresso “alienante” que se produz mundialmente; possibilitar sua adaptação a este mundo moderno, encarando os desafios das novas tecnologias sem se negar a si mesmo buscando sua autonomia sem negar o outro, enfim, priorizando sempre a busca de um viver melhor.

Nessa direção, destaca quatro alicerces básicos fundamentais e essenciais para a construção de um novo paradigma na busca de valorizar a vida e as pessoas, uma nova concepção de educação ampliada, que possibilite o desvelar do tesouro escondido em cada um de nós, ultrapassando a visão puramente instrumental de educação: “aprender a conhecer”, que significa propiciar aos jovens o domínio dos instrumentos do conhecimento; “aprender a fazer”, que possibilita ao aluno estar habilitado a enfrentar situações diversas; “aprender a viver juntos”, que desenvolve a compreensão do outro e a percepção das interdependências; “aprender a ser”, para que desenvolva melhor sua personalidade, adquirindo, assim, maior autonomia, discernimento e responsabilidade (DELORS, 1999).

Entendemos que o sujeito se constitui a partir do campo de possibilidades em que está imerso, sendo produto e produtor da sociedade. Suas identidades e desejos não são de ordem puramente individual ou genética, mas construções coletivas que vão sendo significadas singularmente, a partir do que está disponível nas instituições de nosso tempo, como, por exemplo, nos discursos da família, da religião, da escola, da mídia, entre outros. Com isso, queremos dizer que não existe uma essência humana universal, mas uma forma humana construída pela complexidade das relações sócio-históricas.

Nessa perspectiva, o ser humano está em constante processo de formação, constituindo-se como uma potência de vida que pode ser mais ou menos crítica diante do que lhe é oferecido na produção de subjetividade do seu tempo. Nesse sentido, a tarefa no ensino formal, principalmente no ensino médio, quando os jovens estão em processo de formação de identidade e surgem constantes questionamentos sobre tudo e todos, é de compreender a formação do sujeito. Produzimos subjetividade com práticas discursivas e não discursivas nos espaços acadêmicos. E aí está a importância de pensar se estamos

contribuindo para sujeitos mais pensantes e críticos ou apenas como sujeitos reprodutores do recebido.

A capacidade humana de criticar não é inata, mas um processo de ensino-aprendizagem que pode vir a se desenvolver. Os estabelecimentos educacionais parecem ter papel preponderante nessa tarefa porque está ao seu encargo apresentar às crianças e aos adolescentes a complexidade do mundo e os avanços científicos. Portanto, é importante que retomemos que tipo de jovem queremos formar em nossa sociedade, pois não há neutralidade possível nas relações humanas, tampouco no meio escolar. A vida torna-se um campo de lutas, no qual o sujeito está imerso em relações de saber-poder. É o que assistimos atualmente nos bancos escolares.

Assim, bem diz Duarte Júnior que “o meio é a mensagem” (2006, p.186), ou seja, o pleno sentido da vida implica tentar capturá-la e, assim, compreendê-la de todas as maneiras possíveis. Não há por que privilegiar uma ou outra maneira de contato com a realidade, mas há de se optar por aquela(s) que deixe(m) o nosso adolescente feliz, sem que ele tenha de buscar em outras instâncias a realização e a concretização de seus sonhos.

3.3.3 A busca da restauração de uma sociabilidade perdida

Os desenvolvimentos tecnológicos e econômicos do nosso tempo invadem todas as identidades e solidariedades dos grupos tradicionais que se desenvolveram nas outras eras, mas parecem resultar numa perda do sentimento cósmico de globalidade. A relação do ser humano com a natureza é meramente instrumental, visto que ele se preocupa apenas em encontrar o meio mais eficiente para atingir um determinado fim. Sem dúvida, somos seres dotados de uma grande capacidade intelectual, e a multiplicidade de valores se relativiza uns com os outros, se completa, se combate e passam a ter papel extremamente importante no cotidiano dos sujeitos.

Enquanto, na modernidade, predominava uma razão abstrata, concreta, na pós-modernidade prevalece uma conjunção da razão abstrata com a razão sensível; as emoções e sentimentos vão ser partilhados em coletividade. Começa aí, portanto:

nesse “corpo-a-corpo” primeiro mantido com o mundo que nos rodeia, a aventura do saber e do conhecer humanos. Sem dúvida há um saber sensível, inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que esses sejam; um saber direto, corporal, anterior às representações

simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão.
(DUARTE Júnior. 2006, p. 12)

E é com base nesse pensamento que devemos voltar às bases que estruturam o processo formal de ensino se queremos realmente entender como funciona o processo de aprendizagem, não simplesmente executá-lo de forma mecanicista e privado de valores. É fácil entender essa essência quando refletimos e percebemos, através da sensibilidade e da percepção das qualidades do real que nos cerca: odores, cores, sabores, sons. Dessa forma, é necessário dar mais atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que Maffesoli (2005) denominou de “educação estética”, ou seja, um meio de experimentar, de sentir em comum, além de ser uma estratégia de reconhecimento.

A pessoa, ao se inserir num grupo, busca traços de identificação. E neste sentido de perda de referência com as coisas do mundo e à medida que a socialidade contemporânea se configura a partir de outros valores (imagem, aparência, o sensível), a pessoa busca integrar-se a outras com os quais realmente tenha identificação. Assim, juntos, podem viver o momento, compartilhando um imaginário coletivo, motivando o surgimento do cultural na vida social num verdadeiro prazer pelo mundo.

Maffesoli (2006) destaca que as relações sociais não são mais orientadas segundo uma lógica futurista de economia-política, um pensamento racionalista. Ao contrário, as relações sociais passam a ser estruturadas nas ações vividas no dia-a-dia, cada vez mais voltadas para o que é da ordem da proximidade. O laço social torna-se emocional.

O surgimento de comunidades ou tribos está associado, de certa forma, a um modelo que foi progressivamente reprimido pelo individualismo, que sufoca a visão de comunidade. Essas idéias são compartilhadas com as respostas dos adolescentes à entrevista realizada na escola em estudo. Quando questionados a respeito da melhor forma de conhecer, eles foram unânimes em citar que a empatia com o professor, o clima da sala de aula e o “humanismo” em que ocorria o processo ensino-aprendizagem eram essenciais para que ocorresse interesse em se inteirar no assunto. Portanto, o canal de comunicação também é um aspecto essencial – para não dizer o principal canal –, para que o ser humano interaja de forma harmoniosa, já que sem diálogo não existe relacionamento entre as pessoas.

O problema é que toda a tecnologia de comunicação desenvolvida ao longo dos séculos parece ter afastado os sujeitos uns dos outros. A tecnologia não é boa nem má; bom ou ruim é o que as pessoas fazem com ela. As distâncias foram encurtadas (ou o

tempo que nossas mensagens levam para percorrê-las). O mundo é menor e sabemos que seus recursos são limitados. Temos noção de que dependemos dos humores de nosso planeta para viver e apenas (sobre) vivemos nele. Graças à comunicação podemos ter essa visão e começar um processo de educação que mostre que os canais da tecnologia podem ser bem utilizados. Isso podemos constatar no depoimento da entrevistada 2, a qual afirma que “o principal meio de comunicação para mim e para meus colegas é a internet. Nela está o melhor meio de conhecer. É jacu (mais inteligente) aquele que domina e conhece os macetes e manhas do computador”.

O projeto de ordenar as sociedades com base na racionalidade, a tirania das estruturas econômicas sobre a vida humana esgotaram-se em seu tempo, diz, Maffesoli (1995). Um novo estilo deve ser a nossa bandeira, principalmente para os professores que trabalham com adolescentes, pois o retorno das tribos resgata o comunitário, a partilha dos sentimentos e a participação nas emoções comuns. Podemos observar, com maior ênfase nas grandes cidades, que esse pensamento está sendo consolidado. São signos em constante ebulição, constituídos por “espaços de celebração” onde se desenvolvem diversos cultos com forte coeficiente estético-ético. As celebrações podem girar em torno do corpo, da imagem, da amizade, do esporte, mas o importante é que o sentimento de pertença local se afirme diante dos signos globais.

Com isso destacamos a importância de o educador dar atenção ao sensível, que nada mais é do que entender as coisas que estão ao redor. A escola e a família devem abandonar a denominação “programada”, na qual vendedores e produtores parecem nos ensinar como nos vestir, o que comer, em que acreditar. Às vezes, temos a sensação de que somos “ensinados” pelos meios de comunicação aliados às grandes corporações industriais.

Desse modo, o que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão; a vida cotidiana, com todos seus saberes e que se movimenta por entre seus problemas e otimismo do dia-a-dia. A sensibilidade que fundamenta nossa vida consiste num complexo de percepções que jamais devem ser desprezadas em nome de um conhecimento inteligível, supostamente “verdadeiro”. Para citar novamente Maffesoli:

[...] é isto justamente que nos preocupa: saber reconhecer, indo além de todas as suas vicissitudes, a riqueza e a fecundidade da vida de todos os dias. Para tanto, é preciso aceitar pôr abaixo múltiplas barreiras, erguidas friamente por uma atitude dita “científica”, sempre mais ociosa em gerir algo adquirido do que em empenhar-se resolutamente no desbravar de caminhos pouco ou nada assinalados. (1988, p. 153)

Na reflexão que fazemos a respeito da sociabilidade, o modo moderno de construir o conhecimento conduziu-nos a uma espécie de doença mental coletiva, caracterizada pela visão parcial que temos do mundo e da vida. Se existe crise, esta deve ser debitada àquele modelo de conhecimento que, originário das esferas científicas (não queremos aqui negar o cumprimento de seu papel), espalhou-se por todos os pontos de nossa vida diária, respaldando a economia, a produção industrial e, mesmo, a educação e a maior parte de nossos atos cotidianos. Tal conhecimento negou, desde seus primórdios, o acesso ao “sensível do ser humano”, desumanizando o planeta e as relações sociais ao generalizar-se de modo indiscriminado.

Para a entrevistada 2, a tribo dos góticos à qual pertence é “muito massa. Você se sente familiarizado, se sente bem com as pessoas que são parecidas com seu estilo. Nesse grupo você vai ter conhecimento, ter uma transmissão, vai ter um compartilhamento. Se não deixa os outros interagirem contigo, o conhecimento vai ficar só ali, não terá como passar adiante”.

Portanto, é preciso insistir especialmente num trabalho educacional, cujos bons resultados apenas são conseguidos com um dedicar-se com afinco às tarefas que nos cabem, na busca de constituir uma verdadeira revalorização da sensibilidade humana. Assim, a reflexão a que podemos chegar é “que boa parte da perda de nossa sensibilidade, boa parte dessa anestesia contemporânea precisa ser debitada ao consumo desenfreado de simulacros, os quais nos afastam do contato corporal mais direto com as realidades do mundo” (DUARTE JÚNIOR, 2006, p. 116).

Nesse sentido, instaura-se um novo processo de construção de identidade dos grupos sociais. Uma das características, segundo Maffesoli (2006), é a efemeridade, visto que grupos, ao mesmo tempo, são formados e desfeitos e organizam-se conforme as ocasiões que se apresentam.

Outra característica seria a ausência de um projeto comum. O projeto, o futuro, o ideal já não servem de cimento para a sociedade; assim o ritual, confirmando o sentimento de pertencimento, pode representar esse papel e, permitir que os grupos existam. A mola propulsora desses grupos parece ser, pelo menos aparentemente, o desejo de compartilhar interesses múltiplos de acordo com o momento. “Considero positivo o modo como as tribos se organizam”, diz o entrevistado 9, “pois diferenciam as pessoas, não por discriminação mas por ideais do grupo e por personalidade. Quero dizer que você escolhe a

tribo conforme sua personalidade, gosto, ideal. Você vai procurar pessoas que tenham o seu jeito de ver a vida. Para mim isso é gratificante”.

Essas características da sociabilidade contemporânea vêm configurar um novo tribalismo, caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. Para Bauman, “os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais”. (1998, p. 87).

Segundo o entrevistado 9, “o papel do professor dentro da sala de aula é essencial. Ele tem que saber lidar com o aluno. Aulas chatas, só repetição onde o professor fala, fala e o aluno escuta, chega a dar sono. Só para quem tem paciência e respeito para agüentar. O professor tem que interagir com o aluno”.

O mal-estar da humanidade está em buscar o prazer da vida somente na superação do conhecimento inteligível sobre o saber sensível. Quando ambos conseguirem trilhar, paralelamente, os caminhos, será possível oferecer aos jovens não mais uma “moratória”, mas uma etapa plena de felicidade e realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre o argumento inicial desta pesquisa, a significação do conhecimento para os jovens pertencentes a tribos urbanas, não poderíamos deixar de demonstrar envolvimento, ainda maior, com os atores desse processo, assim como não podemos desconsiderar nossas vivências profissionais, que envolvem preocupações para que possamos construir um ensino prazeroso, digno e significativo para os adolescentes.

No contexto atual torna-se imprescindível falar sobre conhecimento e jovens, com o objetivo de pensarmos e refletirmos sobre a importância da educação e de que maneira nós (e eles) podemos contribuir para as mudanças significativas que desejamos alcançar na sociedade.

A necessidade de participar de grupos, característica da adolescência, juntamente com esta urgência do tempo, impulsiona o comportamento das tribos. A gama de mudanças ocorridas pode ser identificada nas questões sexuais, na busca da profissão e da auto-afirmação, na capacidade de relacionamento, nas discussões efervescentes e contraditórias, no fluxo das paixões, indignações, nos sonhos e devaneios, nos símbolos e gestos, nas palavras e roupas, na necessidade de ser diferente e ao mesmo tempo igual, enfim, um conjunto de elementos que caracterizam essa fase, para muitos adultos temerosa, de responsabilidades e organização.

Aqui reside uma das maiores responsabilidades das políticas educacionais voltadas para o trabalho com os jovens. Parece ser um problema não só centrado no pequeno núcleo na qual foi desenvolvida a pesquisa, mas abrange o pensamento daqueles que pensam num futuro promissor. Nas entrevistas realizadas foi possível constatar que a escola e o currículo, enquanto política educacional, constituíram-se ao longo dos anos em nosso país como um instrumento de alienação das pessoas, deixando à margem do processo um ensino de qualidade.

Na medida em que os jovens representam e interferem na cultura na qual estão sendo desenvolvidas e apreendidas suas afirmações e identidades, encontramos inúmeros enfoques que interferem nas respostas e expectativas por eles elaboradas. São fatores que caracterizam os comportamentos evidenciados no cotidiano escolar. Fatos, atitudes, como uma predisposição enorme ao que gostam de fazer, uma vontade implícita em ser solidário, uma alegria contagiante, uma euforia ilimitada, uma radicalização nas suas afirmações,

contrastam com momentos de depressão, de dificuldades em fazerem opções, de se organizarem, de se programarem no seu cotidiano.

Ao propormos a discussão do adolescente pertencente a tribos urbanas enquanto uma categoria social, pretendemos que eles fossem entendidos da forma mais natural possível, considerando sua cultura, sua história, seus grupos, suas normas, relações com os outros grupos, suas manifestações, além de, enquanto pessoas, viverem e experienciarem as características específicas no universo dessa fase. Não foi nosso desejo analisá-los apenas como transeuntes de uma etapa diferente, mas como uma categoria social que tem singularidade e especificidade e que acreditamos ser muito rica em seus objetivos e intenções.

De um jeito individual e humano, deseducado dos sentidos, fomos caminhando para a compreensão de um sujeito disposto a dar significações ao longo da vida. Somos, na verdade, um emaranhado de processos altamente organizados e interdependentes que manifestam maneiras próprias de sabedoria e conhecimento em todos os níveis, particularidades que alguns querem nos fazer esquecer.

Na verdade, a sociedade da informação (alguns a usam como alternativa à sociedade do conhecimento), assumiu a função de “embaixadora da boa vontade”, da globalização, cujos benefícios poderiam estar ao alcance de todos, se pelo menos fosse possível diminuir o abismo digital.

Acontece que nem todos têm acesso aos mesmos caminhos e oportunidades que essa tecnologia proporciona. Muitas pessoas são excluídas da chance de pensar, interpretar e perceber o mundo que as circunda.

A complexidade do conhecimento é muito maior que receber informação. Conhecer atinge a dimensão de transformação social, cultural, econômica, política, institucional. É entender o dinamismo das mudanças que estão ocorrendo. É a construção de nossa subjetividade, a qual envolve conhecimento em si, como a emoção, o simbólico e a representação que o sujeito faz da própria realidade, assim como do que está disponibilizado pela sociedade e é apreendido e interpretado por ele. O Eu desse sujeito relaciona-se com o mundo, tenta compreendê-lo e compreender a si mesmo.

A tribo pode representar para o jovem a possibilidade de convívio nos grandes centros. A pertinência à tribo pode tirá-lo do anonimato em que vive e ganhar visibilidade social. Nesse sentido, leva-se em conta o fato de que o sujeito contemporâneo é movido pela condição de desamparo, e a adequação em uma tribo é também a garantia da sobrevivência do ego e uma maneira de lidar com o próprio desamparo. Pelo que

percebemos, extremamente significativa é a consideração do social, este visto como suporte, como um dado capaz de acolher e, ao mesmo tempo, de provocar mudanças em diversas dimensões.

Assim, sugerimos ao educador uma mudança do papel de informante, que mantém relações estritamente cognitivas com os conteúdos das disciplinas, para o de construtor de conhecimentos e estimulador da produção dos próprios alunos. Sua história é de um constante avaliar e reformular, de inferência intencional nas circunstâncias socioculturais e condições pessoais. Não basta ter domínio atualizado e amplo; faz-se necessário o conhecimento do que é ensinar, tornando a educação um permanente ato de problematização do cotidiano, buscando seu sentido ético-cultural.

É evidente o fato de que não há saber humano sem a participação ativa, consciente, dos nossos processos sensíveis. Dessa forma, a importância dos mitos, dos ídolos, dos seres criados pela imaginação humana, na medida em que, ao se dirigirem para nossa sensibilidade, podem nos propiciar melhores condições para sentir, interpretar e compreender este mundo no qual existimos, é indiscutível.

Prova disso é a “verdadeira surpresa” que as tribos urbanas estão ocasionando, principalmente no cotidiano escolar. Ser membro de uma tribo pode levar alguém a sacrificar-se pelo outro, mas possibilita-lhe, ao mesmo tempo, abertura de espírito, impregnando cada vez mais afeto nos modos de vida social. O que se busca nas tribos é certa estabilidade num universo simbólico, que anteriormente era garantida pela vigência de uma moral, mas que entrou em crise pela perda de expectativas em relação às instituições tradicionais, como a escola, às autoridades tradicionais e ao mercado de trabalho.

Considerando o percurso que realizamos até aqui, remetemo-nos às questões essenciais que fizeram desta pesquisa uma reflexão: Que tipo de adolescente desejamos inserir em nossa sociedade para que através do conhecimento possa ascender socialmente?

Se desejarmos uma sociedade diferente, teremos de mudar as pessoas, pois são elas que determinam o tipo de sociedade que queremos. Assim, acreditamos numa educação que tenha como uma das perspectivas para o futuro a compreensão deste ser humano, multifacetado por toda a complexidade humana, cujos destinos individual, social, histórico estão entrelaçados e são totalmente inseparáveis. Não advogamos a substituição do papel da escola, no sentido de assumir a difusão da cultura popular em detrimento da cultura formal. Posicionamo-nos, sim, em favor da conciliação desses dois pólos essenciais à emancipação do ser humano como um ser histórico, que busca, a partir de suas raízes, transformar o mundo e, ao mesmo tempo, preservar sua identidade.

Finalmente, embora o propósito da pesquisa tenha seus limites, é possível acreditar que, nos tempos de hoje, em que os adolescentes se “alimentam” dos mais variados tipos de imagens, precisamos nos empenhar em estudar cada vez mais a forma como elas são produzidas. A reflexão, no estudo, mostra-nos que a construção da subjetividade dos jovens vem pela prática, pela experiência que têm, e pelos valores que assumem. O papel da educação (seja na família, seja na escola) é imprescindível na formação do sujeito. É necessário dar vez e voz aos adolescentes; entendê-los na singularidade da diversidade; ajudá-los a se formarem, não apenas informar-lhes. Não estamos falando em sonhos ou utopia, pelo contrário. No mundo atual, em que as novas tecnologias trouxeram novas imagens, produzem novas formas de conhecimento, acreditamos que seja possível compreender e interferir de forma mais crítica e harmônica.

Existem muito desafios para a educação. As tribos, dentro de uma instituição confessional de uma cidade pequena como Vacaria, ainda são vistas por muitos como forma de rebeldia e contrariedade às normas vigentes. Para os adolescentes, entretanto, são apenas uma forma de comunicação, de chamar a atenção, de sair do anonimato e declarar ao educador que não direcione seu trabalho exclusivamente para o cognitivo.

Aqui cabe citar Maffesoli, autor inspirador de muitas reflexões nesta pesquisa: “Existe, efetivamente, um ‘conhecimento’ empírico cotidiano que não pode ser dispensado. Estes ‘saber-fazer’, ‘saber-dizer’ e ‘saber-viver’, todos de tão diversas e múltiplas implicações, constituem um dado cuja riqueza a fenomenologia tem, com inteira justiça, posto em destaque” (1988, p. 195).

Sugerimos que seja repensado o tipo de conhecimento que se edificou *na e com* a modernidade. Não estamos procurando algozes; ao contrário, tentamos encontrar o melhor caminho para que de fato se produza conhecimento, se busque o prazer de conhecer, sem interrogações e que se viva em paz nas salas de aula. É tempo, ainda, de retificar esse percurso. Os jovens possuem uma energia contagiante, uma alegria que parece não ter fim. Basta entendermos e canalizar tudo isso dentro de uma ordem lógica.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ALENCAR, M. V. C. Góticos são uma tribo obscura. Disponível em: <www.spectrumgothic.com.br> Acesso em 3 jan. 2007.
- ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. *Henri Wallon*. Psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANTUNES, T. Punks no jardim-de-infância. Disponível em: <www.revistaepoca.globo.com> Acesso em 15 ago. 2007.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BALANDIER, G. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOCK, A. M; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. M. *Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- BRUNER, J. *La educación*. Puerta de la cultura. Madrid. Visor, 1997.
- CALLIGARIS, C. Crise mostra descompasso entre mídia e público. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 1998. [Caderno Mais]
- CARDOZA, I. F. A sociedade pós-moderna e os fenômenos das tribos urbanas. *Lato&Sensu*, Belém, v. 4, n. 1, out. 2003.
- CARRARA, K. (Org.). *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CARVALHO, A. S. *Metodologia da entrevista*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.
- CLÍMACO, A. A. S. *Repensando as concepções de adolescência*. Tese (Doutoramento em Educação), PUC, São Paulo, 1991.

CORTELLA, M. S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 1999.

COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

COUTINHO, L. G. Da metáfora paterna à metonímia das tribos: o estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. Artigo disponível online em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.HTM>>. Acesso em 31 jan. 2007.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. *Psicologia da educação*. Um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação. Belo Horizonte: Lê, 1992.

DEBESSE, M. *La crisis de originalidade juvenil*. Paris: Alcan, 1936.

_____. *La función cuestionada*. Barcelona: Oikos – Tau, 1980.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DUARTE JUNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos*. A educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2006.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ELIAS, N. *A sociedade e os indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. *O processo civilizador II*. Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

ELKIND, D. *Crianças e adolescentes*. Ensaios interpretativos sobre Jean Piaget. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

ESCOBAR, C. H. *Marxismo hoje: críticas e perspectivas históricas*. Anotações da aula inaugural do curso de Direito Social do programa Cidadania e Direitos Humanos da UERJ, 2000.

FARIA, A. R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget*. São Paulo: Ática, 1989.

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, A. P. H. *MiniAurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAUD, J. B.; PIVETEAU, D. *Une société en quête de sens*. Paris: Editions Odile Jacob, 1995.

FREHSE, F. As realidades que as “tribos urbanas” criam. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso: 17 jun. 2007.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001c.

_____. *Pedagogia da esperança*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

GADOTTI, M. Informação, conhecimento e sociedade em rede. Que potencialidades? In: FÓRUM PAULO FREIRE – IV ENCONTRO INTERNACIONAL: CAMINHANDO PARA UMA CIDADANIA MULTICULTURAL. 19-22 set. 2004, Porto. *Anais...* Porto: Universidade do Porto, 2004. p. 1-10.

_____. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. *Desafios para a era do conhecimento*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>> Acesso em: 10 ago. 2006.

GALEFFI, D. A. Educação estética com atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. *Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 77, jun. 2007. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

GARDNER, H. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GUTIERRA, B. C. C. *Adolescência, psicanálise e educação*. O mestre “possível” de adolescente. São Paulo: Avercamp, 2003.

HELLER, A.; FEHER, F. *Políticas de la posmodernidad*. Ensayos de crítica cultural. Barcelona: Península, 1998.

HONORATO, T. *A tribo skatista e a instituição escolar: o poder escolar em uma perspectiva sociológica*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, 2005.

INHELDER, B; PIAGET, J. *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. São Paulo: Pioneira, 1976.

JACINTO, C; MARIA, A. *La evaluación de programas de capacitación de jóvenes desempleados: una ilustración en los países del cono sur*. Paris: Unesco, 1998.

KANT, E. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LEHMAN, Y. P. *Não sei que profissão escolher*. São Paulo: Moderna, 1999.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

LEAL, P. Reflexões sobre o gotismo moderno. Disponível em: <www.bibliotheque.cenacle.free.fr> Acesso em 31 jan. 2007.

LYOTARD, J. F. *O pós-moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MACHENZIE, L. O que é ser nerd? Disponível em: <www.forun.cifraclub.terra.com.br> Acesso em: 5 abr. 2007.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Elogio da razão sensível*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MAGNANI, J. G. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnani.html>> Acesso em: 11 jul. 2007. *Cadernos de campo*. Revista dos Alunos de Pós-Graduação de Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, n. 2, 1992.

MALLMANN, M. B. A; CAIERON, M. S. S; VERZA, R. *Raízes de Vacaria I*. Porto Alegre: Est, 1996.

MATURANA, H. R; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2.ed. São Paulo: Cortez, Brasília, Distrito Federal: Unesco, 2000.

_____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.

MOSQUERA, J. J. M; STOBÄUS, C. D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. *Educação*, Porto Alegre, ano XXIX, n. 1, v. 58, p. 123-133, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, M. C. S. L; CAMILO, A. A; ASSUNÇÃO, C. V. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação das diferenças. In: SIMPÓSIO O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE: ARTICULANDO A IDENTIDADE NA DIVERSIDADE, NOS CONTEXTOS E COM OUTROS/XXXII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. 23-26 out. 2002. *Temas em Psicologia da SBP*, Florianópolis, n. 61-65, v. 11, 2003.

OLIVEIRA, P. S. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 1997.

ORMEZZANO, G.; TORRES, M. C. A. *Máscaras e melodias: duas divisões em arte e educação*. 2.ed. São Miguel do Oeste: Arco-íris, 2003.

_____. Debate sobre abordagens e perspectivas da educação estética. *Em Aberto*, Brasília. v. 21, n. 77, jun. 2007 – INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

PEREIRA, E. D; PINTO, J. P. Adolescência: como se faz? Apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. *Fazendo gênero*. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, ano VII, n. 17, jul/out. 2003.

PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

REIS, H. R. Programa de pós-graduação em sociologia e política. Texto apresentado aos alunos de Mestrado e Doutorado na disciplina Condição Humana da Sociologia Contemporânea, 2002. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br>> Acesso em: 16 jul. 2007.

RODRIGUES, Z. A. L. *Ética, educação e cidadania*. Florianópolis: Editoração Eletrônica Elbert Indústria Gráfica, 2002.

RENA, L. C. C. B. Projeto adolescente cidadão: as oficinas como estratégias de intervenção com grupos de adolescentes. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL VI - abr. 2003, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade Ruy Barbosa, 2003. p. 1-15.

ROUSSEAU, J. J. *O contrato social*: tradução de Lurdes Santos Machado. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C. R. *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 21.ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

SAWAIA, B.B. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. Tese (Doutoramento em Psicologia Social), PUC, São Paulo, 1987.

SOUZA, E. R. *Do corpo produtivo ao corpo brincante: o jogo e suas inserções no desenvolvimento da criança*. Tese (Doutorado em Educação). Disponível em: <teses.epsc.br> Acesso em: 13 jul. 2007.

TRIBOS URBANAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Tribos_Urbanas>. Acesso em: 31 jan. 2007.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VITIELO, N.; CAVALCANTI, R. C. *Adolescência hoje: comissão nacional de estudos sobre a adolescência*. São Paulo: Ceich, [s.d.].

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar (1933). In: VYGOTSKI, L.S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. 5. ed. São Paulo: Ícone; Edusp, 1994. p. 103-117.

_____. História del desarrollo de las funciones Psíquicas Superiores (1931). In: *Obras escogidas*. Madrid: Visor/MEC, 1995. Tomo III, p. 11-340.

WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. *Psicologia e educação*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo. Cultrix, 1968.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

Dados de identificação:

Nome:

Pseudônimo:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Tribo:

Pergunta-chave:

O que significa, para você, conhecimento?

Avaliação da entrevista:

Por parte dos participantes e da entrevistadora.

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: Estudo de Tribos Urbanas de Adolescentes e suas significações sobre a cognição humana.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS: O motivo que nos move a estudar o problema é a busca de caminhos que levem à reflexão acerca da significação do conhecimento para os jovens adolescentes pertencentes a tribos urbanas e suas conseqüências em relação à comunidade.

Consideramos de relevante importância pesquisar tribos urbanas de uma escola particular, onde o nível socioeconômico é médio-alto porque, diariamente, ouvimos colegas professores reconhecerem a brusca mudança e comportamento e desinteresse da maioria dos jovens, em relação ao conhecimento principalmente formal, já que este é visto como uma das formas de ascensão social. Utilizamos a expressão brusca porque observamos que o dinamismo da vida contemporânea e a intensificação dos fluxos humanos parecem ter agregado maior importância aos grupos de pares de adolescentes, representantes de uma fonte de socialização menos repressiva que a família e a escola, instituições que cobram uma intensa identificação, compreensão, aceitação das regras vigentes e que, agora, vêm esvaírem-se em tribos urbanas constituídas “por uma socialidade frouxa, pela lógica hedonista e o não-compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui-agora” (COUTINHO, 2001, s.p). Assim, o objetivo geral do projeto é investigar o significado do conhecimento para as tribos urbanas de adolescentes que estudam numa escola particular de Vacaria/RS. Os procedimentos de coleta de informações serão da seguinte forma: a) o instrumento de pesquisa será a entrevista fenomenológica; b) a população alvo será de jovens adolescentes alunos do Colégio São José, pertencentes às diferentes tribos; c) a faixa etária dos adolescentes é de 14 a 18 anos; d) o número de alunos convidados é 12, de ambos os sexos, representantes das tribos; e) o jovem adolescente pertencente à tribo urbana responderá a uma questão-chave: O que significa conhecimento para você? f) o consentimento dos pais se dará através do envio de um comunicado explicando os motivos e objetivos da entrevista, assim como sua forma de utilização e preservação do anonimato do filho; g) as entrevistas serão realizadas em uma sala reservada, no espaço escolar, onde permanecerão apenas participante e pesquisadora; h) os depoimentos serão gravados e posteriormente reproduzidos na íntegra no corpo da dissertação que é motivo final do projeto de pesquisa, para obtenção do título de mestre em educação. Cabe a ressalva de que, na reprodução, serão criados nomes fictícios para preservação do anonimato dos entrevistados; i) os

sujeitos da pesquisa serão chamados apenas uma vez para entrevista, salvo em caso de falhas no equipamento ou dúvidas quanto às respostas; j) o tempo de duração será estabelecido pelo sujeito da pesquisa, isto é, conforme seu depoimento, facilidade de expressão, seu estilo comunicativo e engajamento no processo; l) as entrevistas serão realizadas em turno contrário ao horário de aula.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: A proposta não possui desconfortos e riscos para você e terá benefícios sociais e pedagógicos, uma vez que o material coletado e também outras informações de cunho teórico permitirão compreender o que o adolescente pensa sobre conhecimento e o porquê do aparente desinteresse em relação à esse assunto, já que a cada geração exige-se um grau maior de instrução para ingresso no mundo do trabalho.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. Uma cópia desse consentimento informado ficará de posse da pesquisadora, para fins de comprovação e posteriormente inutilizadas, e outra será fornecida a você. A participação no projeto de pesquisa não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO (A) PARTICIPANTE: Eu _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Marlei Pissaia Novello certificou-me que todos os dados desta pesquisa são confidenciais. Também sei que não terei gastos adicionais. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas, com total ciência de meus pais ou responsáveis.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
------	---------------------------	------

Nome	Assinatura do Responsável	Data
------	---------------------------	------

APÊNDICE C – Síntese do todo das entrevistas fenomenológicas

Entrevistada 1 – Tribo: Patricinha

A entrevistada define conhecimento como cultura. Considera que o conhecimento não se adquire somente nos livros e que é possível conhecer no convívio com os outros, nas pequenas coisas da vida, sobre diversos temas. Acrescenta que cultura implica ter hábitos e costumes de acordo com a sociedade e a região em que está inserida.

Observa que alguns jovens não têm vontade de aprender e que somente cursarão o ensino superior por desejo dos pais.

Afirma que os jovens de classe baixa desejam conquistar um espaço para ascender socialmente, por meio dos estudos. Já os jovens de classe alta não pensam assim. Só estudam porque todos o fazem, mas não para progredir. Acrescenta que não nega a vontade que os jovens têm de conhecer, só que os assuntos não relacionados com o ensino formal. Disse que pensa muito no futuro, desejando estudar agronomia, fazer um bom estágio e conquistar sua independência econômica.

Em relação ao seu grupo de amigos, poucos pensam no amanhã, pois consideram o futuro incerto. Preferem pensar no presente. Não concorda com essa postura já que a condição econômica deles é favorável, apesar de refletir sobre a forma “parasita” em que irão viver. Não espera isso para sua vida, desejando crescer como pessoa, ser honesta, ser reconhecida, ter opinião e vida própria.

A entrevistada considera que, sem conhecimento, não há ascensão social e as pessoas que não possuem essa visão serão frustradas e cheias de medos. Fundamenta isso na visão de que a sociedade cobra constante atualização.

Considera as tribos uma forma positiva de organização. Apesar de criticarem as patricinhas, acredita que cada um nasce livre para expressar suas idéias e gostos, sem depender de ninguém. O momento é para chamar a atenção.

Apesar de não gostar de ler, diz que o essencial para conhecer o mundo é a leitura. Mas a escola não satisfaz a curiosidade com sua metodologia. Diz que, se o professor não motivá-la para estudar, não demonstra o menor interesse e acredita que a escola falha nesse requisito e deve repensar este aspecto.

Entrevistada 2 – Tribo: EMO

A entrevistada define conhecimento como saber algo sobre um determinado assunto ou cultura. Para ela, conhecer algo, saber expressar-se, conhecer os costumes das pessoas, ler e estudar muito são pontos essenciais do ser humano. Diz que a escola contribui para que o jovem adquira conhecimento, oferecendo vários caminhos, bastando a ele escolher o ideal.

A entrevistada afirma que os assuntos discutidos nas rodas de amigos são festas, shopping, internet e poucos são os momentos em que falam de conhecimento. Enfatiza que poucos se preocupam com o futuro. Só irão pensar, quando ele chegar. Acrescenta que as tribos urbanas, em sua opinião, surgiram como forma de revolucionar e renovar a sociedade, cada qual com sua filosofia.

Acredita ser importante essa postura para que se desfaça a discriminação existente na sociedade. Os integrantes das tribos, segundo ela, têm preocupações diversas. A exemplo disso, os EMOS preocupam-se com sentimentos, a mensagem das músicas e a adrenalina que tudo isso produz. Comenta que, ouvindo a letra da música, encontra-se consigo mesma.

Diz que não gosta quando os pais chamam sua atenção para deixar de lado tudo isso e ir estudar. Acredita que o conhecimento não é “estritamente essencial” para o ser humano.

A entrevistada reconhece que a escola contribui para a formação do conhecimento, mas apenas apontando a direção. Os caminhos são os jovens que devem escolher, afirmando que o desinteresse dos alunos está neles mesmos e também no professor que não os motiva suficiente. Sugere que os adolescentes possam conversar, contar, opinar, expressar seus sentimentos. Espaços para o aluno interagir mais.

A aluna comenta que a internet tem aspectos muito bons, como a comunicação entre as pessoas. Por outro lado, possui *sites* negativos, que proporcionam distração e servem como veículo de comunicação. Discorda quando os professores dizem que o aluno entrega os trabalhos sem lê-los. Justifica a idéia dizendo que, para procurar o assunto, tem que ler e, conseqüentemente, está aprendendo.

A entrevistada ressaltou que os professores não sugerem a leitura de livros, dando o conteúdo de maneira muito pronta. Deveriam dificultar mais e exigir a reflexão. Afirma que vai para a escola quando as matérias são prazerosas, onde o professor utiliza as vivências do dia-a-dia.

A aluna diz que o jovem, hoje em dia, tem muita liberdade, concedida pelas famílias e professores também, ocasionada pela impunidade da sociedade. Por isso, não

pensam no futuro. Conclui afirmando que o mercado de trabalho exige especialização e que os adolescentes devem se esforçar para atingir seus objetivos.

Entrevistado 3 – Tribo: UPV Brother's

O entrevistado define conhecimento como leitura, e esta proporciona a busca de novas informações do mundo. Comenta que gosta de pesquisar na internet sobre diversos temas. Estudar, para ele, tem um significado muito importante, sendo a especialização essencial no mundo do trabalho.

Comenta a importância de não só absorver os assuntos transmitidos pela escola, como também os de formação pessoal. Diz não se incomodar com “gozações” nos círculos de amizades, porque é tido como o “louco por estudo”. A afirmação é de que o presidente não estudou e chegou ao ponto maior. Mas, segundo o entrevistado, ele não pode ser usado como exemplo, pois hoje em dia as dificuldades são maiores.

Afirma que no Brasil existem pessoas com curso superior e desempregados. Argumenta que pode ser que eles não tenham aproveitado as oportunidades e os conhecimentos que obtiveram durante a vida. Não dá mais para pensar que apenas com o diploma estarão prontos para ingressar no mercado de trabalho. O caminho, afirma, é associado às boas relações de respeito que se deve ter para conviver em sociedade.

Comenta que a sigla UPV (Uns Piás Véios) surgiu porque são jovens com mentalidade de adulto. Assim, os amigos começaram a chamá-los dessa maneira. Mas salienta que os jovens de classe econômica mais alta não têm interesse nos estudos, dizendo que muitos vão para a sala de aula para brincar e atrapalhar.

O entrevistado afirma que o professor está na sala de aula para explicar e que a escola oferece as oportunidades, só que o conhecimento, nos “papos da turma”, não é enfocado. Isso, salienta, é porque eles têm dinheiro e não se dão conta que um dia pode terminar. Ressalta que o professor deveria conquistar os alunos bagunceiros, interagindo mais e transformando a aula produtiva.

Afirma que existe um preconceito em relação ao jovem, marcados pela rebeldia, teimosia e desinteresse por tudo o que é organizado, mas acredita que o jovem tem um grande potencial de transformar a sociedade para que seja mais justa e feliz, e as tribos são exemplos disso.

O entrevistado disse que as tribos surgiram para mostrar que todos são iguais, pensando diferente e que basta freqüentar qualquer uma, conhecer sua filosofia, para que as pessoas percam o preconceito de que são marginalizados.

Entrevistada 4 – Tribo: EMO

A entrevistada afirma que conhecer é saber um pouco de cada coisa, para crescer, amadurecer na convivência com as pessoas. Afirma que é no contato com outras pessoas que passamos a descobrir mais e conhecer mais, e assim sucessivamente.

A aluna comenta que não gosta dos grupos fechados em sala de aula, porque neles as coisas acontecem de forma isolada. A forma solidária é a melhor maneira de viver, pois com isolamento não há conhecimento.

Existe uma preocupação da entrevistada com relação à forma de passar o conhecimento. Disse que a aprendizagem acontece conforme a personalidade, o método e, também, pelo gosto do novo. Comenta que existem professores que se dedicam para tornar o ensino atraente. Quando não ocorre esse processo, não há aprendizagem.

Afirma que satisfaz sua curiosidade pesquisando na internet, mas ela também distrai o seu usuário. Sabe que a responsabilidade da busca do conhecimento é sua e que, diante das incertezas, vai ter que dar conta das atividades.

A entrevistada sabe que cresce na vida quem estuda e o mercado exige especialização constante. Sabe que muitos estão desempregados, apesar de possuir um bom nível de conhecimento, mas acredita que não existiu doação por parte deles.

A aluna vem para a escola para também se autoconhecer e diz que tem privilégio da escola oferecer condições para isso. Isso só favorece para que ocorra a aprendizagem, com entusiasmo.

Conclui dizendo que o limite do autoconhecimento está dentro de nós.

Entrevistado 5 – Tribo: Mauricinho

O entrevistado define conhecimento como estudo. Considera que, sem ele, você não é e não adquire nada. Comenta que o conhecimento é adquirido em todo o momento da vida; somente o formal é adquirido através da leitura e da escola.

Atualmente, diz ele, você, para ascender na vida, deve estudar e se aprimorar, diferente de antigamente, que era só demonstrar força de vontade. Discorda da visão do avô, que diz que o adolescente só quer fazer festa, mas ressalta que não são todos.

Afirma que tem um significativo número de amigos que têm consciência do progresso na vida e não têm tanta preocupação com festas (vão até cursar uma faculdade).

Comenta que recebeu uma educação dentro da ética e do respeito, coisas que não observa mais nos políticos do nosso país. Julga importante a utilização da internet, mas quando utilizada com reflexão.

Conclui dizendo que, se não tivéssemos tantas facilidades para adquirir conhecimento, talvez soubéssemos mais, pois o modo de construir o conhecimento somos nós que escolhemos.

Entrevistado 6 – Tribo: Nerds

Na concepção do entrevistado, conhecimento é saber, ou seja, é um acúmulo de informações adquiridas ao longo dos anos. Comenta que a escola contribui para a construção do conhecimento, mas o principal vem da não-alienação do indivíduo.

Afirma que a escola apresenta um conteúdo sem reflexão e o aluno não se dá conta do que está acontecendo. Diz que uma boa “construtora de conhecimento” é a internet, tanto como meio de comunicação, quanto de pesquisa.

Considera que há falhas por parte do professor, que não exige a leitura dos textos pesquisados. Suas aulas não são motivadoras e não tem prazer em investigar.

Para ele, conhecimento é uma forma de elevar o ser humano à ascensão social. Ele deve estar associado às vivências do dia-a-dia do aluno, senão transforma-se em alienação e cultura inútil. E hoje a escola trabalha nesse prisma, segundo ele.

Ressalta que gosta de buscar conhecimento e que pretende cursar uma faculdade.

Entrevistado 7 – Tribo: Gótica

Conhecimento é tudo que envolve o crescimento e o desenvolvimento no nosso dia-a-dia. Afirmo que a escola tem um grande percentual no desenvolvimento do conhecimento, principalmente formal. Reconheço que os jovens só chegarão à ascensão social através do conhecimento, e a recompensa é alcançar seus objetivos honestamente.

A entrevistada diz que a internet é o melhor meio de conhecer. Segundo ela, o mais inteligente é o jovem que domina a cibernética de hoje.

Ressalta que a família lhe cobra dedicação aos estudos, pois somente com eles vai alcançar seus objetivos.

Acredita que pertencer à tribo dos góticos não a prejudica na aprendizagem, pois o que os diferencia é a forma de se vestir e não a forma harmoniosa de viver.

Segundo ela, as tribos possuem transmissão e “compartilhamento” de conhecimento. Se as tribos não compartilharem isso, o conhecimento ficará somente fechado, sem significado.

A entrevistada diz que a integração com outras pessoas é o que enriquece o desenvolvimento pessoal. Sabe que muitos não se preocupam em ler e se aperfeiçoar. Eles querem aprender somente o que lhes desperta prazer e curiosidade. Acrescenta que a escola deveria explorar o aspecto metodológico que utiliza, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. Conclui que a escola tem uma grande arma em mãos: o aluno gosta de frequentá-la.

Entrevistado 8 – Tribo: Nerds

Para o entrevistado, conhecimento é saber mais, tanto em termos de cultura, quanto de convivência social. Segundo ele, a escola é uma das instituições que mais contribui para que se adquira o saber.

Afirmo que na escola, além do conhecimento formal, existe o relacionamento de vários outros, o qual ocasiona um desenvolvimento para toda vida.

Ressalta que hoje você tem que ter conhecimento na área que atua. Já existe dificuldade para quem tem nível superior, com uma base sólida. Mais ainda para quem não estuda.

Considera que, com a internet, as coisas ficaram mais fáceis e ágeis. Afirmo que, talvez por isso, muitos colegas passam o tempo em sala de aula brincando, sem pensar no futuro.

Salienta que alguns adolescentes não pensam no futuro e irão preocupar-se somente quando chegar. Deseja ter uma estabilidade financeira e ajudar a família. Portanto, quer estudar.

Considera importante o papel do professor, afirmando que o mesmo deve utilizar técnicas e metodologias dinâmicas para conquistar o aluno, pois este não aceita mais aulas expositivas, sem interação.

Na concepção do entrevistado, o surgimento das tribos nas escolas é a forma de demonstrar a revolta contra esse descaso com a educação.

Segundo ele, pertencer à tribo dos Nerds é ser inteligente, dedicado e esforçado. Acredita que os outros devem avaliar se ele realmente o é.

Conclui comentando que considera positivo o modo como as tribos se organizam, pois as pessoas são diferenciadas pelos seus ideais. Aglomeram-se pelos mesmos objetivos de vida.

Entrevistada 9 – Tribo: Patricinha

A entrevistada diz que conhecimento é aquilo de novo que tem na vida, que vai além, aprimorando e desenvolvendo habilidades, e que é necessário para todos.

Comenta que o mundo está exigindo cada vez mais profissionais especializados, atualizados e que almejem crescer na vida. Salienta que alguns jovens têm medo de inovar, talvez porque não saibam enfrentar as dificuldades que encontram no caminho.

Afirma que o novo assusta e faz perder a fé, fazendo-nos acreditar que somos incapazes. Essa insegurança faz o adolescente desistir dos sonhos. Ele precisa acreditar, sonhar e idealizar para tornar o mundo um “globo” de conhecimentos, com uma juventude transformadora.

Comenta que décadas atrás, conforme história dos pais, as coisas eram mais difíceis e que, atualmente, as pessoas se iludem com as facilidades e não dão importância aos estudos, o que desencadeia comportamentos reprováveis, na escola.

Salienta que, antigamente, o conhecimento era simbolizado pela aquisição de riqueza, já que era difícil alcançá-lo. Em consequência disso, era buscado com muita garra.

Na concepção da entrevistada, o grande mal do século é a internet, pois ninguém mais lê e pesquisa. A reflexão empobreceu. Ela é ótima quando usada com moderação, mas não é o que está acontecendo.

Afirma que, sem esforço para abrir horizontes para as oportunidades, os adolescentes não irão ascender na vida e tornarem-se independentes. Julga que muitas das frustrações dos jovens incluem o fato dele não desejar fazer a faculdade que os pais desejam, tornando-se temerosos e frustrados. Conclui dizendo que esse foi eu caso, ao ser obrigada a cursar o normal, mas que agora vai se esforçar para conseguir o que quer.

Entrevista 10 – Tribo: Gótica

A entrevistada afirma que conhecimento é uma gama de saberes e é obtido através das interações sociais. A partir do momento que o jovem considera interessante para sua vida, ele se supera.

A entrevistada salienta que a disciplina da sala de aula tem uma estreita ligação com o interesse no assunto. Ressalta que, se o professor souber conquistar seus alunos, a maioria desejará conhecer. Ela observa que o que a motiva a estar interessada na aula é o método que o professor utiliza, e a responsabilidade por tudo isso é do professor. Afirma ser necessário a escola refletir o que está acontecendo, já que considera que “fingindo” de ensinar não está mais satisfazendo os alunos em sala de aula.

Na concepção da entrevistada, essa situação tem gerado o surgimento de tribos urbanas. Estas adotam uma filosofia de que desejam conhecer aquilo que acreditam e que a internet é um meio que deveria ser explorado pelos professores com mais reflexão.

Comenta a entrevistada que, bem orientados os trabalhos solicitados, os alunos irão querer fazer, com interesse e boa vontade. Ao contrário, assiste-se ao desinteresse, que é notório no interior das escolas. Salienta que, quando os adolescentes acreditarem que só o conhecimento leva à ascensão social, levarão mais a sério a educação. Segundo ela, é só uma questão de maturidade. Comenta que é difícil uma jovem de quinze anos ficar em casa estudando, ao invés de sair para as festas. Ela também não nega a influência do grupo de amigos na adolescência, pois o desejo de estar junto é muito forte.

A entrevistada ressalta que o importante de tudo isso é saber o que se quer, para aproveitar as oportunidades da vida, já que não sabemos de tudo. A entrevistada conclui dizendo que o saber cobre o vazio de nossa vida e nos faz descartar o certo e o errado, e que só vai ser conhecimento quando soubermos aproveitá-lo.

Entrevistado 11 – Tribo: Mauricinho

O entrevistado define conhecimento como sendo o estudo para entender o mundo e o ambiente que nos rodeia. Salienta que a escola é um dos ambientes mais importantes que passam pela vida de uma pessoa. Ele diz que antigamente, segundo seus pais, somente com esforço, perseverança, as pessoas ascendiam na vida, mas que hoje não é o suficiente. Salienta que os pais insistem para que estude e se atualize constantemente.

O entrevistado comenta que a tecnologia proporcionou muitos avanços na ciência, e isso faz com que tenham que se especializar. Ele diz que a internet tem desempenhado um papel bastante importante, mas, ao mesmo tempo, acomoda o indivíduo. Nesse sentido, diz que lê muito pouco e somente clica o texto nas pesquisas solicitadas. Salienta que gosta muito de navegar na internet, mas lê somente o que lhe interessa e o que se sente motivado pelo professor. Afirma que, na roda de amigos, dificilmente conversam sobre conhecimento formal. Comenta que falar de estudo é coisa de CDF. Reforça a idéia de que português e matemática não têm utilidade para vida pessoal; já a de educação física, que é assim, movimento, gosta demais.

O entrevistado conclui que fará vestibular, pois tem uma preocupação muito grande com o futuro, mas que não sabe o curso que irá frequentar.

Entrevistado 12 – Tribo: UPV Brother's

O entrevistado disse que conhecimento se aprende com o tempo e a experiência. Afirma que o jovem está desinteressado em relação ao conhecer, mas não sabe o porquê. Comenta que, quando o adolescente tem mais liberdade para sair, acaba deixando de lado os estudos e pensa nas festas.

Ele afirma que o mundo das relações era mais fechado quando pré-adolescente e que aceitava tudo o que era imposto pelos pais e a escola. Agora, até não atingir a maturidade, não entenderá a responsabilidade que tem e a necessidade de estudar para ascender na vida.

O entrevistado diz que seus amigos comentam que o presidente chegou a um patamar maior sem estudo. Mas para mim, salienta, ele não é exemplo. É um em 180 milhões de brasileiros e, às vezes, nem por mérito seu e sim de seus assessores.

O entrevistado comenta que a sociedade valoriza as pessoas que se esforçam, são competentes e que devem aproveitar as oportunidades.

Conclui sua entrevista salientando que conhecer, para ele, é como respirar. Sem ar não se sobrevive; sem estudo, neste mundo competitivo, também não. Basta os professores incentivarem para que o processo ocorra.

APÊNDICE D – Entrevista transcrita dentro do método fenomenológico

Entrevistado 3 – Tribo: UPV Brother's

Conhecimento é leitura. Leitura é buscar novos conhecimentos do mundo para si, obtendo assim novas informações. Com isso, acredito que terei mais oportunidades de trabalho.

Gosto muito de obter informações, que se traduzem em conhecimento, nos sites de pesquisa da internet. Neles pesquiso assuntos como: economia, política, classes sociais, sobre preconceitos, pobreza.

Para mim é muito importante estudar, porque no mundo do trabalho, os “patrões” não querem mais pessoas que só saibam o essencial. Querem pessoas especializadas e que consigam desenvolver um bom relacionamento no emprego.

Por isso é importante não absorver apenas assuntos transmitidos pela escola, mas também aqueles que trazem uma formação pessoal.

Às vezes, em nosso círculo de amizades, sei que viro motivo de gozação, pois dizem que o Presidente Lula, no posto em que está, estudou até a 5ª série, porque eu, um “pobre mortal” vou querer estudar tanto?

O Presidente não é modelo para mim. Hoje em dia, honestamente, ninguém chega a um posto alto, sem estudo. Na vida, para conseguir algo tem que estudar.

Sei também, que o Brasil possui um alto índice de desemprego. Há pessoas (e ainda jovens) que possuem uma, duas, três faculdades e estão desempregados.

Sinceramente, eu acredito que ocorre isso porque, talvez, elas não aproveitaram as oportunidades que surgiram, ou talvez, na faculdade, não aproveitaram bem os conhecimentos que lhes passaram.

As pessoas, principalmente os jovens não pensam muito no amanhã. Temos amigos na faculdade, que “gazeiam” aula adoidado.

Acham que vão concluir o curso, e já estarão prontos para o mercado de trabalho.

Ao contrário, aí que começa a luta, a batalha para ingressar em uma chance de emprego. É especializar-se continuamente. Não existe outro remédio. Vejo meu pai que é assim.

Meu pai, desde pequeno, vejo seu esforço para crescer na vida. E cresci, ouvindo ele dizer que esforço e respeito é essencial para conviver com as pessoas. Respeito quando sei tratá-las. Esforço quando sou responsável por aquilo que me proponho a fazer.

No grupo de amigos que pertenço, no qual nos intitulamos UPV (uns piá véio) e o nome surgiu porque somos jovens, mas com cabeça de velhos, conversamos, às vezes, sobre alguns jovens por aí.

O que a gente vê é que alguns não querem mais nada com nada, principalmente aqueles que os pais tem dinheiro.

A maioria vai para o colégio brincar, não pensando que amanhã esse dinheiro pode terminar.

Eles não tem a mentalidade de um adulto, que é necessário emprego e dinheiro. Amanhã é amanhã.

Na minha sala de aula tenho colegas que, às vezes, dá raiva de tanta bagunça e brincadeira que fazem.

Acho que o professor deveria conquistar esses alunos, transformando as aulas mais produtivas, diferentes, fazendo com que eles consigam interagir com o resto da turma

Eu sei que existe na sociedade um preconceito a respeito dos jovens. Ele é “marcado” por sua rebeldia, teimosia e por ter desinteresse em relação ao conhecimento da escola.

Sei também, que o professor está aí para explicar e que a escola oferece oportunidades para adquirir novos conhecimentos. Só que, dependendo da ocasião, o assunto de escola é deixado de lado nos papos da turma.

Mas, ao meu ver, tem muitas coisas que, além desse conhecimento formal, os jovens contribuem para uma sociedade mais justa e feliz. Pelo menos, eu me vejo assim.

As tribos urbanas são exemplos disso.

Elas são legais, porque quem inicia na tribo, começa a conhecer a sua filosofia e acaba perdendo o preconceito de que são pessoas marginalizadas. Afinal, cada um tem sua forma de expressar-se.

As tribos surgiram para mostrar à sociedade, que todos são iguais, pensando de maneira diferente. Não é porque gostamos de música, de navegar ou nos vestir de forma diferente, que deixaremos de nos preocupar com o conhecimento. Ao contrário, apenas estamos preocupados com essa sociedade cada vez mais preconceituosa e que, às vezes, se comporta de maneira hipócrita.